SHOWBIZ

5561/1 • ANO 12 / Nº 11 • NOVEMBRO • EDIÇÃO 136 • R$ 5,00

ESPECIAL

onze anos com Renato Russo

- o ídolo conta sua história
- a poesia que mudou o Brasil
- os últimos dias do cantor

nasce um mito

GEDDY LEE, do RUSH
"Somos como os Três Patetas"

PET SHOP BOYS no dendê

MÔNICA ARAÚJO
A Boa herança da Jovem Guarda

Tango a três:
MADONNA,
Paulo Coelho e
o presidente **Menem**

A volta do Echo & The Bunnymen ao Brasil

SHOW BIZZ

Edição Histórica

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Os 100 melhores discos da década

a obra-prima de Kurt Cobain

RADIOHEAD • METALLICA • U2
PEARL JAM • RAIMUNDOS • BECK
SKANK • OASIS • BEASTIE BOYS

R$ 5,00
SS61/1 EDIÇÃO172
ANO 15 Nº 11
NOVEMBRO 1999

Ao Vivo: Chili Peppers, The Cult, Engenheiros

Abril

Ao vivo: SMASHING PUMPKINS, PRODIGY, BARÃO VERMELHO

SHOW BIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

BLACK SABBATH
A maior banda de rock pesado está de volta

RACIONAIS
desprezam a fama

O que houve com a voz de MARINA?

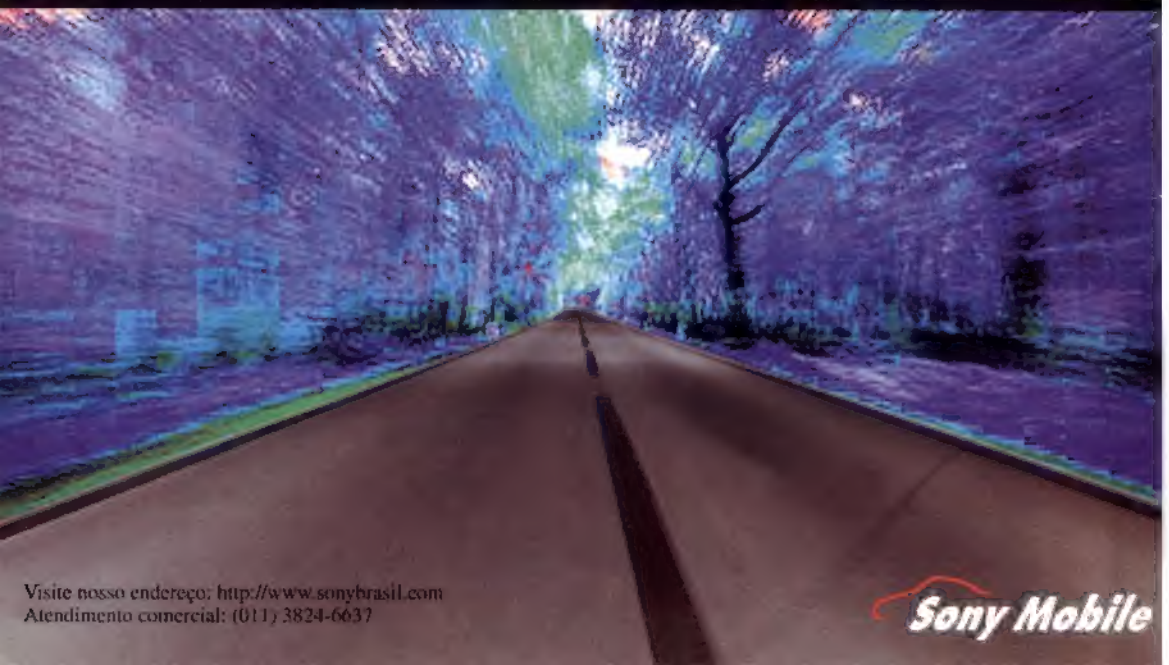
A fascinante história de BOB MARLEY

Sai no Brasil sua mais completa biografia
Hollywood filma a vida do mito

5561/1
ANO 14 Nº 9
SETEMBRO 1998

SONY

Movido A Velocidade Digital Sony



Visite nosso endereço: http://www.sonybrasil.com
Atendimento comercial: (011) 3824-6637

Sony Mobile

Editorial&Sumário

12 Bob Marley
A história fascinante do mito sai no Brasil em livro e vira filme em Hollywood

22 Racionais no confronto
O grupo esnoba a mídia e pensa em parceria com Escadinha

28 A nova voz de Marina
Problemas emocionais, silêncios e uma mudança sensível

32 Black Sabbath original
Ozzy Osboume fala sobre a reunião do supergrupo de rock pesado

38 Jards Macalé
A volta do autor de "Vapor Barato"

44 A doida vida de Brian
Brian Wilson, ex-líder dos Beach Boys, volta a ser genial

50 Van Halen inesquecível
A primeira visita ao Brasil, em 1983

52 O incontrolável Prince
O astro de 2 mil canções inéditas

56 Sepultura aprovado
Fãs vibram com show de estréia do novo vocalista no Brasil

A saga de Robert Nesta Marley (1945-1981), conhecido em todo o planeta como Bob Marley, é uma das histórias mais fascinantes deste século. Menino do interior da Jamaica, uma pequena ilha do Caribe, foi iniciado nas feitiçarias africanas pelo avô, fez-se homem na favela de lata da capital, Kingston, e esteve a um passo da delinqüência. Mas suas canções libertárias e místicas o transformaram no primeiro astro pop do Terceiro Mundo e o fizeram ser respeitado como uma espécie de líder político-religioso.

SHOWBIZZ aproveita o lançamento no Brasil da mais completa biografia de Marley, *Catch A Fire* (sob o título *Queimando Tudo*), e a notícia de que o livro será filmado por Hollywood, para investigar detalhes polêmicos e curiosos da vida do mito.

Esta edição inaugura um novo projeto gráfico e traz um brinde especial: o primeiro volume de Discoteca Básica, guia com 100 CDs que não podem faltar em sua coleção, baseado na seção mais tradicional de SHOWBIZZ. O segundo e último volume vem grátis com a próxima revista, em outubro.

Pedro Só

sempre em showbizz

4 CARTAS
Palmas para Madonna e polêmicas sobre Racionais MC's e Sepultura

6 INFORME BIZZ
Pérolas de Elis Regina e Nara Leão em CD; Foo Fighters vêm ao Brasil

59 DISCOS/CRÍTICA
Beastie Boys, Maxwell, Cazuza

72 LETRAS TRADUZIDAS
"I Don't Wanna Miss A Thing", o baladão do Aerosmith

74 AO VIVO
Barão, Smashing, Verve e Prodigy

80 DEMOCRACIA
O novo rock gaúcho

82 DISCOTECA BÁSICA
Blow By Blow, de Jeff Beck

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Kurtis Blow – *Greatest Hits*
Coletânea com catorze sucessos do pioneiro do rap.

Beth Carvalho – *Pérolas Do Pagode*
Clássicos do samba que saiu de Ramos, no Rio, para ganhar o Brasil. Participação de Zeca Pagodinho.

Neil Young – *On The Beach*
Clássico do cantor canadense que ainda não saiu em CD. É de 1974 e traz blues e rocks cheios de ironia e amargura.

Clara Nunes – *Clara Nunes* (1974)
A grande sambista interpreta maravilhas, como "O Que É Que A Baiana Tem" (Dorival Caymmi) e "Alvorecer" (Dona Ivone Lara).

Cartas

Escreva para SHOWBIZZ:
Caixa Postal 66157,
CEP 05315-970, SãoPaulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Carta do mês

Madonna está simplesmente maravilhosa aos 40 anos! Admiro muito esta ousada cantora, que não poupou esforços para chegar à fama, fez o que deu na telha e arrebentou. Só acho que ela não deveria ficar se culpando pelas atitudes passadas; realmente, a garota que cantava "Like A Virgin" não parece a mulher que canta "Ray Of Light", mas se, naquele momento, era aquilo que ela queria mostrar, conseguiu. Os que a criticaram, hoje vêem uma mulher que é o que é porque fez o que queria no momento que queria, e enfrentou todos os preconceitos por cantar o sexo e ao mesmo tempo chegar ao ápice do pop.
Flávia Carvalho de Assis – São Paulo, SP

Madonna 4.0

4.0 não é brincadeira, moçada. Tem gente de 30 por aí caída das pernas, cantando sentada em banquinho! Só acho que havia outros visuais "Ray Of Light" mais legais para a capa. Mas tudo bem, o importante é que a eterna diva teve seu mérito reconhecido!
Daniel Borges – Vitória da Conquista, BA

Levei um baita susto quando abri minha revista. Madonna aos 40 está a cara de Wanderléa.
Jorge Reis – Belém, PA

Polêmicos Racionais

Muitos acham que as letras dos Racionais MC's estão começando a ser compreendidas pelos jovens da classe média e rica. Enorme engano. Estudo num colégio particular, estávamos fazendo um jornal na classe e tínhamos de escolher um assunto. Propus que falássemos sobre os Racionais.
A classe vaiou, o professor não deu bola. Fazer o quê? Deus (a quem os Racionais louvam com razão) faz o mundo girar: logo em seguida houve a premiação da MTV.
Renan B. K. – Sorocaba, SP

O que é isso? Os Racionais MC's estão com uma música que passa a sensação de haver uma guerra civil, como se brancos e negros, ricos e pobres precisassem se odiar. Vamos exaltar a conscientização política das pessoas e não o ódio entre elas.
Simone Coutinho – Rio de Janeiro, RJ

Sepultura & Soulfly

Fiquei decepcionado com o novo Sepultura, tanto no VMB 98 quanto no show no Anhembi, em São Paulo. Nos vocais está acontecendo algo parecido com o que aconteceu com o Iron Maiden: muitas músicas foram feitas especialmente para o Max cantar, assim como para o Bruce Dickinson no Iron. Derrick Greene se esforça, mas não chega aos pés de Max. Igor Cavalera, na minha opinião, o maior batera da atualidade, continua imponente, assim como Andreas, mas falta alguma coisa. O disco do Soulfly é o que existe de mais perfeito após o *Roots* do Sepultura: o espírito tribal e atitude nos vocais continuam os mesmos. Max era o Sepultura, e não deveria ter saído da tribo, mas está no caminho certo.
Alécio Grzybowski Jr. – Curitiba, PR

Selvagem básico

Parabéns pela ousadia. Colocar o *Selvagem?* dos Paralamas na Discoteca Básica *(edição de agosto)* é uma atitude de alguma coragem da revista. Espero agora ver nessa seção o já consagrado *Cabeça Dinossauro*, dos Titãs, eleito melhor disco do pop/rock nacional de todos os tempos em enquete publicada em SHOWBIZZ no ano passado.
Clayton Reis Rodrigues – Porto Alegre, RS

Forrozeiros em ação

Gostei da reportagem "Arretados do Sudeste", e da atitude do pessoal do Sudeste ao valorizar o forró pé-de-serra. Sou nordestino e não dou valor a essas bandas atuais de forró modernizado (oxente music), principalmente as que vertem as músicas internacionais para o gênero, como a banda Noda de Caju, que fez isso com "Dancing Queen", do ABBA, e "Time After Time", da Cindy Lauper. Estragaram as músicas.
Wagner Rogério da Silva – Maceió, AL

Fiquei enfurecido com a reportagem "Arretados do Sudeste" *(edição de agosto)*. Aqui no Rio, o Metropolitan abriu pela primeira vez suas portas para o forró convidando as bandas Magníficos e Limão Com Mel, esta acompanhada por Alceu Valença. Depois de constatar a lotação máxima da casa com esses shows, veio o convite para o Forróçacana, citado na matéria.
Leonardo Dias Silveira – Rio de Janeiro, RJ

Jeff Buckley

Se há uma coisa que devo creditar a SHOWBIZZ é o fato de ter sido, em sua edição de agosto de 1995 (uma crítica sobre o álbum *Grace*), o primeiro lugar em que ouvi falar de Jeff Buckley. Infelizmente, só voltei a ter notícias sobre Jeff na imprensa quando aconteceu sua trágica morte. Desde então, a única coisa a fazer foi aguardar o lançamento de *Sketches For My Sweetheart The Drunk*, que ocorreu em maio deste ano. E mais uma vez a SHOWBIZZ se adianta e faz uma boa matéria sobre ele.
Jeff era músico de complexidade e riqueza incomparáveis, que deve ter seu nome sempre lembrado, e seus discos sempre recomendados.
Ele teve pouco tempo, mas aproveitou bem suas habilidades e sua capacidade de emocionar quem se dispunha a ouvi-lo.
Márcia Valadares – Belo Horizonte, MG

Viva, Radiohead

Andava meio desanimado quando o assunto era rock. A maior banda do século acabou com o suicídio de seu gênio, Kurt Cobain. Tentei as novas bandas dos ex-Nirvana, e nada. Desisti. Ligo a MTV e vejo uma música sublime, que tem uma letra melancólica. Apaixonei-me na hora. Quem? Radiohead. Espero que Thom Yorke não se mate também!
Rafael Siqueira – Mogi das Cruzes, SP

Ligado no AC/DC

Preciso desesperadamente da discografia do AC/DC.
José Alberto Lima – Franco da Rocha, SP

Os lançamentos oficiais do AC/DC são: High Voltage *(1976)*, Let There Be Rock *(1977)*, Powerage *(1978)*, If You Want Blood, You've Got It *(1978)*, Highway To Hell *(1979)*, Back In Black *(1980)*, Dirty Deeds Done Dirt Cheap *(1981)*, For Those About To Rock We Salute You *(1981)*, Flick Of The Switch *(1983)*, '74 Jailbreak *(1984)*, Fly On The Wall *(1985)*, Who Made Who *(1986)*, Blow Up Your Video *(1988)*, The Razor's Edge *(1990)*, Live *(1992)*, Ballbreaker *(1996)*

Correções

- Na reportagem "A Estrela Continua Subindo", sobre Madonna (na edição passada), a segunda foto da página 16 é identificada como sendo de 1978, quando na verdade é de 1973.
- O álbum *Thriller* não é de 1983 (página 20), saiu em dezembro de 1982.
- O lançamento de *Ray Of Light* ocorreu em março de 1998, e não de 1997 (página 21).
- As bandas Magníficos e Limão Com Mel, citadas na reportagem "Arretados do Sudeste" (página 26), são, respectivamente, paraibana, e pernambucana.
- A foto publicada na página 34 da edição de julho como sendo de Cassiano quando integrante do grupo Os Diagonais retrata, na verdade, Marcos, que o substituiu na formação. E o nome do sucesso do grupo Bryllho, de Claudio Zoli, é "Noite Do Prazer".

Fã-clubes

All Saints - All Saints Zone
R. Gonzaga, 190 – São Leopoldo
RS - CEP 93020-040

Sepultura - Sepultura Official Brazilian Fan Club
Caixa Postal 07914
CEP 05372-040 – São Paulo, SP

Sonic Youth - Junk Mail
Rua Napoleão Teixeira de Macedo, 45 apto. 2
CEP 50770-540 – Recife, PE

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Abril.com: Mamas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Redator Chefe: Pedro Só
Editor: Sérgio Martins
Repórter: Letícia Calmon
Editor de Arte: Renato Yada
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) André Barcinski, André Goedert, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Daniel Benevides, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, DJ Hum, Hagamenon Brito, Ivan Mizoura, Marcelo Ferla, Márcio Pinheiro, Mônica Scaramuzzo, Paulo Cavalcanti, Paulo Vieira, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon (Fotos) Daniela Dacorso, Jorge Rosenberg, Luiza Ferreira, Marcelo Ximenes, Pedro Serra, Rui Mendes (Ilustração) Cobiaco (Revisão) Jorge Cintra

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza

Comercial
Diretoria Comercial: Angela Marsiaj
Gerente de Circulação e Promoção: André D'Amato

Publicidade
Diretoria de Publicidade: Thais Chede S. B. Barreto
Gerente de Vendas: Renato Fonseca Scolamieri
Executivos de Conta: Júlia Maria G. Perina, Márcia Regina Braga
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth Rocha, Simone de Souza

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Planejamento e Controle
Glaucio C. Barros
Processos
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Ventoroso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*; José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Informe Bizz

Herbert Vianna e Bi Ribeiro, sem pressa, preparam disco acústico

Desplugados em brasa

Diante de oitenta felizardos, no bar Supremo, em São Paulo, os Paralamas deram uma prévia do que promete ser um dos grandes projetos de 1999. Em março ou abril – "ou quando a gente achar que está pronto", segundo Bi Ribeiro –, o trio registra o show desplugado que vem fazendo há quase um ano, em pequenos espaços, no esquema "surpresa". Fugindo da fórmula dos discos acústicos com grandes sucessos emperiquitados por arranjos de cordas, o disco pode vir junto com um documentário dirigido por Andrew Waddington, da Conspiração Filmes, sobre o rock brasileiro dos anos 80. Este ano o belo trabalho em preto-e-branco de "Ela Disse Adeus" rendeu cinco prêmios ao cineasta carioca – incluindo Clipe do Ano, o mais importante (depois, é claro, da Escolha da Audiência, faturada por "Diário De Um Detento", dos Racionais MC's, filmado por Maurício Eça).

No Supremo, os Paralamas, grupo mais premiado ao longo dos quatro anos de VMB, tiveram a companhia de Dado Villa-Lobos, integrante habitual dessa formação acústica. Arnaldo Antunes (que havia filmado depoimento naquela mesma tarde) fez uma bela participação especial, cantando "Sossego", de Tim Maia. Com os metais em brasa e um batuque matador (além do baterista João Barone e do percussionista Eduardo Lira, o piano de João Fera e o próprio Herbert Vianna, batendo na madeira do violão), o tom dos arranjos foge dos clichês banquinho-e-violão-com-cordas-sofisticadas. O repertório, sem obviedades, incluiu uma bela versão de "Feira Moderna", de Beto Guedes. "Coisa de quem ouviu muito Nacional FM", explicou Herbert, lembrando uma saudosa emissora carioca do começo dos anos 80.

A vez da voz

Em tiragem limitada (5 mil exemplares), e por um preço pouco acessível (300 reais), a caixa *Transversal Do Tempo* é uma orgia sonora para os fãs de Elis Regina (1945-1982): contém os 21 CDs que ela lançou pela PolyGram de 1965 a 1979. É o filé dessa grande voz do Brasil: inclui o clássico *Elis Regina E Zimbo Trio* (1965), a Elis quase soul de *Como E Porque* (1969), a tropicalista de *...Em Pleno Verão* (1970) e a totalmente soul de *Ela* (1971), todos de inegável atração para a nova geração que curte a onda *lounge*. A fase mais MPBzona também tem pérolas: *Elis & Tom* (1974), as mineiridades de *Elis* (1974) e *Elis* (1977, com "Romaria") são apenas duas delas.

É possível, porém, comprar avulsamente o melhor desse imenso balaio, associando-se ao MusiClub (informações pelo tel. 011/3037-2600), que está vendendo quase toda a discografia de Elis Regina: são 29 títulos, incluindo *Vento De Maio*, com fonogramas do único disco que ela gravou para a EMI, em 1980, coletâneas, os três volumes de *No Fino Da Bossa Nova* (exumado em 1994) e o clássico *Elis, Essa Mulher* (1979), com maravilhas da dupla Aldir Blanc e João Bosco.

As diversas fases de Elis, à disposição pelo MusiClub

Foto: Divulgação

Nara Leão reaparece em CD

Paulo Salomão

Nara e bossas

Com exclusividade, o MusiClub também está disponibilizando uma série de CDs de bossa nova de alto valor histórico. Nara Leão (1942-1989), cantora injustamente pouco lembrada, está presente no pacote com um LP belíssimo, apesar de não ser autenticamente da época: *Dez Anos Depois*, de 1971. *Wave* e *Tide*, de Tom Jobim, que estavam fora de catálogo, *A Bossa Dos Cariocas* e *O Som Dos Gatos*, com o grupo que revelou Eumir Deodato (arranjador de Björk e Titãs), também são boas pedidas. E há ainda um delicioso *De Vinicius E Baden Para Cyro Monteiro*, com um dos maiores cantores de samba de todos os tempos.

Foo Fighters no Brasil

O grupo liderado por Dave Grohl, ex-baterista do Nirvana, é a grande atração da quarta etapa do festival Skol Rock, programada para dia 19 de setembro no Metropolitan, Rio de Janeiro. Também estão previstas apresentações em São Paulo e em Curitiba (até o fechamento desta edição, ainda não haviam sido definidos os locais). Os shows fazem parte da turnê do CD *The Colour And The Shape*, de 1997. Enquanto elabora material para o próximo álbum, Dave Grohl mantém-se ocupado em projetos alheios: vai participar do primeiro esforço solo de Tony Iommi, guitarrista do Black Sabbath (que também deve ter a participação de Billy Corgan, dos Smashing Pumpkins), e da estréia da banda Earthlings, liderada pela cantora folk/alternativa Victoria Williams. Recentemente Grohl ainda arrumou tempo para sua primeira incursão como jornalista, entrevistando os ex-Led Zeppelin Robert Plant e Jimmy Page para a revista americana *Raygun*.

Dave Grohl toca no Brasil

Ian Brown acha vida após os Stone Roses

Polygram

Macaco no seu galho

O marasmo criativo que assombra o pop britânico passa longe de **Ian Brown**. Ex-vocalista dos Stone Roses, o popular "macaco" (apelido de infância) conseguiu sair da sombra da antiga banda com o álbum solo *Unfinished Monkey Business*. "Todos chupam Beatles, The Jam... Eu pelo menos gosto de James Brown, de hip hop e até de mariachis", diferencia ele. Uma década atrás, os Stone Roses sacudiam o Reino Unido com "Fool's Gold", rock com batidas eletrônicas que deu o alvará para Chemical Brothers & agregados. Noel "Oasis" Gallagher chegou até a declarar que "sem os Roses não haveria Oasis", tamanha a influência do quarteto de Manchester. Mas os Roses nunca conseguiram reeditar o sucesso inicial. "Muitas drogas, cara! O baterista teve crise nervosa, o guitarrista (*John Squire, hoje nos Seahorses*) pirou e até hoje pensa que está no Led Zeppelin e eu tive problemas com a voz", desabafa. *Unfinished Monkey Business* traz colaborações de velhos companheiros da banda (o baixista Mani, o guitarrista Aziz, que entrou no lugar de Squire), mas Ian prefere manter distância dos Roses. "Em meus shows as pessoas pedem 'Fool's Gold'. Finjo que não ouço." Seus novos projetos incluem uma parceria com o incensado DJ Shadow e... uma vinda ao Brasil! "Sonho com isso desde pequeno. Gostaria de conhecer a tetra de Jairzinho e Tostão."

Mangue brega

A cena pop do Recife reverencia o verdadeiro rei do brega. Sai em novembro a coletânea *REIginaldo Rossi*, que reconduz ao trono o cantor pernambucano Reginaldo Rossi. Autor de clássicos do gênero como "A Raposa E As Uvas", "Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme" e "A Idade Do Lobo" – e também de "Recife", inacreditável versão do hino hippie "San Francisco (Be Sure To Wear Some Flowers In Your Hair)", ele foi roqueiro brasileiro nos tempos da Jovem Guarda e reinou em programas de auditório nos anos 70. O CD tem produção de Zé da Flauta, antigo colaborador de Alceu Valença, e sai pelo selo Mangroove, de Paulo "Abril Pro Rock" André. No balaio, entre outros, Lenine entoando "A Raposa E As Uvas", Cascabulho com "Borogodó", Zé Ramalho em "Você Maltratou Meu Coração" e mundo livre e Querosene Jacaré reescrevendo respectivamente as clássicas "Mon Amour..." e " Tô Doidão".

Reginaldo Rossi, um brega cult

Art Ugly

Trilha matadora

Quem viu (e gostou) do bom *Os Matadores*, longa de estréia do cineasta Beto Brant, não pode perder seu segundo trabalho, *Ação Entre Amigos*, que está entrando em circuito nacional. Elemento fundamental na narrativa, a caprichada trilha sonora assinada por André Abujamra, líder do grupo The Karnak, interage intensamente com as imagens. "Já havia trabalhado com o Beto em *Os Matadores*. Acho que damos certo porque ele não me obriga a seguir tendências e me dá carta branca total. Dessa vez misturei referências setentistas, como Led Zeppelin e Jimi Hendrix, a jungle com guitarras e violão duelando com sax", define o músico.

Cena do filme *Ação Entre Amigos*

Eliana Coster

The Karnak vai bem, obrigado. Após bem- sucedidos shows nos EUA e no Canadá, o grupo planeja investir mais na carreira além-mar. "Tivemos boas críticas até no *New York Times*, o que estimula a mostrar o trabalho no exterior", conta Abujamra.

Cassiano volta com "Maldito Celular"

Helena Severino

Cassiano grava

Depois de sete anos longe dos estúdios, o autor de "A Lua E Eu" levou sua guitarra Fender até o Chorus, em Laranjeiras, no Rio, para registrar duas novas composições. "Maldito Celular" e "Pérola" trazem o talento de **Cassiano** em arranjos complexos e delicados malabarismos vocais, com o acompanhamento do tecladista William Magalhães (filho de Oberdan Magalhães, da Banda Black Rio). O resultado está chegando às gravadoras no formato de um CD demo.
Pela primeira vez, o velho soulman usou computadores na elaboração dos arranjos."Claro que prefiro trabalhar com músicos, mas a máquina pode executar tudo que eu penso sem reclamar", explica Cassiano. Os tempos bons do soul nacional não perdem por esperar: William Magalhães articula também uma nova encarnação da Banda Black Rio.

frases

"A gente até poderia voltar. Há pouco, Peter Gabriel, Phil Collins, eu e Mike Rutherford gravamos uma nova versão da música 'Carpet Crawlers' para a recém-lançada caixa *Archive 1967-75*. Mas acho que o momento é ruim: até o Phil Collins anda em baixa no rádio hoje em dia"
Tony Banks, tecladista, do Genesis, cheio de vontade de voltar com a formação original do grupo

"Por que não?"
Peter Hook, baixista do New Order, explicando a reunião do grupo inglês que marcou os anos 80

"Suco de laranja em cima do meu amplificador!? Tirem isso daí e tragam uma bebida de verdade!"
Bernard Sumner, guitarrista do New Order, no primeiro show depois da volta, em Manchester

"Sou o último dos moicanos. Dêem graças a Deus por eu ainda estar aqui. Frank Sinatra, Sammy Davis Jr. e Elvis já se foram..."
James Brown, 65 anos, mandando recado aos fãs que reencontrou em sua recente turnê pela Inglaterra

"Vocês vão ter uma noite muito louca!"
Garth Brooks, símbolo da música country "careta" dos EUA, antes do show para 60 mil pessoas na Festa do Peão Boiadeiro

"Estou louca para conhecer minhas sósias transexuais"
Stevie Nicks, cantora do Fleetwood Mac, anunciando sua presença numa festa fechada com mil de suas fãs "especiais"

Sony Pictures

"Peter Murphy começou a aquecer a voz cantando versos do Corão: sabe como é, ele agora mora na Turquia e virou muçulmano"
David Jay, baixista do Bauhaus, contando como o grupo gótico dos anos 80 voltou a tocar junto, nos ensaios de sua corrente turnê de reunião

Ditador amigão

Mick Hucknall: o Simply Red é ele e é dele

"Gosto tanto de reggae que criei o selo Blood & Fire só para relançar clássicos do gênero. Para o futuro, vou lançar um disco de dub *(o reggae mais viajante, com efeitos de eco e reverberação)* com faixas do Simply Red remixadas por produtores como Lee Perry e Adrian Sherwood." Assim o ruivo cantor inglês Mick Hucknall, líder do Simply Red, traduziu à SHOWBIZZ sua paixão pelo ritmo jamaicano. Hucknall esteve no Brasil para o lançamento de *Blue*, último CD do grupo: "A despeito do nome *Blue* ("triste"), é um trabalho otimista. Na época de *Life* (1995) eu estava com problemas pessoais e segui receitas de sucesso, por isso o resultado não saiu bom. Quando a turnê acabou, mandei a banda toda embora", conta. Entre em campo Hucknall, o tirano: "Eu tenho uma postura ditatorial. Sempre dou a última palavra. Mas quem trabalha comigo tem liberdade total para ajudar nas composições. E sou amigo de todos que já passaram pela banda". Hucknall, Gota Yashiki (bateria), Andy Wright (teclados) – o Simply Red de hoje é um trio. "Inspiração. Essa é a principal vantagem em trabalhar assim. Tanto que já tenho nove músicas prontas para o próximo disco, que começamos a gravar em novembro."

Homenagem negada

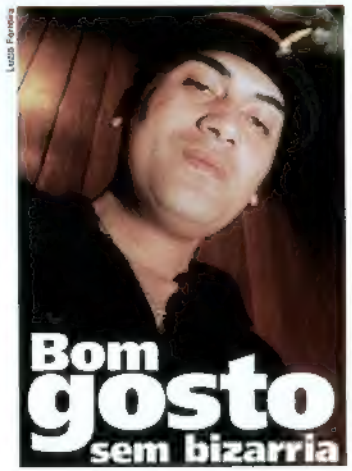
Renato Russo não virou nome de casa de cultura paulistana

Dois ídolos, duas medidas. Recentes projetos do vereador paulistano Alberto "Turco Loco" Hiar propunham que a Casa de Cultura do Ipiranga e a Casa de Cultura Tendal da Lapa, em São Paulo, mudassem de nome para Chico Science e Renato Russo, respectivamente. O primeiro foi oficializado como lei por meio da chancela do prefeito Celso Pitta.

O segundo, não foi – e pode esperar anos a fio até ser votado em plenário. Em seu parecer, o prefeito alega que, além de o nome Tendal da Lapa atender a razões históricas, o prédio pertence ao município e não cabe a membros da Câmara Municipal legislar sobre ele. "Não tenho restrições ao nome de Renato Russo e acho justa a homenagem", argumentou Pitta.

Em tempo: a Casa do Ipiranga também é municipal.

No Rio, a gravadora EMI não confirma, mas o *Acústico* que a Legião gravou para a MTV pode finalmente virar CD em dezembro...


Lucia Fonseca

Bom gosto sem bizarria

A velha história do menino que saiu do subúrbio sujo, pobre e violento e caiu no mundo aconteceu de novo. Com o single "How Bizarre", o cantor, compositor, baixista, guitarrista, baterista e DJ Pauly Fuemana estourou nas paradas neozelandesas e australianas no verão de 1996.

"Tentamos entrar no Brasil naquela época, mas a gravadora achou cedo", conta, sem nem levantar os olhos, o tímido Pauly, ou, como é mais conhecido, OMC. A sigla vem do tempo em que ele cantava no grupo Otara Millionaire Club, ironia ao subúrbio paupérrimo de Auckland, onde morava. "A gente formava uma gangue, praticava pequenos roubos, zoava o bairro. Hoje pago pelo meu passado, as pessoas acham que eu sou o *bad boy*." Regenerado, Pauly despediu o resto do OMC por má conduta. "O pessoal só queria saber de groupies e drogas. Preferi seguir sozinho." Sozinho, ele conta que quis desenvolver um álbum com a diversidade musical de Beck e Cafe Tacuba (grupo mexicano). "Misturo o bate-estaca dance com boas harmonias ao violão porque é isso que procuro quando compro um CD", explica.

De volta à garagem

Depois de encaixar a faixa "Untitled" na trilha de *Godzilla*, o trio australiano Silverchair voltou literalmente para a garagem e de lá saiu com "A Música Em Que Daniel Se Cortou No Final" e "A Música Em Que Ben Desacelera", títulos provisórios (e bem-humorados) de faixas de seu terceiro CD, que sai no começo de 1999. As sessões aconteceram na garagem da casa do baterista Ben Gillies, onde o grupo se trancou para compor.

"O disco é um passo adiante de *Freakshow*, que foi um passo adiante de *Frogstomp*. Ou seja, continuamos fiéis à guitarra", resumiu Gillies, que recentemente engajou-se na campanha *Rock Enroll*, criada para atrair jovens australianos às urnas nas próximas eleições. O selo Murmur, do Silverchair, segue contratando bandas da nova safra do rock australiano (Something For Kate, Ammonia, Jebediah, Peach, Violetine) e acaba de lançar a trilha sonora do filme *Head On*, que inclui um remix do sucesso "Freak".

Silverchair: banda de garagem milionária

notas

Crime compensa

Da Game Is To Be Sold, Not To Be Told é o nome do terceiro CD de Snoop Doggy Dogg, astro do gangsta rap (o rap bandido) americano. Traduzindo: "o jogo não é ser mandado, é ser vendido". Snoop, que em 1995 gastou um milhão de dólares para se livrar da acusação de cúmplice num homicídio, pratica o que prega: com o disco em primeiro lugar na parada, vai atacar de ator em *Bones*, uma comédia sobre um fantasma vingativo.

Ofuscados

Dio

Em Nova York, abrindo para o Iron Maiden, o astro inglês Ronnie James Dio (ex-Black Sabbath) fez o público vibrar mais do que a atração principal. Com a voz do cantor Blaze Bayley falhando, o show do Maiden foi interrompido por gritos de "Dio!" e "Toca uma coisa boa!" Em Londres, o guitarrista Richie Sambora teve sua apresentação solo eclipsada por uma participação de Jon, seu patrão no Bon Jovi. O cantor subiu ao palco para uma versão de "Never Say Goodbye".

Retorno melado

Para desespero dos fãs da cantora Debbie Harry, o grupo new wave Blondie não volta tão cedo. Dois ex-baixistas, Frank Infante e Nigel Harrison, estão processando Debbie e os outros integrantes: querem mais dinheiro dos royalties.

Pearl Jam

Crise em Seattle

Pela primeira vez, desde que lançou o primeiro álbum, o Pearl Jam não fez show lotado em sua cidade. A ex-meca roqueira estava toda mobilizada para ver um megaconcerto do ídolo country Garth Brooks, rei da Festa do Peão Boiadeiro deste ano, em Barretos (SP).

R.E.M. sem turnê

Lançando o álbum *Up*, o R.E.M. – agora um trio, sem o baterista Bill Berry – avisa que não vai excursionar.

O fogo eterno de Bob Marley

Prestes a virar filme, sai no Brasil *Queimando Tudo*, mais completa biografia do ídolo jamaicano

por Sérgio Martins

"Por volta de 2096, quando as nações do Terceiro Mundo tiverem dominado as grandes potências, Bob Marley será reverenciado como um santo." Essa afirmação não saiu da boca de um rastafari de olhar contemplativo, extasiado pelo excesso de ganja e misticismo. Ela leva a assinatura de Jon Pareles, respeitado crítico do matutino americano *New York Times* e grande entusiasta da música do Terceiro Mundo – fã declarado de Tom Jobim e Caetano Veloso. O jornalista é apenas mais um a se deixar encantar pelo fenômeno Bob Marley. Músico, poeta, revolucionário, místico, o cantor jamaicano, morto prematuramente em 11 de maio de 1981, aos 36 anos, segue espalhando sua história pelo mundo afora.

O Brasil prepara-se para ver (ou melhor, para ler) pela primeira vez *Catch A Fire*, essencial biografia sobre Bob Marley, que será lançada aqui em dezembro pela editora Record com o canábico título *Queimando Tudo*. Escrita pelo jornalista americano e editor-chefe da revista *Billboard* (a bíblia da indústria fonográfica americana), Timothy White, a obra disseca boa parte da história da Jamaica e os diversos caminhos musicais tomados pela ilha até desembocar no reggae; decifra também o rastafarianismo *(veja quadro na página ao lado)*, complicada filosofia seguida por Bob e seus companheiros, e explica quem foi o imperador etíope Hailé Selassié, figura sagrada para os rastafari. E, claro, presenteia o leitor com um relato minucioso e por vezes fantástico (afinal, o misticismo permeia tudo em Marley) da vida do maior *superstar* do Terceiro Mundo. "Entrevistei e escrevi sobre Bob mais do que qualquer outro jornalista americano", garante White.

Catch A Fire deverá ganhar uma versão cinematográfica até o ano 2000 *(veja boxe na página 16)*. A Warner comprou os direitos do livro e prepara um filme a ser dirigido por Ron Shelton (de *Homens Brancos Não Sabem Enterrar*). No Brasil, Gilberto Gil promete um disco-tributo a Marley, só com canções dele, para o ano que vem.

Dezessete anos após a morte, causada por câncer no pulmão e um tumor maligno no cérebro, o astro jamaicano permanece no topo das paradas. A coletânea *Legend*, que reúne o filé de sua produção na gravadora multinacional Island (a mesma do U2), contabiliza mais de 10 milhões de cópias vendidas só nos EUA. A influência do cantor vai do celebrado trip hop do trio inglês Massive Attack aos gritos primais de Max Cavalera, passando por Eric Clapton, Paul McCartney e até Mano Brown, dos Racionais MC's. "É um preto filho de branco como eu. E não abandonou a favela depois de ter enriquecido", compara o rapper.

O jornalista americano Roger Steffens, autoridade em reggae e um dos fundadores da revista *Beat*, especializada no ritmo jamaicano e em *world music*, define Marley como um misto de Elvis Presley e Bob Dylan. Elvis porque, assim como o grande ídolo do rock'n'roll, Marley disseminou um gênero musical (o reggae) a ponto de tornar-se a principal referência dele. O lado Dylan se justifica pela poesia de conteúdo social/mobilizador do mito jamaicano.

A figura de Bob Marley tem mesmo contornos místicos. Ele era adepto de uma filosofia popular na Jamaica nos anos 60, o rastafarianismo, cujo ideário pregava a volta à África, o chamado "continente negro", e a devoção ao imperador etíope Hailé Selassié (1892-1975) – um ditador que alimentava sua criação de leões com carne de primeira enquanto seus súditos passavam fome. Bob promovia concertos que eram autênticas celebrações, com direito a gritos xamanísticos de "Jah!" (o tratamento rasta para Deus) e chamamentos de vibrações positivas, as "positive vibrations" tão citadas nas canções.

Nascido Robert Nesta Marley em 6 de fevereiro de 1945, filho de uma preta jamaicana com um oficial inglês (que zarpou logo depois do casamento), na província de St. Ann, Jamaica, Bob foi criado pelo avô, Omeriah, homem respeitadíssimo naquela pequena comunidade rural. Não teve privações na infância. Filho de escravos africanos vindos de Gana, hábil em mandingas (era um *obeah*, bruxo), Omeriah criou no neto o gosto pela magia. Aos 6 anos, o menino já ganhava um troco na feira local fazendo adivinhações para as donas de casa.

O lado místico-religioso, porém, só iria surgir com mais força na metade dos anos 60, quando Bob e sua mãe, Cedella, mudaram-se para a capital, Kingston. Fixaram residência na favela de Trenchtown, uma espécie de conjunto habitacional à base de latão, sem saneamento nem infra-estruturas básicas de urbanismo. Ali, Bob Marley montou a primeira versão dos Wailers ao lado de seu meio-irmão Bunny Livingstone e de um grandalhão magricela chamado Peter Tosh.

A música produzida por este jamaicano, morto aos 36 anos, influencia gente tão distinta quanto o trio Massive Attack e o roqueiro Max Cavalera

Seus shows eram uma mistura saborosa de misticismo e boa música

Bob Marley grava o disco *Catch A Fire* (acima), Timothy White e seu livro

Bob, no dia de seu casamento, em 1966

Verbetes essenciais

Rastafarianismo – Filosofia que interpreta, à sua própria maneira, episódios da Bíblia e velhas tradições africanas, baseada nas pregações do pastor jamaicano Marcus Garvey (1887-1940) no início do século.
Os rastas renegam a sociedade capitalista ocidental (chamada de Babilônia) e sonham com a volta à África, sua "terra prometida". Vegetarianos e abstêmios, eles cultivam longas tranças, chamadas de *dreadlocks*, e fumam maconha, erva que consideram sagrada.

Keystone Pens / Sygma

Hailé Selassié – Imperador etíope cujo nome verdadeiro era Ras Tafari Makonnen. Para os rastas, era Deus. Seu caráter divino nasceu de uma profecia atribuída a Marcus Garvey: "Quando um rei africano for coroado, a redenção estará próxima". Selassié vinha de linhagem nobre (acreditava ser descendente do rei judeu Salomão e da rainha de Sabá) e angariou para si os títulos "rei dos reis, senhor dos senhores, leão conquistador da tribo de Judá". Na verdade, era um ditador sanguinário, que se divertia em jogar moedas para a plebe a bordo de seu Cadillac folheado a ouro. Foi morto por seus generais em 1975.

Wailers – A banda do rei do reggae. Surgiu em 1964, influenciada pelo rhythm'n'blues americano (a soul music de Sam Cooke e Fats Domino). Sua formação clássica se cristalizou três anos depois, com Bob (guitarra, vocais), Peter Tosh (guitarra, vocais) e Bunny Livingstone (vocais, percussão). Tosh e Livingstone partiram em 1974. Em seu lugar entraram as I-Threes, trio vocal composto por Rita Marley, Marcia Griffiths e Judy Mowatt.

Peter Tosh – Cantor e guitarrista, o número dois do reggae. Morreu em 1987, aos 43 anos, assassinado a tiros num assalto à sua casa. "Na África, é mais respeitado do que Bob Marley. Representa o inconformismo e a revolta mais radical no reggae", traduz Roger Steffens.

Queimando Tudo dá destaque especial ao encontro do cantor com a pretendente a cantora Alpharita Anderson mais tarde, Rita Marley. Timothy White descreve o início do romance, o ciúme de Tosh (por quem a garota se apaixonou primeiro) e a primeira manifestação sobrenatural na vida de Bob. "Eles dormiam nos fundos de um estúdio quando foram assombrados por um fantasma. Rita quis gritar por socorro e não conseguiu."

Em 11 de fevereiro de 1966, um dia após seu casamento, o cantor migrou para os EUA em busca de melhores salários. Foi então que ocorreu o fato que iria mudar toda a história da música jamaicana. Naquele ano, no mês de abril, o país recebeu a visita de Hailé Selassié, imperador da Etiópia, considerado homem santo pelos rastas (em seu livro *Reggae Bloodlines*, o biógrafo inglês Stephen Davis revela que Selassié morreu de medo ao ver aquela multidão de cabelos entrançados, berrando "Jah!" em sua direção). O líder passeou de carro aberto pelas ruas de Kingston, fato lembrado com tons de lenda em *Queimando Tudo*. "Antes de o avião pousar, pombas brancas anunciaram a vinda de Selassié", delira Rita Marley. "Quando ele acenou para a população, pude ver, na palma de suas mãos, as marcas da crucificação. Selassié é o novo Cristo."

Tietado até por beatles: Bob recebe George Harrison no clube Roxy, em Los Angeles, EUA

A vida de Bob Marley é marcada pelo 9, o número perfeito, que indica revolução", filosofa o cantor jamaicano Joe Higgs. "Nasceu em 45, quatro mais cinco dá nove; morreu em 81, oito mais um são nove, lançou nove discos oficiais, o nome dele tem nove letras [em] nove, Higgs, que foi professor de canto do reggaeman. "Ensinei-lhe apenas técnica, porque ele já sabia tudo."

É certo que o ídolo não era nenhum santo. Sua ficha corrida inclui um breve período de delinquência juvenil (chegou a levantar alguns trocados como lutador de rua) e inúmeras confusões com os reis dos guetos jamaicanos (uma delas, em 1976, quase lhe custou a vida). Tinha amigos pouco confiáveis (o empresário Don Taylor aplicou-lhe um golpe e confiscou toda a renda de uma turnê africana – em troca foi surrado durante três horas sob a mira de uma metralhadora Uzi) e um estado priápico permanente, que lhe rendeu mais de 100 processos de paternidade – desses, apenas sete cruzaram o disco final e tiveram direito à parte da herança.

Rita Marley foi uma "Amélia" em versão rastafári

O discurso, marcado pelo orgulho negro, também o faz um pai quase universal. "Bob é imortal. Esteja em Bali, na Indonésia, ou em Zanzibar, na África, você vai sempre achar alguém com uma camiseta, uma bandeira ou uma flâmula com a figura dele", exemplifica o especialista Roger Steffens.

A música, uma azeitada mistura de rhythm'n'blues americano (presente na Jamaica via rádio, desde o começo dos anos 50) e calipso, com ritmo e graves estalando nos ouvidos (cortesia da dupla Aston "Family Man" Barrett e Carlton Barrett, respectivamente baixista e baterista, agregados à Marley desde 1971), apresentou e definiu o reggae em discos essenciais: deu uma boa dose de criatividade ao então combalido mundo do rock – em 1974, Eric Clapton recuperou seu prestígio ao regravar "I Shot The Sheriff"; os Rolling Stones produziram *Black And Blue*, de 1976, ao som de reggae.

Bob não só ajudou a espalhar o reggae como também consolidou o Reggae Sunsplash Festival, que por anos foi a maior celebração do gênero no mundo. Don Green, produtor todo-poderoso do evento, lembra: "Era 1979, estávamos no segundo ano do festival e tínhamos receio de chamar Bob – ele já era o maior nome da música do Terceiro Mundo. Qual não foi nossa surpresa quando o próprio Marley apareceu lá em casa e me deu uma dura: 'Como é que você faz um festival desses e não me chama?' Bem, Bob Marley & The Wailers tocaram naquele ano e sua presença foi fundamental para consolidar nosso projeto."

do cantor com o filho

Bob durante uma pausa nas gravações do disco dos Wailers

Discografia selecionada de Bob Marley

Catch A Fire **(1973)** – o disco tempera a rudeza jamaicana com a sofisticação inglesa o guitarrista Wayne Perkins, que trabalhou com os Rolling Stones, sola em "Concrete Jungle". Só clássicos: "Stir It Up", "Slave Driver"...

Burnin' **(1973)** – Bunny Livingstone e Peter Tosh partiram logo depois deste LP. Os destaques são o hino inconformista "Get Up, Stand Up" e "I Shot The Sheriff".

Natty Dread **(1974)** – Entram em cena as I-Threes (Rita Marley, Judy Mowatt e Marcia Griffiths). Bob Marley apura a pregação rasta (a faixa-título) e o discurso rebelde ("Them Belly Full", "Rebel Music").

Live! **(1975)** – Gravado em quatro noites memoráveis no Lyceum, em Londres. "Trenchtown Rock", "No Woman No Cry" e outras pérolas que causam tremeliques nos devotos de Jah.

Natty Dread (1976) – O jamaicano pede às rádios para tocarem reggae ("Roots, Rock Reggae"), critica a hipocrisia na ilha ("Crazy Baldheads") e musica um discurso de Hailé Selassié ("War").

Exodus **(1977)** – Um álbum mais calmo. Bob vivia então uma louca paixão por miss Cindy Breakspeare, expressa em "Waiting In Vain" e "Turn Your Lights Down Low".

Kaya **(1978)** – Inclui os hits "Is This Love", "Time Will Tell", a manemolente "Easy Skanking".

Babylon By Bus **(1978)** – Gravado durante a turnê européia do artista. Bob homenageia a turma de cabelo moicano em "Punk Reggae Party" e comanda a festa com "Jammin'".

Em uma de suas canções menos famosas, "Reggae On Broadway", Bob Marley previu uma invasão rastafari ao grande centro do teatro em Nova York. Hollywood, porém, chegou com uma proposta melhor: a Warner inicia em seis meses as filmagens da cinebiografia de Bob, baseada em *Queimando Tudo*, de Timothy White. A produção terá direção e roteiro de Ron Shelton (de *Homens Brancos Não Sabem Enterrar*, com Wesley Snipes e Woody Harrelson) e consultoria de especialistas na vida do cantor, como Neville Garrick (artista plástico, autor da maioria das capas de discos de Bob Marley) e do jornalista Roger Steffens. "Este filme terá características de um épico, com mais de três horas de duração e as principais canções de Bob", exulta Steffens.

Os produtores ainda não sabem quem vai interpretar o papel de Bob. "É uma escolha difícil, porque o ator deve ter carisma e saber cantar", palpita o jornalista. Mas a viúva Rita Marley anda mexendo pauzinhos para colocar alguém da família. "Seria muito bom se Sharon (*filha de Rita, mas não de Bob*) pudesse me interpretar." Timothy White, porém, não vê a produção com bons olhos. "Acho que ainda é muito cedo para se fazer um filme sobre Bob Marley. Seria o máximo se ele surgisse só daqui a dez anos, quando as pessoas realmente precisarem ser lembradas sobre o legado de Marley."

A nova edição do dossiê *marleyano* *Queimando Tudo* (que teve sua primeira versão publicada em 1983) traz novidades, a descrição de fatos ocorridos no mundo do reggae de 1991 (quando foi lançada a penúltima atualização do livro) até os dias de hoje, relatos mais detalhados do mal que vitimou o rei do reggae e sobre o assassinato do amigo Peter Tosh e, mais importante, uma reavaliação, positiva, da polêmica figura de Rita Marley.

A cantora e presidente da Bob Marley Foundation é vista como uma figura amarga, que traiu os ex-integrantes da banda do marido (chegou a falsificar a assinatura de Bob para ficar com a maior parte da herança dele). Teorias conspiracionistas *made in Jamaica* apontam Rita como mandante de crimes que vitimaram Carlton Barrett (ex-baterista dos Wailers, banda que como cão fiel, acompanhou toda a trajetória de Marley) e o cantor Peter Tosh – ambos mortos a tiros em 1987. "Eu decifro como Rita foi importante para Bob Marley. Ela não é uma pessoa ressentida e invejosa, como muitos crêem. Cuidou de todos os filhos do marido, até mesmo os ilegítimos", conta White.

A nova edição não livrou *Queimando Tudo* das críticas. Às vezes pesadas como a do jornalista e radialista americano Roger Steffens, outro estudioso da vida do rei do reggae. "A biografia tem diversos defeitos, coloca na boca de Marley frases que ele nunca proferiu, apela demais para a fantasia – cria fantasmas rondando os Wailers."

Bob e os Wailers no Sunsplash, o festival que ele ajudou a popularizar

Enquanto Bob Marley se firmava como o primeiro superstar do Terceiro Mundo, a CIA acompanhava seus passos e investigava sua ligação com drogas

Rita Marley tira o corpo fora quando consultada sobre *Queimando Tudo*. "É um bom livro, mas a verdadeira história dele ainda está para ser escrita", White justifica. "Tenho quinze anos de pesquisa séria. Nenhum outro jornalista apurou a perseguição que Bob sofreu por parte da CIA, que o via como um divulgador das drogas. Você só fica sabendo disso por *Queimando Tudo*".

O livro reproduz documentos da agência americana ligando Marley e o partido do líder Michael Manley, primeiro-ministro da Jamaica. A CIA, segundo White, investigou o atentado que Bob Marley sofreu em 1976, e também entrou em ação para esclarecer o assassinato de Peter Tosh.

Timothy White preferiu deixar de lado o caso de Bob Marley com a miss jamaicana Cindy Breakspeare. Branca e bem-nascida, ex-Miss Biquíni Jamaica, ela provocou polêmica entre os amigos mais ortodoxos do rasta. Roger Steffens a aponta como o grande amor da vida do cantor.

O reggaeman dedicou os álbuns *Exodus* (1977) e *Kaya* (1978) à amante e já estava informalmente separado de Rita quando morreu. Cindy deu a Marley um filho, Damien (hoje com 22 anos), que segue carreira como DJ com o apelido Junior Gong. Também cantora diletante, ela se separou há pouco do segundo marido, um influente político da Jamaica.

Timothy White prefere não comentar a ausência da preferida do harém de Marley em seu livro, que evita descrições mais escandalosas sobre os inúmeros relacionamentos do cantor jamaicano.

Superior a outras biografias do maior superstar do Terceiro Mundo, como *Conquering Lion* e *Reggae Bloodlines*, de Stephen Davis, e *Songs Of Freedom*, do fotógrafo Adrian Boot (que clicou boa parte da vida dos Wailers), *Queimando Tudo* é o melhor livro de introdução ao universo de Bob. Pelo menos até o lançamento de *Old Fire Sticks*, um calhamaço de mais de 1 800 páginas e com 640 horas de entrevistas feitas por Roger Steffens e Leroy Pierson. "Será o maior documento jamais escrito sobre os Wailers. Bob Marley e Bunny Wailer" anuncia. E o fogo da dinastia Marley continua a arder.

Bob também será tema de uma outra biografia, *Old Fire Sticks*, escrita pelo amigo Roger Steffens

Alan Cole fez parte de uma turma barra-pesada que acompanhou Bob Marley desde seus tempos de artista iniciante. Achacava DJs da Jamaica para que tocassem as canções do amigo. É apontado como um dos responsáveis pelo atentado que o rei do reggae sofreu em dezembro de 1976. Enforcado em dívidas escusas, teria mandado a conta para o cantor, que se recusou a pagá-la e recebeu um recado dos bandidos a bala. Bob foi ferido no braço e Rita, atingida de raspão na cabeça por uma bala.

Alan Cole jogou duro por Marley

Catch A Fire conta uma versão cheia de magia: alguns dos pistoleiros que atingiram Marley foram mortos e outros foram acometidos de ataques de loucura. O jornalista Roger Steffens jura que um dos pistoleiros foi perdoado por Bob.

O que poucos sabem é que, quatro anos antes, Alan Cole havia sido jogador de futebol profissional no Náutico de Recife. Trazia como principal glória no currículo uma partida pela seleção da Jamaica contra o Santos, em que, jura até hoje, deu um drible fenomenal no Rei Pelé.

O meia-esquerda usava um corte afro (*black power*), que depois transformaria em tranças rastafari. A devoção religiosa, aliás, foi um dos motivos alegados pela diretoria do Náutico para dispensar o jogador (que, é importante dizer, não correspondeu à fama de goleador). "Eles não aceitavam a minha filosofia", comenta. Entenda-se por filosofia o hábito de fumar maconha em horários regulares.

Em *Catch A Fire*, Timothy White comenta que o "amigo futebolista" não gozava da confiança de Bob. No entanto, Cole hoje é um dos diretores da Bob Marley Foundation, que cuida dos direitos de comercialização de merchandising referentes ao cantor.

Survival **(1979) – Disco cheio de mensagens de união para o continente africano ("Africa Unite", "Zimbabwe").**

Uprising **(1980) – Último trabalho oficial de Bob. Como testamento, deixa a obra-prima "Redemption Songs".**

Discos Póstumos

Confrontation **(1983) – Disco póstumo, com faixas inéditas, como a famosa "Buffalo Soldier".**

Legend **(1985) – A coletânea das canções mais famosas de Bob: "No Woman No Cry", "Get Up Stand Up", "Buffalo Soldier" e outras.**

Rebel Music **(1986) – Seleção de pérolas libertárias do artista. Por exemplo, "Rebel Music", "Them Belly Full (But We Hungry)" e "Rat Race".**

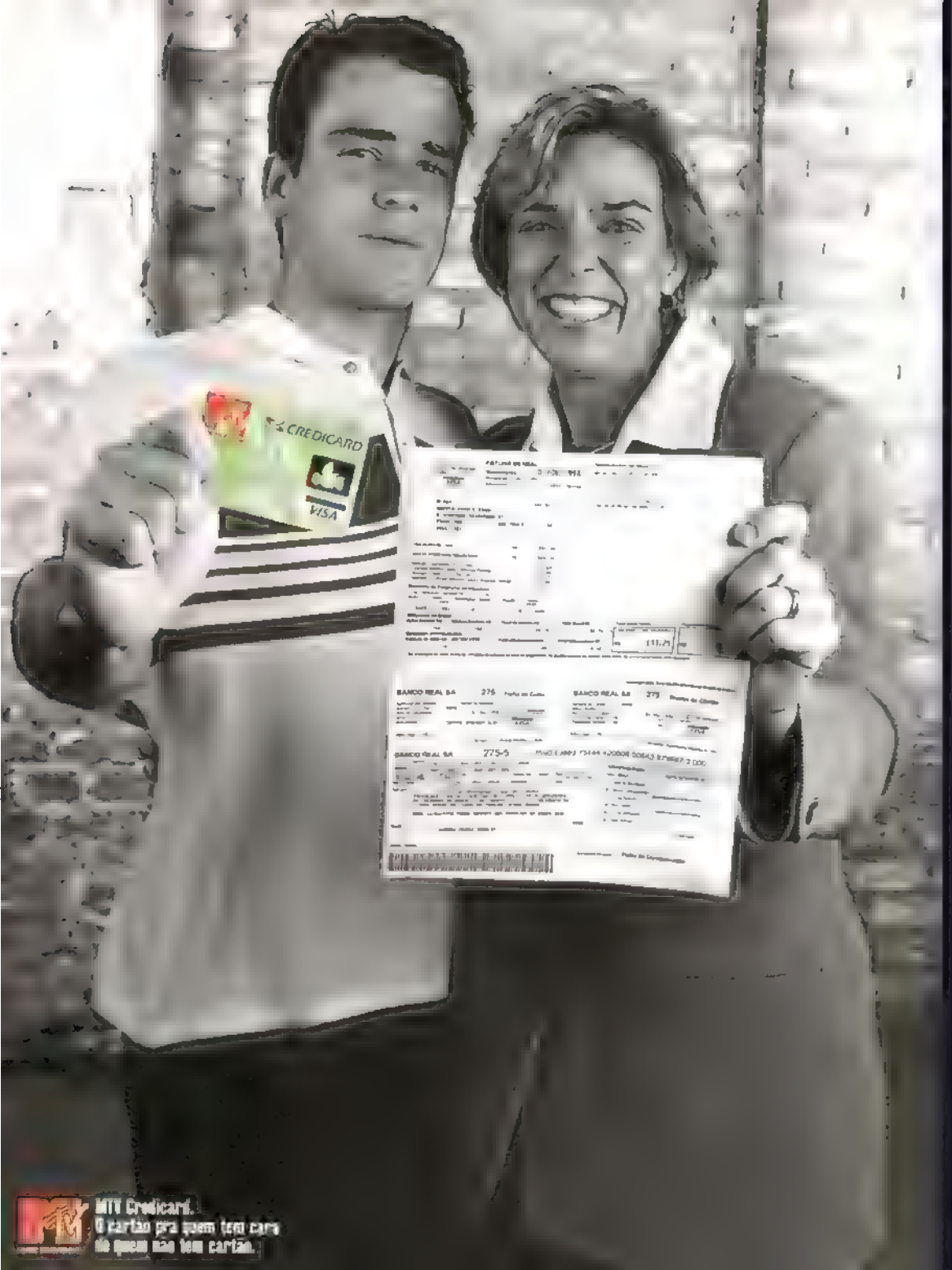
Talkin' Blues **(1991) – Os Wailers arrepiam em um programa de rádio nos anos 70. Joe Higgs substitui Bunny Livingstone e harmoniza bonito em "Kinky Reggae", "Stir It Up" e "Slave Driver".**

Songs Of Freedom **(1993) – Caixa com quatro CDs, vai desde "Judge Not", primeira gravação de Bob Marley, até a versão ao vivo e inédita de "Redemption Song". Como recheio, takes raros, clássicos e a poderosa "Iron Lion Zion". Fora de catálogo, a caixa será relançada este ano.**

Natural Mystic – The Legend Lives On **(1995) – Raspa o restante do catálogo marleyano na gravadora Island. Tem uma versão inédita e remoçada de "Keep On Movin'".**

Seleção Especial

One Love – The Wailers At The Studio One **(1991) – Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Livingstone, em sua fase de teminhos (1963 a 1966), cantam temas calcados no rhythm'n'blues americano (Sam Cooke, Fats Domino) acompanhados pelos melhores músicos da Jamaica. A cover de "And I Love Her", sucesso dos Beatles, é antológica.**



MTV Credicard.
O cartão pra quem tem cara
de quem não tem cartão.

MTV CREDICARD. A MELHOR MANEIRA DE CONTROLAR OS ZEROS DO SEU FILHO.

MTV Credicard. O primeiro cartão de crédito feito pra quem tem a partir de 14 anos.

A partir de agora os únicos zeros do seu filho que vão ser difíceis de controlar vão ser os do boletim dele. Chegou MTV Credicard. Um cartão de crédito que você pode dar para o seu filho a partir de 14 anos.

0800 15 0505

É o melhor o que você não precisa ter um cartão MTV Credicard. Para você fica mais fácil controlar os gastos dele. E para ele, fica mais fácil fazer compras, se divertir e viajar. Você decide quanto ele pode gastar por mês no cartão MTV Credicard* e ele aprende a controlar melhor o dinheiro que você dá para ele. Aproveite, a MTV Credicard dele sai com 50% de desconto. Mostre que você é nota 10. Ligue já 0800-150505 e peça um pra ele.

*Limite de R$ 200,00 para versão nacional e R$ 500,00 para versão internacional.

Sujeito a análise de crédito

Ice Blue e Mano Brown: a força da periferia de São Paulo na MTV

Estranhamento: Carlinhos Brown e Racionais MC's no palco

Rap no confronto

Após incidente com Carlinhos Brown na entrega dos prêmios da MTV, Racionais MC's viram assunto nacional, mas seguem avessos à mídia

por Mônica Scaramuzzo
Fotos Jorge Rosemberg

Ice Blue discursa: "Sempre favelado, mas agora a gente tem a voz"

Mano Brown canta "Capítulo 4, Versículo 3"

Passou na MTV para todo mundo ver: Carlinhos Brown, apresentador da quarta edição do Video Music Brasil, anunciou os Racionais MC's como vencedores da Escolha da Audiência, que dá ao premiado o direito de representar o Brasil na versão internacional do evento, marcada para 10 de setembro em Los Angeles, nos Estados Unidos. O tom chacrinha no que Carlinhos imprimiu à apresentação da festa cedeu espaço a quatro rappers mal-encarados que não disfarçaram a má vontade ao receber das mãos do baiano o clipe que simboliza o prêmio. No palco, os manos (amigos do grupo) que acompanharam os Racionais MC's irromperam em gritos de "filha da p***!" Parte da platéia – e provavelmente, o próprio Carlinhos Brown, apesar de ter negado – tomou como um insulto endereçado ao baiano.

E o percussionista acabou interrompendo o discurso do DJ KLJay para cantar "Sou Personificado Pelo Fenômeno Da Natureza", canção do bloco baiano Ilê Ayê. Os Racionais garantem que não ofenderam ninguém. "Não foi de propósito. A gente nem ouviu anunciarem o prêmio", justifica KLJay. O coro obsceno, explica ele, tem a ver com velhos costumes do grupo. Ao jornal paulistano *Diário Popular*, porém, o DJ fez críticas a Carlinhos Brown: "Ele defende a miscigenação porque tem dinheiro e vende disco, mas os irmãos dele vivem na miséria".

Carlinhos Brown, que no dia seguinte se recusou a falar mais sobre o assunto, comentou na hora: "Quero deixar claro que adoro o trabalho dos Racionais. Temos jeitos diferentes de encarar a situação dos brasileiros descendentes de negros. Penso que, se alguém se olha como negro, vira um estrangeiro na sociedade. Se olhar como miscigenado, vira parte do todo e pode brigar pela melhoria de um jeito mais leve. Não podemos perder a doçura."

O episódio fez com que os Racionais fossem saudados por Arnaldo Jabor, colunista da *Folha de S.Paulo*, do jornal *O Globo* e da TV Globo, como estabelecedores de um novo confronto social: "Playboys x manos" – "sai do conjunto de pardos uma verdade que há muito não se sente. Não há neles aquela rebeldia requentada e fajuta dos atuais rocks do mundo", escreveu o ex-cineasta. Em artigo publicado uma semana mais tarde, na *Folha de S.Paulo*, o jornalista Fernando de Barros e Silva enxergou "humilhação" e "escárnio" na participação do grupo no evento – "atração principal" em "jardim zoológico", qualificou.

Os Racionais entraram na festa da MTV desconfiados e não fizeram questão de conversar com ninguém – pelo contrário, ignoraram até uma tentativa de aproximação por parte do americano Derrick Greene, novo cantor do Sepultura, e direcionaram seus agradecimentos à sua comunidade. Discursando, Mano Brown explicitou o contraste diante da platéia radical chic: "Queria agradecer à minha mãe, que lavou muita roupa para playboy para eu estar aqui".

Cinco dias depois da premiação, o grupo participou de um comício do PT em Jandira, cidade da Grande São Paulo. ▶

Mano Brown encanta os radicais chic da MTV

Desprezaram a festa da MTV americana e barraram a Globo na entrega de seu disco de platina

Detentos Do Rap: MC do Rap, Daniel Sancy, MC Lapa, MC Rony e o "produtor" Leonardo Lopes

Glamour bandido

Presidiários seduzem fazendo raps sobre crime e carceragem

Apostando na autenticidade das rimas, articuladas no pavilhão cinco da Casa de Detenção, no complexo do Carandiru, Zona Norte de São Paulo, a gravadora Fieldzz espera vender 500 mil cópias do CD de estréia do grupo Detentos Do Rap. Um deles, Marcos Santos, o MC Lapa, já está em liberdade condicional desde julho. Os outros três permanecem presos, mas têm chances de sair em um ano, por bom comportamento – mesmo Eduardo Fonseca Furtuoso, o MC do Rap, condenado até 2006 por estupro e atentado violento ao pudor (os outros cumprem pena por tráfico de drogas, roubo e assalto à mão armada).

Tupac Shakur, rapper americano de renome, também ficou preso oito meses por abuso sexual – obrigou uma jovem a fazer sexo oral e a segurou enquanto seus amigos a estupravam. Saiu da cadeia e fez sucesso até como ator, interpretando papéis simpáticos em filmes como *Na Contramão* (*Gridlock'd*). Assassinado numa emboscada (apenas um round numa briga de gangues) em setembro de 1996, Tupac hoje tem suas letras estudadas em universidades.

Os Detentos Do Rap, porém, se recusam a revelar os motivos de suas condenações. Iraf Campos, diretor da Fieldzz, afirma que não sabia que crimes os artistas haviam cometido: "Procurei muito por um bom grupo dentro da Detenção. Quando achei, não fui atrás da ficha deles, pois o que me interessa é a música. Eles me explicaram que estão tentando uma nova vida".

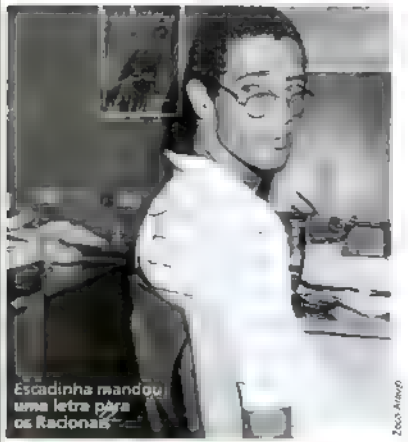
Em agosto, a produção do *Fó Soares Onze E Meia* negociou com a gravadora a presença do quarteto no programa, sob a condição de que nenhum deles tivesse condenação por "crime de sangue". Confrontados com o fato, apurado por SHOWBIZZ, de que um dos rappers tinha sido condenado por estupro, o apresentador e Diléa Frate (diretora do talk show) não quiseram dar declarações.

Antoniel Nascimento Malaquias (Daniel Sancy), Marcos Santos (MC Lapa), Eduardo da Fonseca Furtuoso (MC do Rap) e Ronaldo Constantino da Silva (MC Rony) têm entre 19 e 23 anos e não conhecem o termo "gangsta rap" que designa o rap americano que glamouriza a vida bandida, praticado por artistas como Snoop Doggy Dogg e Tupac Shakur. "Desse tipo de letra a gente foge, não adianta jogar a juventude negra para o crime. A gente já passou por isso e deu no que deu, né?", diz Ronaldo.

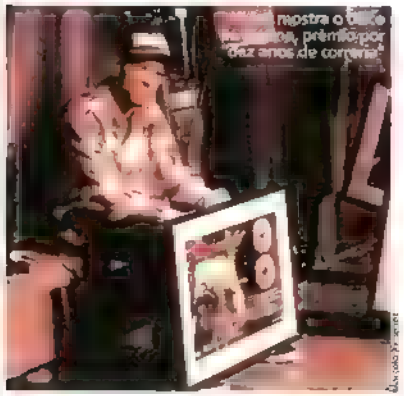
O nome do CD é *Detentos Do Rap*, mas o estojo deixa aparente a expressão "Apologia Ao Crime", nome de uma das faixas. É jogo duplo: o discurso sobre bandidagem é o que seduz o público, mas as mensagens são de paz e "vida regenerada". Ronaldo torce: "Se a classe média comprar nosso CD vai ser o máximo. A gente não é o lixo da sociedade e quer explicar isso pra todo mundo".

Mano agradece à mãe, "que já lavou muita roupa de playboy"

Pensam em gravar uma letra escrita pelo traficante Escadinha



Escadinha mandou uma letra para os Racionais



E deu mostras de estar cansado do assédio da imprensa. "Que conversa é essa?" vociferou Mano Brown ao ser abordado por SHOWBIZZ a respeito do incidente com Carlinhos Brown. Um diplomático Edy Rock tentou explicar: "Fazemos um trabalho decente para os pretos da periferia. Os outros (*artistas*) são apenas mais um trabalho", comparou, ignorando todas as atividades assistenciais que Carlinhos Brown desenvolve junto à comunidade do Candeal, em Salvador.

Edy Rock frisou que os votos que elegeram o cipó de "Diário De Um Detento" partiram dos "manos" e não dos "playboys", que eles tanto rejeitam. "Foi o povo que ligou para dar esse prêmio para a gente." O rapper justificou a ausência do grupo na versão internacional do evento, dia 10 de setembro em Los Angeles: "Não é a nossa".

Na mesma noite, os Racionais discursaram para cerca de 2 mil adolescentes: "Estamos aqui para dar um pouco de colaboração para a comunidade mais carente que estuda em escola pública. A periferia é a maioria. Tudo que o governo faz é estourar em cima de vocês", professou Brown. Bastou eles avisarem que não haveria show para que a massa comandasse um quebra-quebra irracional.

O grupo só conseguiu fazer as pazes com seu povo no sábado, dia 22 de agosto. Ao mesmo tempo em que era decretado o cancelamento do Close Up Festival (evento que reuniria Racionais MC's, Prodigy, Björk, Marcelo D2 e Nação Zumbi) em São Paulo, o quarteto recebeu disco de platina pelas mais de 500 mil cópias vendidas de *Sobrevivendo No Inferno*. A celebração aconteceu na quadra da escola de samba Rosas de Ouro, Zona Oeste de São Paulo – a mesma que, cinco anos atrás, viu os rappers despontarem para a fama com o lançamento do LP *Raio X Brasil*. A equipe de jornalismo da Rede Globo foi barrada no evento. "Este prêmio é muito mais importante para nós do que qualquer outro. Significa dez anos de correria e um passo adiante para o rap brasileiro e para nós", filosofou KLJay.

A excursão que o grupo faria pela Alemanha e pela França foi cancelada. "Não topamos. Teríamos de tocar de graça no festival, enquanto uma *pá* de gente iria receber", revelou o DJ. De acordo com a idéia expressa na música "Periferia É Periferia (Em Qualquer Lugar)", os Racionais estudam uma aproximação com o rap carioca. Depois de Ice Blue assumir a produção do rapper MV Bill, o grupo pode iniciar uma inusitada parceria com José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha, traficante carioca, atualmente cumprindo pena na penitenciária Bangu 1. Segundo o jornal *O Dia*, Escadinha enviou a letra de um rap a ser musicado pelo grupo paulistano. KLJay não desmente nem confirma a parceria. "Ele mandou a letra para a gente, mas não o nome da música nem nada despista. A gente procurou uma *pá* de fonte, que disseram que o Escadinha tinha abandonado o crime e estaria disposto a trabalhar conosco. Mas ainda estamos pensando no assunto", finalizou KLJay.

O que houve com a voz de Marina?

Cantando num registro mais baixo, com certa rouquidão, Marina soa diferente em seu novo CD, *Pierrot Do Brasil*

por Sérgio Martins

O novo disco de Marina, *Pierrot Do Brasil*, marca a volta da cantora à gravadora PolyGram, pela qual lançou alguns de seus melhores trabalhos – como *Fullgás*, de 1984, e *Virgem*, de 1988. Concebido pela própria artista e pelo produtor iugoslavo Mitar Subotic (ou Suba), o álbum ganhou roupagem moderna, com farto uso de samples e um tímido namoro com a eletrônica. Além disso, *Pierrot* apresenta belas melodias, letras pessoais e músicos de competência reconhecida (o pianista Antonio Adolfo, o baterista Claudio Infante, os guitarristas Paulinho Guitarra e Fernando Vidal), enfim, as qualidades que fazem de Marina uma das grandes artistas do cenário pop brasileiro. Ou melhor, quase todas. Ao longo das dez faixas da obra, sente-se falta do "ronrom" harmonioso de Marina, o registro *cool* que abrilhantou sucessos como "Criança" e "Uma Noite E 1/2". A primeira faixa, "Pierrot", parece ser cantada por outra pessoa.

Marina diz que superou "o trauma" em sua vida pessoal: "A voz está voltando agora. Não tem mistério..."

"A voz está mais emocional", comenta a cantora. A opinião é compartilhada pelo produtor Suba: "Acho que a Marina sente mais a emoção de cada letra. E passou a interpretar as músicas com um registro mais grave". Vera Canto e Mello, que há oito anos dá aulas de canto – sem muita regularidade – para Marina, observa na nova voz consequências da idade. "Ela já não é mais uma garotinha, tem 42 anos." Vera tem uma pequena participação em *Pierrot ...* (faz vocais em "Para Ver Meu Bem Cantar") e faz questão de dizer que sua pupila evoluiu.

Ela criou um estilo próprio, um gênero *dark* de interpretação. Prefiro ouvir Marina a Caubv Peixoto."

A cantora atribui a mudança vocal a um trauma emocional acontecido dois anos atrás, quando se preparava para sair em turnê. "A voz saía, mas de maneira anormal. Não tinha respiração, controle, técnica. Tive de parar, fiz um milhão de exames. Pensei que estivesse com câncer", lembra. Na época, ela declarou ao jornal *O Globo* que tinha um "calo nas cordas vocais".

"O excesso de tensão provoca traumas no indivíduo, que podem piorar se o problema não for tratado a tempo", observa o otorrinolaringologista Paulo Pontes, presidente da Sociedade Internacional de Fonocirurgia. "Em alguns casos, o repouso pode reverter esse processo." Pontes, que vai presidir o 2º Congresso Mundial da Voz, marcado para fevereiro do ano que vem no Brasil, constatou um ligeiro problema nas interpretações de *Pierrot ...* "Pelo pouco que ouvi, suponho que ela tenha algum tipo de lesão."

Ao diagnosticar o mal, em 1996, a cantora usou a banda que iria acompanhá-la em turnê para trabalhar em *Registros A Meia Voz*, obra irregular, que selou o fim do contrato dela com a EMI Music. "Meu instinto dizia que era hora de trocar de gravadora." Marina obedeceu sua voz interior sem titubear: pouco tempo depois do lançamento de *Registros...* assinou com a PolyGram. "Aquele disco não era bom. Gostava mais do trabalho do William (*Magalhães, tecladista*) e da banda."

A cantora recorreu à produção caprichada de Suba e de Eduardo Bid

Em busca de cura para seus problemas, ela mudou-se para São Paulo. Fez curso de MIDI, em que aprendeu a programar computadores. "Sempre gostei desse estilo de música. A máquina existe para completar, nunca para substituir. É um utensílio, como o fogão", define ela, que já teve ligeiros namoros com a música computadorizada. "Meu disco *Fullgás* foi totalmente gravado com bateria eletrônica."

Os arranjos de *Pierrot Do Brasil* soam como uma obra da cantora e compositora, apenas incluem batidas mais atuais. "Às vezes eu me sinto como uma estilista. Quando entro em contato com esses timbres musicais, começo a procurar uma nova roupagem", compara.

Nesse caso, além de Suba, ela contou com o auxílio de Eduardo Bid, que tem no currículo a produção de *Afrociberdelia*, de Chico Science & Nação Zumbi. Ele compôs (em parceria com Marina) e produziu a canção "Arquivo 2". "O trabalho com Marina fazia parte de um projeto que eu tinha com Chico" (*Science*), revela Bid. "A gente queria fazer um disco de trip hop só com mulheres e pensamos em chamá-la." "O Bid é ótimo, a música foi gravada do mesmo jeito que ele me entregou", devolve a cantora. O flerte de Marina com a música computadorizada incluiu o lançamento em vinil dos singles "Deixa Estar" (uma versão a cargo do DJ Nudo e a outra de Mau Mau) e "Pierrot" (remixes feitos pelos DJs Mark Marky e Felipe Venancio).

O novo CD possui ainda uma homenagem a Kurt Cobain, "Na Minha Mão", parceria dela com Alvin L. (um dos colaboradores mais frequentes da cantora desde *Marina Lima*, de 1991), cita uma frase de "All Apologies", do Nirvana – aquela em que Kurt Cobain afirma: "Todo mundo é gay". Em "Na Minha Mão", ela canta: "Se todo mundo é mesmo gay/ O mundo está na minha mão". "Eu fiquei louca pelo disco acústico do Nirvana. Tem aquela mistura de controle e explosão que eu adoro. Então a gente construiu a letra juntos e saiu uma provocação boa."

Marina dá várias pistas de seus relacionamentos em *Pierrot ...*. "Tinha umas certas contas a pagar em relação a isso" entrega. Ela admite viver suas paixões intensamente, mesmo que sejam breves. "Relações são treinos para você se tornar uma pessoa melhor. E, quando fico alegre, vivo aquilo com uma intensidade, me sinto como uma foca, rindo", gracejа. Superada a fase de angústia "pessoal e profissional", Marina se considera curada dos problemas vocais. "A voz está voltando, não tem mistério."

No entanto, sua participação na quarta edição do Video Music Brasil, da MTV, em agosto, foi preocupante. Rouca, Marina não conseguiu se fazer ouvir com clareza ao apresentar uma das categorias da premiação. Há quatro anos longe dos palcos, Marina também não dá muitas esperanças para quem quiser vê-la ao vivo. "Ainda não consegui visualizar o espetáculo", escapa. "Mas quero usar os mesmos músicos que participaram do disco."

Nas resenhas de *Pierrot Do Brasil* publicadas nos principais diários do país, apenas um crítico citou, sutilmente, a "mudança vocal". Tanto pudor diante da situação é exagero. O maior nome da música americana já passou por uma cirurgia delicada nas cordas vocais. "Frank Sinatra operou um calo nas cordas vocais no início da carreira", revela o especialista Paulo Pontes. Dois nomes do rock pesado, habituados a performances de alto estresse, Robert Plant, do Led Zeppelin, e Ian Gillan, respeitadíssimo cantor do grupo inglês Deep Purple, também operaram as cordas vocais e se recuperaram. Plant inclusive precisou passar por um processo de reeducação vocal – hoje canta um tom abaixo, mas maravilhosamente, como mostra no trabalho ao lado do guitarrista Jimmy Page. Que isso também possa ser dito sobre Marina em breve.

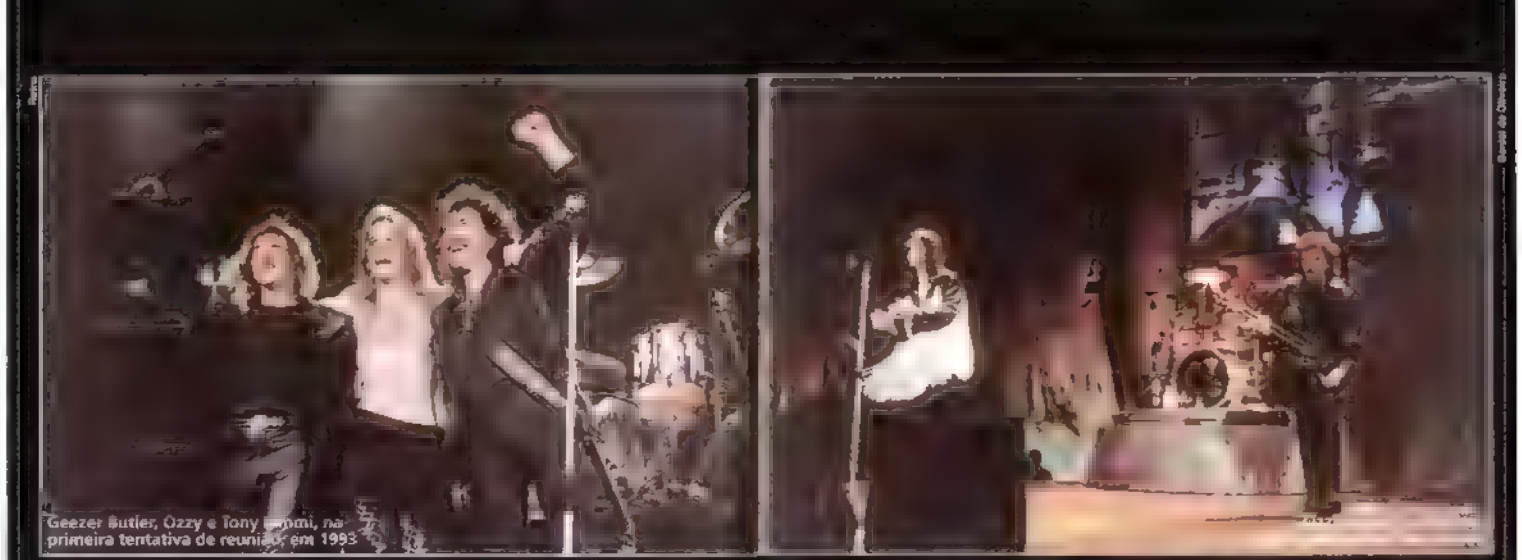
O produtor Mitar Subotic não vê problemas nos vocais da cantora: "Está apenas um pouco mais emocional"

Em grande fase, perto dos 50 anos, **Ozzy Osbourne**

O DESPERTAR DA BESTA

reúne a formação original do grupo **Black Sabbath**, pilar fundamental do rock pesado e influência de nove entre dez bandas da atual geração

por Daniel Oliveira, de West Palm Beach (EUA)



Geezer Butler, Ozzy e Tony Iommi, na primeira tentativa de reunião, em 1993

"Pelo Black Sabbath, eu agüento até ficar ao lado de gente desagradável"

Lá vai ele no palco, incansável, levando o público ao delírio. Faz um show de rock pesado para ninguém botar defeito. Joga balde d'água na cabeça, balança os braços para cima e para baixo, pula feito sapo. A voz continua fantástica, como nos velhos tempos.

Esses críticos são uns idiotas. Tenho cantado muito bem nos últimos dois meses – reclama Ozzy, momentos depois. Voz grave, por vezes gaguejada perto dos 50 anos (faz em dezembro), o legendário cantor está feliz como um garoto. A banda que leva seu nome acaba de explodir os corações de 15 mil fãs na calorenta cidade de West Palm Beach, na Flórida. Foi um dos últimos shows do Ozzfest, festival itinerante com algumas das maiores bandas de heavy metal do mundo e que marcou como um dos eventos mais lucrativos deste verão americano.

O tema principal desta entrevista porém é o Black Sabbath. Formado em 1967 na cidade de Birmingham, Inglaterra, por Ozzy (vocais), Terry "Geezer" Butler (baixo), Tony Iommi (guitarras) e Bill Ward (bateria), o grupo é um dos nomes fundamentais da história do rock. Inicialmente uma banda de blues (chamaram-se Polka Tulk e depois Earth), o Sabbath adicionou letras com influências místicas e satânicas a um instrumental soturno que forneceu as bases de toda a música pesada atual.

A relação de Ozzy com o Black Sabbath durou doze anos e nove discos. Depois de 1979, tocou uma carreira solo de sucesso, enquanto seu ex-grupo trocava de vocalista seguidas vezes sem jamais recuperar o carisma.

Em 5 de dezembro do ano passado, depois de anos de brigas (e uma quase reunião em 1993), o Black Sabbath voltou aos tempos da glória. O quarteto se apresentou em Birmingham com a formação original. A performance foi tão memorável que rendeu um disco duplo ao vivo, *Reunion*, que chega às lojas do mundo inteiro em outubro. O álbum ainda inclui duas parcerias inéditas entre Ozzy e Tony Iommi, que com certeza irão satisfazer admiradores famosos do Sabbath. A Besta está de volta.

Esse álbum ao vivo do Black Sabbath lhe satisfaz mais que os álbuns ao vivo de sua banda solo?

Não muito, é apenas um reflexo de minha carreira. Tem clássicos como "War Pigs" e "Iron Man", mas também inclui músicas nunca tocadas ao vivo antes de nos separarmos. Há também duas faixas novas: "Psycho Man" e "Selling My Soul". Não sou muito fã de álbuns ao vivo, mas esse trabalho do Black Sabbath é muito bom.

Qual é sua melhor lembrança do show?

Estávamos um pouco apreensivos no primeiro, mas o segundo foi demais. O Black Sabbath tinha uma característica em seu começo de carreira – nada conseguia nos parar quando estávamos ligados uns aos outros! E o mesmo ocorreu no segundo show. Conseguimos resgatar um sentimento fantástico.

Você, Tony, Geezer e Bill não estiveram juntos num estúdio desde 1978. Como foi o clima da gravação das músicas "Psycho Man" e "Selling My Soul"?

Nos conhecemos como irmãos. Você quebra o gelo quando visita um irmão em poucos minutos e retorna onde estava emocionalmente. Não houve egocentrismo só porque sou o Ozzy ou porque tenho me dado bem profissionalmente. Tudo rolou na boa.

A mídia sempre fala de suas brigas com Tony no passado. Como vocês superaram os problemas?

Tenho 49 anos. Quando entrei no Black Sabbath tinha apenas 19. Eu era um moleque muito ingênuo. Eu e o Tony somos muito próximos. Fomos ao colégio juntos! Houve muito rancor pois minha saída da banda foi uma guerra. Mas não tenho coisas ruins a dizer. Desejo o melhor para Tony, Geezer e Bill. Estou certo de que continuaremos a trabalhar juntos. Não estamos dando facadas uns nos outros como antes. Nem me importo de ficar cercado por gente desagradável.

Bill Ward disse à imprensa que ficou chateado por não ter sido convidado para o primeiro Ozzfest, quando o Black Sabbath excursionou com o baterista Mike Bordin (ex-Faith No More). Como você reage a esse tipo de comentário?

Tentei reunir a banda muitos anos antes. Mas houve tanta babaquice, tantos advogados e empresários metendo o bico, que apenas virei as costas. Não sou contador ou empresário, sou apenas um cantor de rock. E também não preciso dessa porcaria.

Se Tony, Geezer e Bill tivessem concordado, as coisas teriam rolado numa boa. Mas, na minha última tentativa, as coisas se tornaram um pesadelo! Faxes e mais faxes entravam debaixo da minha porta e as pessoas dificultavam tudo ao máximo. Eu apenas disse: "Não preciso de toda essa porcaria".

Então, como pintou a reunião?

Sharon (*Osbourne, esposa e empresária de Ozzy*) me perguntou, "O que você quer fazer no festival com o Black Sabbath?" Eu disse: "Como contratado seu, acho que tudo bem. Mas você terá de lidar com os problemas, caso eles apareçam". Quando estávamos para agendar os shows, o caos começou. Todo mundo ficou se escondendo e eu perguntei: "Tony e Geezer, vocês querem reunir a banda? Há algum problema?" Depois, perguntei aos dois, "O que vocês acham do Bill?" Eles responderam... Tentamos tocar com ele na América do Sul, excursionamos juntos, mas não deu certo". Se tocássemos com o Bill no Ozzfest, as brigas recomeçariam e a reunião seria lembrada como a maior piada da década. É meio chato ouvir o que o Bill andou falando.

Como vocês acertaram as desavenças para os dois shows na Inglaterra?

O Bill estava bem para os shows em Birmingham. A banda excursionaria pela Europa após o segundo show, mas ele teve um ataque cardíaco. Caso o Black Sabbath saia pela estrada novamente, ficarei torcendo para que ele esteja conosco. Ninguém consegue tocar as canções do Sabbath como ele.

Há planos para um álbum de estúdio do Black Sabbath?

Ainda não. Eu quero fazer outro álbum com a banda Ozzy Osbourne. Já está mais do que na hora. Assim que o Ozzfest terminar, passarei dez dias em Nova York, retornarei a Los Angeles e começarei a compor o álbum com meu grupo solo.

A mulher que domou a fera

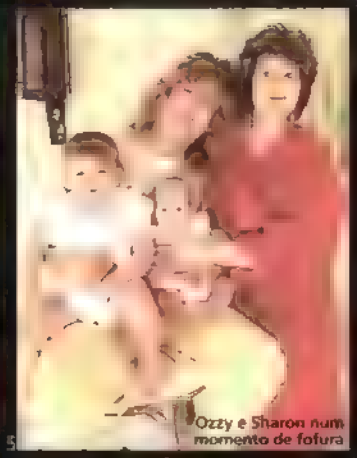
"Você precisa falar com minha esposa!" Essa é a resposta de Ozzy Osbourne para qualquer pergunta sobre planos de turnê, contratos empresariais ou assuntos financeiros. Tudo isso quem decide e coordena é Sharon Osbourne.

Casada com Ozzy há dezoito anos e trabalhando como sua empresária há vinte, Sharon dedica sua vida à carreira do vocalista. "Eu empresariava várias bandas, mas, de alguns anos pra cá, desisti de trabalhar com tanta gente", conta ela.

Perfumada e sempre bem arrumada, Sharon também fiscaliza a aparência do marido e faz questão de aprovar as fotos que vão para a imprensa. Mas, acima de tudo, é responsável pela vitória de Ozzy frente às drogas e ao álcool. "Ela coloca tudo sob controle. Não sei o que seria de mim sozinho. Se não fosse pela ajuda dela, eu já teria comido para algum bar", ele admite. Em 1989, quando estava afogado no álcool e na cocaína, Ozzy chegou a ameaçá-la de morte. Sharon conseguiu que a Justiça o proibisse de se aproximar dela e dos filhos, depois o perdoou, sob a condição de que ele se internasse para desintoxicação.

Inglesa como o marido, Sharon Osbourne comanda sua agência empresarial em Los Angeles. Mãe de três filhos – Jack, Aimee e Kelly Osbourne –, ela ocasionalmente viaja nas turnês para dar apoio emocional ao vocalista. "Ozzy é muito sensível, tanto no nível pessoal quanto no profissional." Criado e organizado por madame Osbourne, o Ozzfest é motivo de orgulho para o casal. "Estudamos os outros festivais e todos queriam passar mensagens políticas. Não acredito nessa mistura de política com música", diz. Coincidência ou não, o festival alternativo Lollapalooza abriu falência este ano e o festival "cabeça" H.O.R.D.E. causou pouca sensação.

Outro projeto de Sharon é a Ozz Records – uma gravadora mais preocupada com música do que com lucros exorbitantes. "Você vê as gravadoras agora e os chefões são mais famosos que os artistas."



Ozzy e Sharon num momento de fofura

Influência monstruosa

O Black Sabbath deixou marcas em todo o rock pesado

James Hetfield (Metallica) – "O Black Sabbath era demais porque era totalmente anti-hippie. Eu odiava os Beatles, o Jethro Tull e aquelas porcarias animadinhas."

Max Cavalera (Soulfly) – "Me lembro de mexer nas coisas de meu pai depois de sua morte. Achei o primeiro disco do Black Sabbath na sua coleção. Eu era moleque e não sabia o que era aquilo. Mas gostei da capa, toquei o disco e enlouqueci! Sou fã do Sabbath desde aquele dia."

Al [illegible] (Ministry) – "O Black Sabbath vicia mais que heroína e vagina."

Dimebag Darrell (Pantera) – "Meu pai me perguntou num aniversário: 'Filho, você quer uma bicicleta ou uma guitarra?' Acabei ficando com a bicicleta, mas, depois que descobri o Black Sabbath, perguntei se podia trocar a bicicleta pela guitarra."

Rob Zombie (White Zombie) – "Todos sabem que o Black Sabbath começou tudo. Fez quase tudo que as pessoas tocam hoje. A banda compôs todos os riffs possíveis e imagináveis."

O que você achou do Soulfly, novo grupo de Max Cavalera?

O Soulfly é muito melhor do que o Sepultura! Na minha visão, Max Cavalera era tudo no Sepultura. É legal saber que ele está trabalhando pesado e comprometido com uma banda nova. Ele compôs grandes músicas e a banda bota para quebrar.

Uma curiosidade em seus shows é que você canta lendo as letras num monitor em frente ao microfone. É difícil se concentrar na performance fazendo isso?

Não fico de olho nas letras. Como corro pelo palco o tempo todo, esqueço que parte da música devo cantar. Escrevo as minhas letras, mas às vezes acho que estou no primeiro, no segundo ou até mesmo na terceira estrofe delas. Assim, o monitor me mostra a parte que devo cantar. Não fico no palco apenas cantando. Sempre corro como um louco.

Você não pára de excursionar desde 1995, quando o álbum *Ozzmosis* saiu. Isso é desejo próprio ou algo forçado por sua mulher e empresária, Sharon?

"Gosto de excursionar. É melhor do que ficar engordando e vendo TV"

Minha mulher não conseguiria me tirar da cama! Excursiono sem parar porque é minha profissão. O que mais eu poderia fazer? Ficar sentado engordando? Gosto de trabalhar como um condenado. É muito melhor do que ficar em casa assistindo à televisão.

Após tantos anos de casamento, é muito difícil separar no seu relacionamento a Sharon Osbourne esposa e a Sharon Osbourne empresária?

Não, eu a amo como empresária e ainda mais como esposa. Ela é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Os casais ocasionalmente se metem em grandes brigas, mas, em nosso caso, somos um casal perfeito. Sou apaixonado por ela. Ao amar alguém independentemente de qualquer coisa, você ama o lado bom e o ruim. Melhor dizendo, não muito o lado ruim, mas tudo bem.

Vocês dois normalmente viajam juntos nas turnês. É difícil educar seus filhos estando sempre longe de casa?

A educação deles é minha prioridade. Eles estão viajando conosco nesta turnê porque é época de férias escolares. Eles não ficam sempre na escola, assim, não faz muita diferença.

Sua filha adolescente, Aimee, recentemente pagou 16 mil dólares num leilão para encontrar a garotada do Hanson. O que você achou disso?

Sou apenas o pai dela. Ela pode gostar de qualquer coisa. Não tenho o direito de lhe dizer: "Você não pode gostar desta ou daquela banda". Ela é dona de seu próprio nariz (*recentemente, as revistas americanas publicaram que Aimee estaria namorando Taylor, o vocalista do Hanson*).

Você canta no álbum *Vertical Man*, do ex-beatle Ringo Starr. A carreira musical dele significa algo para você?

Apenas quebrei um galho com um vocal de fundo quando ele estava produzindo seu álbum. O Ringo é um de meus ídolos, mas não tenho muito a ver com ele. Ele nem foi ao estúdio quando gravei minha voz. Não tenho uma banda favorita. Só me preocupo com minha carreira. Eu jamais pediria um autógrafo para alguém.

Você fará 50 anos em dezembro, mas sempre diz que poderia ter morrido há muito tempo por causa das drogas. Qual foi sua situação mais perigosa?

Eu tomava toneladas de álcool e drogas, quase me jogando da janela. Fiz coisas muito perigosas. Convivi com a vida rápida do rock n' roll por muitos e muitos anos. Parei de beber, mas o fumo é a pior coisa para mim. Não consigo me livrar do vício. Paro por uma semana, mas volto na outra.

Ano passado, você falou bastante de sua gravadora, Ozz Records. O que está acontecendo com ela?

Desde que o Ozzfest começou a estourar, a gravadora ficou de molho. Não sei bem o que está rolando agora. Não estou contratando bandas porque tenho estado na estrada.

Jards Macalé, o autor de "Vapor Barato", volta a lançar disco depois de seis anos, musicando poemas inéditos de Torquato Neto

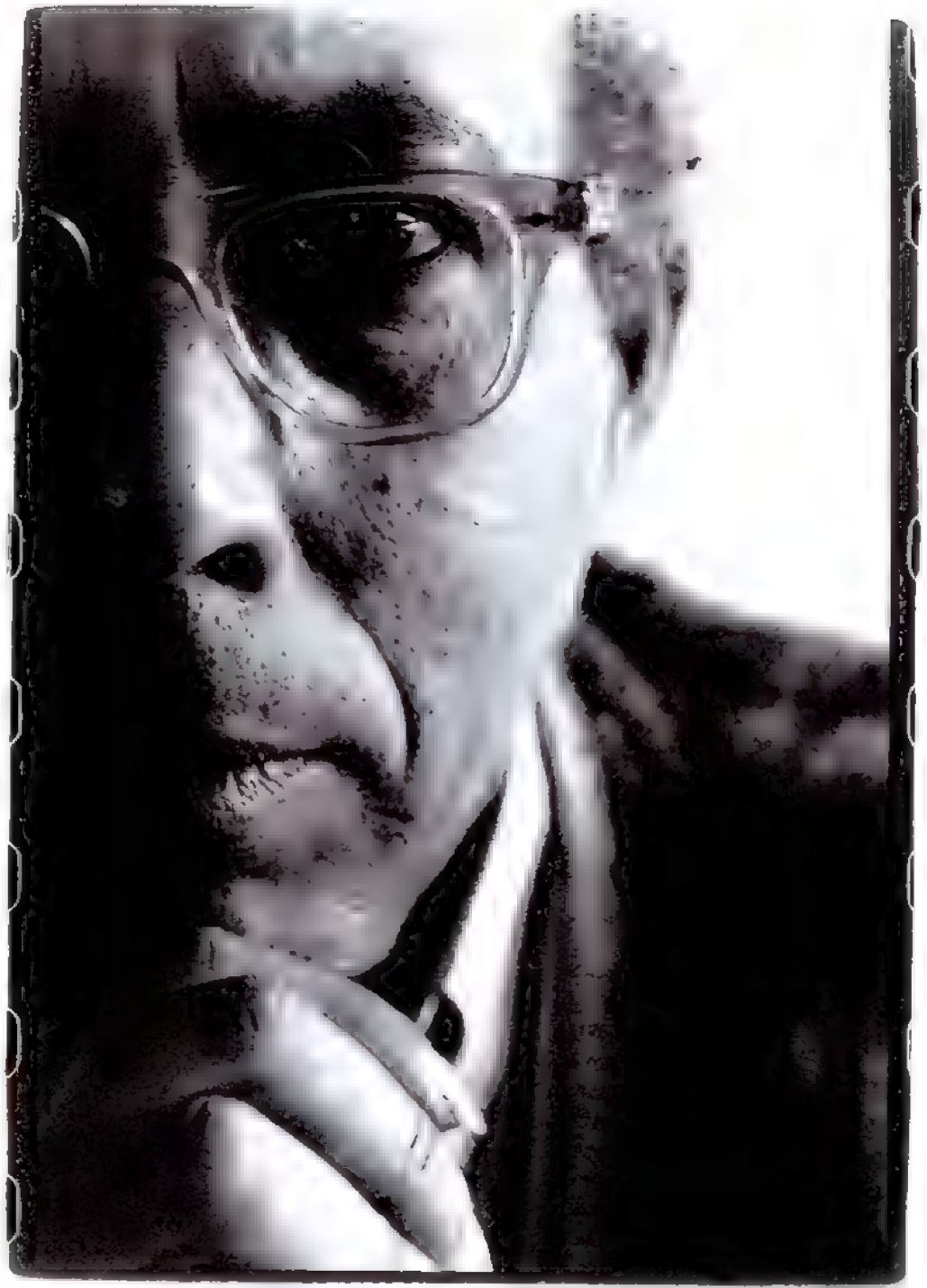
por Danilo Monteiro
Fotos: Rui Mendes

Um violão retoma seu destino

Trinta anos depois de composta, a canção "Vapor Barato", de Jards Macalé e Wally Salomão, está cada vez mais viva. Recuperada pelo filme *Term Estrangeiro* em 1995, depois revisitada pelo grupo carioca O Rappa, e pela própria Gal Costa (sua intérprete original), em dueto com Zeca Baleiro, no *Acústico MTV*, ela ganha agora mais duas regravações. Uma, segundo tendência inglesa moderna, o trip hop foi feita por um grupo carioca iniciante, Vulgue Tolstoi (com clipe indicado entre os melhores demos no VMB da MTV). A outra, mais importante, é do próprio Macalé e faz parte do álbum *Jards Macalé – O Q Faço É Música*, que rompe um silêncio fonográfico de seis anos do compositor, cantor e violonista. Além de canções inéditas com letras de Torquato Neto (*ver boxe na página 41*) e do cineasta Glauber Rocha, o disco também traz novas interpretações de algumas pérolas do seu pouco conhecido repertório, como "Movimento Dos Barcos" e "Poema Da Rosa".

Macalé é um criador constante que registra bissextamente sua obra. Sua música não é considerada das mais "comerciais". Para Arnaldo Antunes, que acha *Aprender A Nadar* (o segundo disco de Jards, de 1974) "antológico", "a integração do violão com o canto que ele tem é muito original". Seria original demais? Outra fonte de dificuldade pode ser a fama de "maldito", expressão usada para definir os artistas alternativos na década de 70. Macalé confessa que usou conscientemente esse rótulo, até perceber que ele tinha adquirido uma conotação pejorativa. "Na ditadura militar, ser maldito era ser promovido a general. Claro, a gente era a resistência. Depois, acabou virando uma pecha."

Fazendo poucos shows – "bem menos do que eu gostaria" – e poucos discos, ele garante: "Quer me ver contente, me põe para trabalhar". Leva uma vida modesta. Mora num apartamento alugado no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e não tem carro. "Minha única propriedade privada é meu violão", declara. "Só não aconteceu uma coisa mais grave até hoje porque minha mãe recebe uma pensão da Marinha – meu pai foi reformado como contra-almirante –, e ela de vez em quando pergunta se eu estou precisando de alguma coisa."



Lidar com limitações faz parte do trabalho deste carioca de 56 anos. Ele conta que compôs a música-tema para o filme *Tenda Dos Milagres*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos em 1977, em uma viagem de carro do Rio para a Bahia. "As cordas do cavaquinho foram estourando, no fim da viagem só restava uma, mas terminei o choro."

As regravações de "Vapor Barato" aumentaram seus ganhos com direitos autorais, mas nada que lhe permita luxos. "Quando toca muito, recebo 2 mil reais por trimestre. Mas, como a própria letra diz, 'Não preciso de muito dinheiro'."

A versão de "Vapor Barato" que toca no filme de Walter Salles Jr. não é exatamente igual à original, gravada por Gal Costa no disco *A Todo Vapor*, de 1971. "O Wisnik *[José Miguel, autor da trilha sonora]* colocou umas cordas, ficou mais bonito", opina Macalé.

Macalé faz poucos shows e recorre a empréstimos da mãe

Aos 56 anos, Jards Macalé leva uma vida modesta: "Minha única propriedade é meu violão"

Gal Costa, na fase "*honey baby*", em 1973

não com algum deles especificamente. "Fizemos grandes trabalhos, eu colaborei no que podia, e talvez até no que não podia. Eles moraram na minha casa em Ipanema, onde Guilherme Araújo *(empresário que lançou o grupo)* os conheceu. Foi um problema de caráter, teve um momento em que não atinávamos mais."

Uma amizade mais peculiar Macalé desenvolveu com João Gilberto. "Chegamos a ficar doze horas conversando no telefone, aí uma hora ele falou: 'Espera um pouco que eu vou fazer um cafezinho', e voltou depois." Em sua homenagem, Macalé compôs "Um Abraço No Oliveira" (título que se refere a um dos sobrenomes menos conhecidos do pai da bossa nova), registrada agora em seu novo trabalho.

A recente volta de Jards ao estúdio permitiu que se refizessem algumas antigas parcerias. O guitarrista Lanny Gordin, que causou furor no início dos anos 70 por suas participações em músicas de Caetano e Gal, gravou violões para "Movimento dos Barcos", refazendo a colaboração que já tinha acontecido na primeira gravação dessa música, no primeiro álbum de Macalé.

O outro reencontro não foi tão "físico". Ele musicou dois poemas que Torquato Neto (um deles, o belíssimo "Destino", prevê "o destino do poeta é grande"), um dos principais letristas do Tropicalismo, deixou antes de se suicidar em 1972. "Fiquei muito tempo sem mexer nisso, pela dor de perder um amigo", conta, com olhar distante. O momento da retomada pode ser um pouco melancólico, mas a música brasileira agradece.

Fãs da ousadia

"O Macalé é crucial, sempre foi ousado, projetou o samba em muitas direções. A imagem dele num festival em 1969, cantando "Gotham City" e comendo uma rosa, é a coisa mais rock'n'roll que eu conheço, ele é um Moreira da Silva psicodélico. Uma vez eu o parei na rua para dizer que o adorava."

Marcelo Yuka, baterista e compositor d'O Rappa

"O violão do Macalé é maravilhoso, a integração com o canto é muito original. Ouvi muito os dois primeiros discos dele quando mais jovem, mas coloco para escutar até hoje."

Arnaldo Antunes, cantor e compositor

"Ele é um dos mais importantes autores que surgiram depois dos anos 60. Seu espírito é sarcástico, seu jeito de tocar é um esgarçamento do violão do João Gilberto, colocando mais sujeira, sendo mais *trash*, mais percussivo. Esse disco que vem aí deve ser essencial."

Chico César, cantor e compositor

Ele sempre trabalhou com música. Nunca pensei em desistir, as dificuldades me fortaleceram." Mesmo quando contou com o apoio de amigos, esbarrou em dificuldades. Em 1982, o empresário Cláudio Cohen bancou a gravação de uma jam session de Macalé com Naná Vasconcellos, percussionista de renome internacional. A sessão resultou num álbum que hoje é "cult", *Let's Play That*, mas que teve de esperar até 1993 para ser lançado.

Seu primeiro emprego foi como copista da Orquestra Tabajara, aos 14 anos, com o qual aprendeu a ler música. "Escrevia, levava as partituras na rádio Mayrink Veiga, colocava para cada músico, e então sentava para assistir a apresentação e entender o que eu tinha copiado." Aos 16, freqüentava a churrascaria Piraja, que ficava ao lado de seu apartamento, em Ipanema, e deve ter sido uma boa escola. Lá, sentava com Tom Jobim, Vinícius de Morais, Grande Otelo. "Ficava bisolhando o Baden Powell tocar aquele violão."

Foi o envolvimento com o grupo tropicalista que lhe deu a primeira projeção. Destacou-se como arranjador e diretor musical de Maria Bethânia, Gal Costa e Caetano Veloso. Chegou a se mudar para Londres no começo dos anos 70, onde Caetano estava exilado, para trabalhar com ele nos arranjos do disco *Transas*, outro cult, no qual Macalé também toca violão e guitarra. "A gente vivia na mesma casa, aí as diferenças ficaram bem patentes, mas levamos o trabalho até o final", afirma sem querer se estender sobre o assunto.

Hoje, ele e Caetano não se falam mais. No entanto, Macalé diz que a divergência foi com o grupo do qual faziam parte Bethânia, Gilberto Gil, Caetano e Gal.

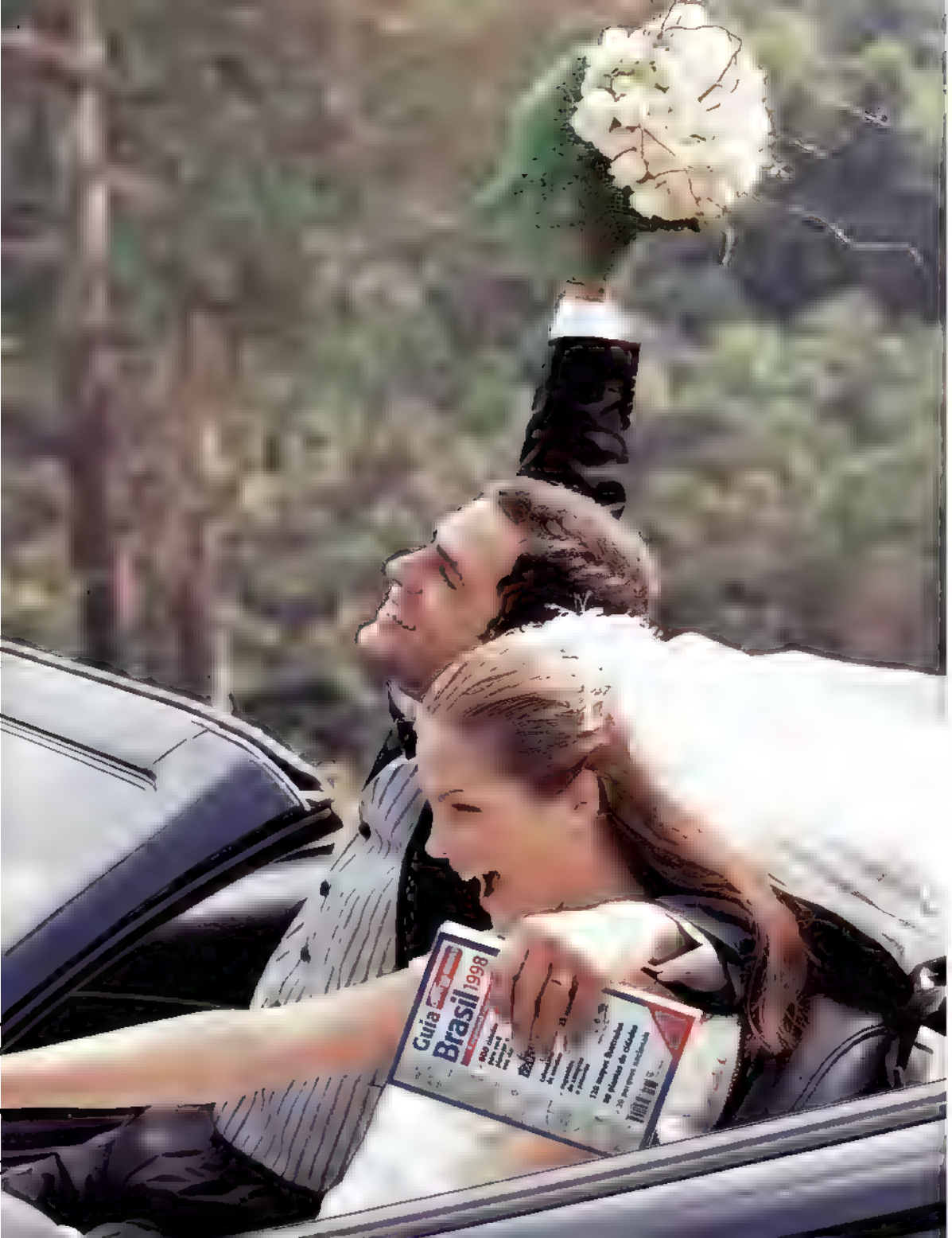
Perda imperdoável

O letrista Torquato Neto (1944-1972)

Torquato Neto foi um dos principais letristas da Tropicália, marcando seu talento a fogo em canções como "Geléia Geral" ("O poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia (...) na geléia geral brasileira que o *Jornal do Brasil* anuncia"), "Marginália II" ("A bomba explode lá fora, agora o que vou temer?") e "Mamãe Coragem" ("Mamãe mamãe não chore, a vida é assim mesmo eu vim-me embora"). Admirado por críticos literários, parceiro de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo e Macalé, Torquato foi responsável pela introdução de uma poesia mais moderna na música brasileira.

Piauiense, nascido em 1944, conheceu Gil e Caetano ainda na Bahia, onde estudou. Mais tarde mudou-se para o Rio com eles, e também os acompanhou por um breve período em Londres. O ano de 1972 marcou a volta para o Brasil dos compositores baianos e o rompimento de Torquato com eles. Nesse ano, também foi gravada "Let's Play That", parceria com Macalé que se tornou uma espécie de hino dos "malditos", com um verso que ficou célebre: "Vai bicho, desafinar o coro dos contentes".

No fim de 1972, suicidou-se em seu apartamento, após comemorar seu 28º aniversário, vedando as saídas de ar do banheiro e abrindo o gás do aquecimento. Em um bilhete de despedida, teria citado a frase "O amor e imperdoável" como sendo de Caetano, que compôs a música "Cajuína" ("Existirmos/ A que será que se destina?") após o primeiro encontro que teve com o pai de Torquato, após a morte do letrista. Doze anos após sua morte, em 1984, os Titãs musicaram dois poemas dele, reunidos sob o nome de "Go Back". Com Torquato vivo, o pós-tropicalismo seria outro.



"Nossa Lua-de-Mel Foi a Três"

Ione e Alessandro B. Freitas, secretaria e artista grafico, leitores do GUIA BRASIL

Numa linda manha de sol, o jovem casal Ione e Alessandro B. Freitas seguiu em viagem de lua-de-mel, logo após o enlace matrimonial. Foram dias inesqueciveis de puro amor e romantismo. Os três nunca foram tão felizes. Como todo recem-casado, a Ione, o Alessandro e o GUIA BRASIL se tornaram inseparáveis. Nem poderia ser diferente. Qualquer viagem bem-planejada, ou até mesmo aquela mal preparada, tem que ter um GUIA BRASIL por perto.

Desde a lua-de-mel que a Ione e o Alessandro so viajam bem acompanhados. Sempre e bom ter um companheiro de viagem que já foi para onde você vai. Porque tirar ferias sem o GUIA BRASIL, só se for marinheiro de primeira viagem. GUIA BRASIL faz parte da vida do Alessandro e da Ione. No GUIA BRASIL eles encontram todas as informações para viajar com tranquilidade. Hotéis, pousadas, restaurantes, atrações turísticas, roteiros, mapas, parques nacionais e, para completar qualquer viagem que se preze, opções para fazer ótimas compras.

GUIA BRASIL faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, mesmo de quem tira ferias para ficar viajando do quarto para a sala e da sala para o quarto, com escalas frequentes pela cozinha. Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril, faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Ha quase meio seculo, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhao de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satelite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de video, 1,3 milhões de listas telefonicas, milhoes de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Alem de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · manequim · CLAUDIA · DIGISAT · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · DATA LISTAS · HBO · GAMES · ARQUITETURA CONSTRUÇÃO · MusiClub · contigo · ESCOLA · AD · EURO CHANNEL · CARAS · BOA FORMA · CASA · CMT · Saúde! · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA

Que loucura!

A genialidade do esquizofrênico Brian Wilson, líder dos Beach Boys, sobreviveu a tudo: traumas familiares, lavagens cerebrais, várias overdoses, batalhas judiciais...

por Pedro Só

Ídolo de Paul McCartney, o ex-líder dos Beach Boys ainda faz pop mágico como nos anos 60

O ex-líder dos Beach Boys está vivo. Melhor ainda: seu talento criativo ainda pulsa. A prova pode ser ouvida no novo disco solo *Imagination*, aclamado pela crítica internacional como seu melhor trabalho desde *Pet Sounds* – o álbum que ele inventou e orquestrou inteirinho na cabeça, instrumento por instrumento, e que seu antigo grupo lançou em 1966. Não é pouco: em várias listas da imprensa internacional, *Pet Sounds* é indicado como a obra mais importante de toda a música pop. O trabalho deste esquizofrênico (diagnosticado e hoje devidamente tratado) supera com frequência o revolucionário e mitológico *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, em escolhas da crítica inglesa.

Aliás, na importante opinião de George Martin (o quinto beatle), Brian é o maior gênio do pop. Sua biografia, contudo, é tristemente movimentada, marcada por internações, overdoses, traições e disputas judiciais entre amigos e familares (*ver quadro abaixo*). Parece um milagre que o brilho musical de Brian tenha sido preservado após quase trinta anos de trevas na vida pessoal. Nesse longo período, o melhor que havia produzido fora *Brian Wilson* (de 1988), seu primeiro álbum solo – um disco que tinha como produtor executivo e letrista o dr. Eugene Landy, "terapeuta" que salvou o artista das drogas aplicando-lhe uma lavagem cerebral.

"Normal? Claro que não. Ele nunca foi normal. Mas está lúcido e atento e consegue trabalhar produtivamente", conta Tony Asher, o letrista que trabalhou com Brian em *Pet Sounds* (autor dos versos de clássicos como "God Only Knows – descrita por Paul McCartney como "a melhor canção jamais feita") e que reativou a parceria ano passado no disco *The Wilsons* (assinado por Carnie e Wendy, filhas de Brian, que participa de quatro faixas).

Casado desde 1995 com Melinda Ledbetter, uma ex-vendedora de carros usados que lhe foi apresentada pelo dr. Eugene Landy, Brian adotou duas meninas e desde 1995 vem produzindo regularmente. *Imagination* é um disco feliz, apesar das perdas sofridas pelo artista recentemente: sua mãe, Audree, morreu no fim do ano passado, e o irmão, Carl Wilson (a voz principal de "God Only Knows" e "Good Vibrations"), tombou vítima de um câncer de pulmão, em fevereiro – o disco é uma faixa especial, "Lay Down Burden", são dedicados a ele.

A música "Happy Days" (dias felizes) resume a trajetória de Brian. "Eu costumava estar tão longe da vida/ Ninguém podia me ajudar/ Nem mesmo minha esposa (...) O céu está claro e azul agora/ Todos com quem falo dizem 'cara, você está tão bem'", "Algumas músicas tristes me levantam o espírito, mas acho mais fácil escrever música feliz. É um instinto natural gravitar em torno de felicidade. Se você está feliz, seu coração acelera e fica mais fácil você compor um rock n'roll. Eu gosto de fazer músicas em tempo acelerado. Já fui um cara de baladas, mas estou numa onda mais animada agora", digita ele, em estilo cândido.

Melinda e as filhas, ainda bebês, foram a maior inspiração. "Minha mulher me dá ▶

Al Jardine, Carl Wilson, Mike Love e Brian, entrando para o Hall da Fama do Rock, em 1988

A doida vida de Brian

1942
• Nasce a 20 de junho, em Inglewood, Califórnia, EUA. Apanhando do pai, Murry, desde bebê, fica surdo do ouvido direito.

1961
• Funda Carl & The Passions (pouco depois Pendletones) com os irmãos Carl (guitarra e voz), Dennis Wilson (bateria e voz), o primo Mike Love (vocais) e o colega Al Jardine (guitarra e vocais).
• Os pais, Murry e Audree Wilson, viajam no fim de semana e deixam um dinheiro para os meninos se virarem. Brian resolve alugar equipamentos e grava uma música, "Surfin'", na garagem de casa.
• O selo X gosta da fita e resolve lançá-los, mudando seu nome para Beach Boys. Sempre substituído (por deficiências técnicas) nas gravações, Dennis é o único que surfa.

1963
• "Surfin' USA" estoura. Murry, pai e empresário, regula os meninos com tirania, humilhações públicas e multas: 50 dólares por andar com garotas; 100 por dizer palavrões e 100 por atrasos na montagem do equipamento.

1964
• Mike Love confronta Murry e lhe da um soco. No dia seguinte, Murry é demitido. Pouco depois, ele e Audree se separam. Murry era infiel.
• "I Get Around" é primeiro lugar nos EUA.
• Aos 22 anos, Brian se casa com Marilyn, 17 anos. Mas tem paixões platônicas por suas duas irmãs, Diane, mais velha, e Barbara, caçula. No fim do ano, Brian tem um colapso nervoso e decide não mais tocar nas turnês. Passa a trabalhar só no estúdio.

1965
• Começa a fumar maconha e a tomar LSD.
• Os Beach Boys lançam o clássico "California Girls".
• Briga com Marilyn, tenta agarrar Barbara, e inicia caso com Diane, agora sua secretária.

1966
• Lança um single solo, "Caroline No". A canção vira clássico, mas não vende bem. Com um novo parceiro, Tony Asher (autor de jingles), compõe canções ambiciosas para o novo disco dos Beach Boys, *Pet Sounds*, aclamado hoje como o melhor álbum pop de todos os tempos. Na época, foi sabotado pela gravadora e não vendeu muito bem.

1967
• Entope-se de anfetaminas com o parceiro Van Dyke Parks e pira. Grava longas conversas com um taxista para incluir no disco *Smile*, ouve vozes e tem idéias cada vez mais excêntricas. O álbum nunca foi completado.

1968
• Nasce a filha Carnie.
• Começa a decadência dos Beach Boys: o disco *Friends* atinge o 126º lugar na parada.

1969
• Brian mal participa do LP *20/20*.
• O psicopata Charles Manson, líder de uma seita esquisita e amigo de Dennis, frequenta o estúdio da casa de Brian.
• Nasce Wendy, segunda filha.
• Murry Wilson decide vender os direitos das músicas de Brian por uma ninharia. Convence o filho com muito terrorismo e uma chantagem: tira o olho de vidro e diz: "Vê só o que eu fiz por você!" Murry perdera uma vista num acidente de trabalho.

1970
• Não consegue tocar nos shows. Encontra Alice Cooper e Iggy Pop numa festa muito louca. Convida os dois para ir a sua casa e propõe uma brincadeira. Depois de serem regidos num coro de musiquinha infantil durante uma hora, Iggy e Alice fogem assustadíssimos.

1971
• Leva a parceria musical com Tandy Almer para a cama.
• Usa o amigo também para realizar a fantasia de ver a mulher, Marylin, com outro homem. Não gosta.

1972
• Bebado, bolina a melhor amiga de sua mulher, Sherrie Champion. Ela revida com uma faca, mas ninguém se machuca.
• Os Beach Boys decidem morar na Holanda, péssima experiência para Brian.

1973
• Morre Murry Wilson.

1975
• Passa os dias vendo TV e cheirando cocaína.
• Finalmente é diagnosticado como esquizofrênico.
• No Natal, é encontrado no corredor da casa, oferecendo fileiras de heroína para as filhas.

1976
• Depois de rodar por mais de vinte psiquiatras, para no dr. Eugene Landy, psicólogo da moda (tinha tratado Alice Cooper), autor de um dicionário de gírias e homem de mil armações.
• Afasta-se das drogas, do álcool e do cigarro.
• Retomando ao circuito profissional, cai no vício novamente. Os Beach Boys brigam com o dr. Landy.

1977
• Para controlar seus hábitos, os colegas contratam dois "cães de guarda": Stan Love (irmão de Mike) e Rocky Pamplin, um ex-modelo da *Playgirl* que logo se torna amante de Marilyn. A dupla obriga Brian a fazer exercícios na base da pancada, mas a cocaína continua chegando, trazida pelo irmão Dennis.

(Stan Love)

1978
• Driblando Stan e Rocky, retoma a heroína e overdosa com remédios para dormir. Foge de casa a pé, sem dinheiro nem documento, pega carona até San Diego, toma um porre num bar gay ouvindo "Fool To Cry", dos Rolling Stones dezenas de vezes na *jukebox*. Amanhece na sarjeta e é internado. No hospital, decide se divorciar.

1979
• Internado novamente, conhece Carolyn, uma enfermeira negra, gorda e bondosa. Masturbação e fornecimento de maconha estavam entre seus serviços. Vai morar com ela numa casa de dois quartos. Carolyn dorme na suíte, com seus três filhos. Brian dorme no quarto menor.
• Marilyn demite Rocky Pamplin e Stan Love.

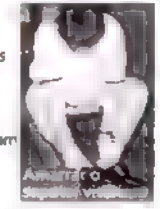
Formação no palco

1981
• Ultrapassa 200 quilos.

1982
• Brian chora todas com Dennis, então namorando uma menina de 14 anos. Dr. Landy é acionado novamente.
• Os Beach Boys demitem Brian, como parte da estratégia de "tratamento". Ele é levado para o Hawaii com o dr. Landy, a namorada do dr. Landy e mais quatro pessoas.

Gordíssimo

1983
• Volta do Hawaii mais magro. O dr. Landy e os Beach Boys despejam Carolyn de sua casa.
• Dennis, alcoólatra em último grau, morre afogado.



Amante e companheira

Brian em 1986, "recuperado"

"O rock é um remédio que salva a gente"

espaço para compor e para ser não interfere na minha carreira, apenas cuida de mim. E os bebês me dão amor e eu lhes dou amor de volta em forma de música. Funciona assim. Toquei 'Dream Angel' (*música dedicada às meninas*) para elas há dois meses. Dana (*a mais velha*) bate palminhas quando ouve, mexe as mãos e meio que balança com a música. Fico orgulhoso por gostarem da música que faço."

Apesar de ter trabalhado pela primeira vez com computadores em *Imagination*, Brian Wilson ainda acha Phil Spector, mago do pop americano dos anos 60 (responsável por sucessos como "Be My Baby", das Ronettes), "o máximo da experiência em gravação". "Visito lugares diferentes da minha cabeça quando escuto 'Be My Baby'. Vai [illegible] fascinante quanto da primeira vez que ouvi essa música."

O grande destaque em *Imagination* são as harmonizações vocais, marca registrada de Brian Wilson. Só que desta vez ele fez todas as vozes do disco sozinho, chegando a gravar 96 pistas em apenas uma faixa. "Há uns oito anos, tive aulas com um preparador vocal. Isso fez aumentar o alcance da minha voz, nos dois sentidos. Também aprendi a dosar minha emissão para não estourar a garganta. Nos anos 60 eu tomava muito café, dormia tarde, chegava ao estúdio, forçava a voz e não conseguia cantar tão bem."

Brian trabalhou com vários letristas, idéia do produtor, Joe Thomas (o homem responsável pela volta dos Eagles): "Fiquei livre para me concentrar na música". O *beach boy* não esconde que tem um sonho: trabalhar com Paul McCartney.

Enquanto Al Jardine prepara um disco solo e os Beach Boys de Mike Love seguem dando shows pelos EUA (com uma formação desfigurada, em que Matt Jardine, filho de Al Jardine, faz em falsete os vocais de Carl e Brian), o canal americano VH1 mostrou há pouco um novo documentário, *Endless Harmony*, sobre o grupo que rivalizou com os Beatles. A trilha, só com faixas inéditas (gravações ao vivo, versões alternativas etc.) está saindo em CD agora e é imperdível.

Mas Brian pensa no futuro: "Tenho umas seis músicas novas, algumas hard rock. Estou com vontade de cair no rock'n'roll! Quero fazer um disco de hard rock. Um disco que balance tanto que arranque as pessoas das cadeiras! Quero gravar vocais rock'n'roll para fazer todo mundo desgrudar o traseiro das cadeiras! O rock é um remédio que salva a gente. Pela energia e pela beleza."

Carl Wilson, Dennis Wilson, Mike Love, Al Jardine e Brian, em 1963

A doida vida de Brian

1984
- O "tratamento" ganha tom de lavagem cerebral. Brian chama Landy de "meu senhor".

1985
- Grava com os Beach Boys. Os integrantes do grupo brigam com o dr. Landy. Encontra a filha Carn e e não a reconhece. Depois, friamente, diz a ela e a Wendy que não pode ser um bom pai. Dr. Landy o impede de voltar a conviver com as filhas e com a ex-mulher, Marylin.

1986
- Marilyn pressiona e Carl reinicia a luta contra o dr. Landy. Os Beach Boys cortam o dinheiro de Brian, que é sustentado durantes seis meses pelo "terapeuta".

1987
- Começa a gravar seu primeiro álbum solo. O vice-presidente da Warner, Russ Titelman, quer produzir o trabalho pessoalmente. Kevin Leslie, contratado pelo dr. Landy, acompanha Brian em todas as sessões, e flagra Titelman fumando maconha no banheiro do estudio. Dr. Landy, parceiro e produtor executivo do disco, demite o figurão. Titelman demite Landy e – absurdo – demite também Brian Wilson de seu próprio disco. Lenny Waronker, presidente da Warner, intervem.

Com o dr. Landy

1988
- O disco *Brian Wilson* é lançado, mas a gravadora não produz sequer um clipe. Os Beach Boys lançam "Kokomo", na trilha do filme *Cocktail* e voltam a ser, depois de duas decadas, primeiro lugar nos EUA.

1989

- Dr. Landy, também envolvido num caso de assédio sexual, é condenado por prescrever remédios ilegalmente. Tem sua licença cassada. Stan Love, o ex-"vigia", reclama na Justiça a "custodia" de Brian Wilson. Carl Wilson o apóia.

1990
- Volta a dar shows com os Beach Boys
- O Wilson Phillips, grupo de suas filhas Carnie e Wendy, chega ao primeiro lugar
- A Warner manda Brian refazer todas as letras do disco que preparava, *Sweet Insanity*

1991
- Lança a autobiografia *Wouldn't It Be Nice* (Não seria legal?), glorificando o dr. Landy, culpando o pai e pintando um retrato horrível de Mike Love e Carl Wilson. O disco *Sweet Insanity* – com dueto com Bob Dylan e tudo – é arquivado. Existe em versões piratas.
- Carl pressiona Brian a se tratar com outro médico e o premia retirando o apoio a Stan Love no processo. Mas Brian segue sendo manipulado pelo amigo Gene (Eugene Landy).

1992
- Misteriosamente, 82 canções inéditas de Brian foram roubadas. Ainda não apareceram em piratas.

1994
- Dr. Landy o apresenta a Melinda, uma vendedora de carros usados. Os dois se casam no ano seguinte
- Reconcilia-se com a filha Carnie.
- Mike Love processa Brian pedindo 10 milhões em *royalties* e parceria em 39 musicas. No julgamento, Brian Wilson dorme, desmaia (ao ver a imagem do pai, num filme) e, no fim, entrega tudo de bandeja, ao admitir que Mike "pode ter contribuido" nas canções. Mike, que antes havia proposto um acordo de 750 mil dolares (mais as parcerias), acabou levando 3 milhões e os créditos todos.

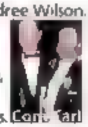
Com Melinda

1995
- Lança dois discos: *I Just Wasn't Made For These Times*, trilha de um documentario sobre sua carreira, e *Orange Crate Hart*, com o parceiro Van Dyke Parks.

1996
- Trabalha com os Beach Boys no disco *Stars And Stripes* (tributo com artistas country cantando repertório do grupo).
- O disco que gravou com o produtor Andy Paley é arquivado.
- Monta casa com estudio nos arredores de Chicago, para gravar com, o produtor Joe Thomas

1997
- Adota uma menina, Dana. Participa do disco *The Wilsons*, com as filhas.
- Morre a mãe, Audree Wilson.

1998
- Morre Carl Wilson, de câncer no pulmão, aos 51 anos.
- Adota outra menina, Delanie.



Com Carl

A primeira vez

Eddie Van Halen já era considerado o melhor guitarrista do mundo

Em janeiro de 1983, o Brasil mal sabia o que era um grande show de rock: o Van Halen, grande ausente do festival Monsters deste ano, veio e desvirginou os tímpanos nacionais

por Carlos Eduardo Oliveira

Michael Anthony, Eddie Van Halen e David Lee Roth fizeram shows históricos

Foto: Arquivo Impagem

Toda uma geração de brasileiros era praticamente virgem em matéria de grandes shows de rock. Sim, o Queen já havia vindo em 1981. Mas a turnê do Van Halen em janeiro de 1983 foi o verdadeiro batismo de fogo do país dentro do show business internacional. Na época, poderia-se afirmar sem exagero que o quarteto americano era a maior banda do mundo. O single "Pretty Woman" se segurava no topo das paradas internacionais, e o álbum *Diver Down* era o terceiro mais vendido nos Estados Unidos. O grupo estava a poucos meses de bater um recorde de cachê: um milhão de dólares por um show no U. S. Festival 83.

O empresário argentino José Angel Rota viabilizou a vinda do Van Halen. Mas a turnê na América do Sul só se materializou por causa do cancelamento de uma "perna" britânica. Dois anos antes, o vocalista David Lee Roth e o batera Alex Van Halen haviam passado por aqui divulgando o álbum *Women And Children First*. Deram entrevistas no bar Pentelharia, em São Paulo, tomando litros de cachaça, e emendaram para uma excursão pela Amazônia, também regada a aguardente. "Esta bebida é igual à microfonia de guitarra no ouvido", comparou David.

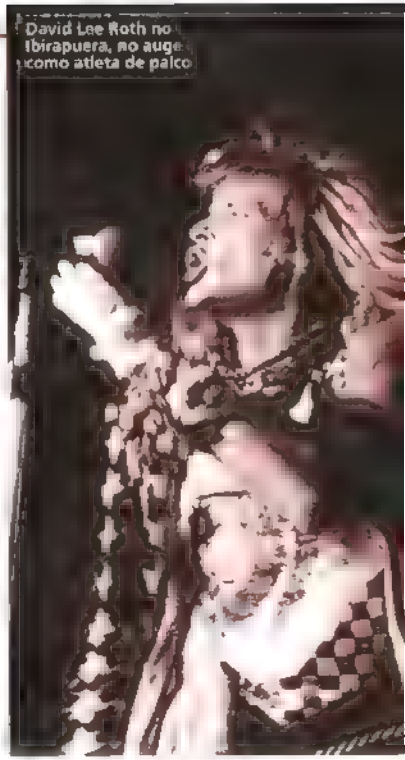
Os jornais destacavam: seria uma produção de 50 mil dólares (hoje, um show da banda paulistana Angra consome 15 mil dólares). As apresentações aconteceram no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo (três noites, com abertura da banda paulistana Patrulha Do Espaço), no Maracanãzinho, no Rio; e no Gigantinho, em Porto Alegre. "Um dia antes, a gente ainda não sabia de nada", recorda Júnior, fundador e baterista do Patrulha. "Disseram que só podiam oferecer um cachê simbólico – muito maior do que qualquer cachê não-simbólico brasileiro. Mas a gente até pagaria pra tocar."

Na noite de 21 de janeiro, o Van Halen concentrava-se ouvindo salsa e merengue nos camarins. "Vivemos em Los Angeles", explicou David. Luzes apagadas, ouviu-se "Start Me Up", dos Rolling Stones, seguida de uma fanfarra eletrônica. Uma nuvem de gelo seco tomou o palco, a cortina caiu e o Van Halen entrou levando "You Make Me Live".

Uma muralha de amplificadores Marshall tornava o som assustadoramente alto – poucas vezes uma aparelhagem daquele quilate pousara aqui. David não parava um segundo sua coreografia aeróbica, que alternava caratê e kung fu; correndo de um lado para outro, Eddie extraía notas impossíveis da guitarra vermelha e branca que ele mesmo fabricara com 200 dólares. Michael Anthony, o baixista, tocava mais discreto, escondido atrás de um enorme kit de bateria. Alex, o outro irmão Van Halen, fazia um barulho que marcou os ouvidos nacionais.

Foram duas horas de rock, incluindo "Unchained", "Running With The Devil", "Dance The Night Away", "Jane's Crying", "You Really Got Me" (dos Kinks), "Everybody Wants Some", "So This Is Love", "Cathedral"... Na introdução de "Ice Cream Man", David improvisou no violão uma ode à cidade, com o refrão em português: "São Paulo é legal". Para "Bottom's Up", o cantor voltou numa justíssima calça de couro com janelas panorâmicas no traseiro! A veia suave do Van Halen apareceu com Eddie em "Little Guitars" e em "Secrets".

Veio o bis com "Pretty Woman", uma apoteose de luzes. Alex Van Halen tocando fogo na bateria e o coro de "Happy Trails", tema do caubói Roy Rogers. Luzes acesas, almas lavadas e ouvidos zunindo – a cena se repetiria por mais duas noites. "Sai Paulo, vocêis sai número uno", berrava um suado e seminu David. Se o Van Halen demorou quinze anos para voltar, a culpa, segundo o staff da banda, é dos produtores brasileiros: parte de sua aparelhagem foi surrupiada aqui.


David Lee Roth no Ibirapuera, no auge como atleta de palco

De perto, o artista mostra ser um cara normal, simpático e muito espirituoso

O artista anteriormente conhecido como Prince tem 2 mil músicas inéditas gravadas e diz que vai lançar todas elas. Considerando-se que ele rasgou um contrato de 100 milhões de dólares e lançou onze discos nos últimos cinco anos, é normal

por André Barcinski, de Nova York

Gênio incansável

O artista anteriormente conhecido como Prince não gosta de falar com repórteres. Chegou a interromper entrevistas no meio porque não gostou do som da voz do interlocutor. Em anos recentes, passou a aceitar apenas perguntas via fax, coisa que só contribuiu para aumentar sua fama de esquisitão. Foi uma surpresa quando ele topou conversar sobre seu novo disco *New Power Soul*. Única exigência: nada de gravadores, para que a conversa não seja vendida em fitas piratas.

Prince abdicou de seu nome há alguns anos em troca de um ícone impronunciável (mistura dos símbolos feminino e masculino). Nos últimos anos, a imprensa o tem chamado de "o artista anteriormente conhecido como Prince". Agora só quer ser chamado de "Artista".

Frescura à parte, o fato é que o Artista é um revolucionário da música negra. Mais prolífico e talentoso nome de sua geração, gênio autodidata – síntese de Jimi Hendrix, James Brown e Sly Stone – ele criou algumas das melhores músicas pop dos anos 80. "Little Red Corvette", "1999", "Kiss", "Raspberry Beret", "When Doves Cry", "Purple Rain".

O Artista é também uma das figuras mais polêmicas da indústria pop. Em 1992, assinou um contrato de 100 milhões de dólares para lançar seis discos pela Warner, e no ano seguinte já estava brigando com a gravadora, acusando-a de tolher sua criatividade por não permitir que ele lançasse quantos discos quisesse, no ritmo que bem entendesse. A Warner dizia que precisava de tempo para divulgar os álbuns e que teria grandes prejuízos se lançasse quatro discos de uma vez, como ele queria.

Irritado, o Artista passou a criticar abertamente a gravadora e aparecer com a palavra *slave* ("es ▶

cravo") escrita no rosto. Também se recusou a gravar material inédito e disse que iria cumprir seu contrato de seis LPs usando músicas antigas que tinha guardadas. A briga continuou até 1994, quando chegaram a um acordo segundo o qual o Artista estaria livre de seu contrato depois de gravar mais dois discos (*The Gold Experience*, 1995, e *Chaos & Disorder*, 1996, dois fracassos de venda).

Hoje o Artista está livre, leve e solto. Fundou sua própria gravadora, a NPG (New Power Generation) Records e diz que nunca mais quer saber de patrão. Também resolveu se casar com Mayte Garcia, cantora de sua banda. Há cerca de um ano, Mayte deu à luz uma criança, mas o bebê morreu poucas horas depois do parto, vítima de uma má-formação do crânio (o Artista gravou o som da batida do coração de seu filho e mixou-o na música "Sex In The Summer" do album *Emancipation*).

De perto, ele é muito mais "normal" do que era de se esperar. Tirando o fato de que estava vestindo um paletó púrpura e botinhas de Peter Pan, o Artista é gente como a gente. Foi simpático, engraçado e irônico.

"Eu vivo para fazer música, 24 horas por dia. Bloqueio criativo é invenção para esconder falta de talento. Picasso nunca sofreu de falta de inspiração"

Você diz que *New Power Soul* é um disco diferente dos outros que você tem gravado recentemente...

Não é um disco só meu, mas da banda New Power Generation como um todo. Pela primeira vez aceitei sugestões sobre arranjos e produção. Em meus primeiros dez ou doze LPs fiz tudo sozinho, sem ouvir ninguém.

Você é um dos músicos mais prolíficos que existem. Já sofreu de falta de inspiração?

Acho que esse conceito de bloqueio criativo é uma invenção para esconder falta de talento. Se você não tem nada para compor, então deveria estar fazendo outra coisa... Vá pescar ou fazer compras! Os grandes artistas nunca sofrem com esse tipo de coisa. Picasso produzia em grande quantidade e nunca sofreu de falta de inspiração. Também, ele não precisou lidar com nenhuma gravadora. Já imaginou se houvesse alguém controlando a obra de Picasso?

Você acredita que a relação artista/gravadora é prejudicial à criatividade?

Sim, logico. Uma gravadora quer controlar não só o que o artista faz, mas também ditar o ritmo de trabalho dele. É difícil ter prazos para lançar discos. As vezes a gravadora quer apressar um lançamento para não perder a época de Natal ou coisa parecida, e o artista acaba fazendo um trabalho apressado.

O seu caso foi diferente, não? Você queria lançar um monte de álbuns de uma vez, enquanto a gravadora exigia mais tempo entre os lançamentos...

Eles me disseram que haviam feito pesquisas de opinião e que meus fãs diziam que não estavam conseguindo acompanhar meu ritmo. Besteira. Quando eu era novo, James Brown lançava três ou quatro álbuns por ano, e as pessoas queriam mais! Ninguém fazia pesquisas de opinião naquela época.

Você toca muitos instrumentos, e todos muito bem. Você pratica muito?

Tenho uma teoria de que, se praticar demais, acabo perdendo a espontaneidade e a criatividade. Outro dia estava conversando com Larry (Graham, ex-baixista do grupo de funk Sly and the Family Stone, veja boxe), um dos maiores baixistas do mundo, e ele me disse que também nunca praticava, porque sentia que a prática o inibia.

Muitos artistas gostam de ouvir seus discos prediletos como inspiração. Você tem um LP favorito?

Ouço os discos de um tal de Prince, não sei se você conhece. Coloquei todas as minhas influências nos meus discos. São um resumo de toda a minha formação musical.

Você ainda tem muitas músicas inéditas na gaveta?

Tenho quase 2 mil músicas gravadas. Tenho um disco em especial que gostaria muito de lançar: chama-se *Roadhouse Garden* e foi gravado na época de Purple Rain (1984). Na ocasião, achamos que a música estava muito à frente de seu tempo. Por isso resolvemos segurar o lançamento. Acho que agora seria a época ideal.

Como surgiu a idéia de criar sua própria gravadora, a NPG Records?

Decidi fundar a minha própria para finalmente me libertar e libertar outros artistas que também estavam sofrendo na mão de burocratas e executivos. Estamos lançando o LP de Chaka Khan (*Come 2 My House*), uma cantora genial e que estava havia seis anos sem gravar. Os últimos LPs dela não eram bons, porque os produtores não respeitavam seu estilo e enterravam sua voz sob uma montanha de sintetizadores. Ela estava desiludida com a música e queria largar tudo. Seu novo disco é maravilhoso.

Você também está lançando o LP de Larry Graham, não?

Sim. Larry estava morando na Jamaica, desiludido. Quando soube que ele estava pensando em largar a música, imediatamente convidei-o para gravar. Levei-o para meu estúdio e disse: "Pode ficar o tempo que precisar!" Era o mínimo que eu podia fazer. Afinal, passei a vida toda roubando as linhas de baixo dele!

Onde você guarda seu Oscar? (*Prince ganhou um Oscar pela trilha sonora de Purple Rain, em 1984*)

Não sei. Ele deve estar jogado em algum canto da minha casa. Sinceramente, não vejo muita graça nesses prêmios. Acho errado incentivar a competição entre artistas...

Seu último clipe, "The One", foi dirigido por sua mulher, Mayte. Ela já havia dirigido algo antes?

Não. Passei meses caçando um diretor, sem encontrar ninguém que achasse adequado. Foi quando Mayte chegou para mim e disse: "Pode deixar que eu dirijo". Achei que era piada, mas depois percebi que era um sinal de Deus. Acabou que foi o melhor clipe que eu já fiz. E mais uma vez eu aprendi a sempre confiar nas mensagens divinas.

Você confia em mensagens divinas para todos os seus negócios?

O Senhor sempre me manda algum sinal, e eu acabo percebendo a tempo. Me aconselha em tudo. Foi por uma mensagem divina que larguei meu contrato na Warner. As pessoas na época acharam que eu era louco. Eu tinha um contrato de 100 milhões de dólares, o maior contrato da história, e você simplesmente não larga um contrato daqueles. Mas eu larguei e me dei bem.

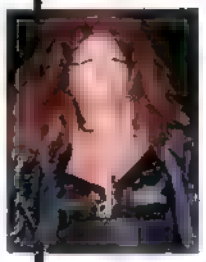
Você tem boas lembranças do Brasil?

Lembro bem daquela viagem, mas é melhor que essas lembranças continuem apenas em minha memória. Não quero falar sobre isso.

Você não gosta de dar entrevistas?

Não me importo em dar entrevistas contanto que sejam a respeito de música e do meu trabalho. O problema é que os jornalistas já vêm com predisposição de me esculhambar. Querem saber sobre tudo, menos sobre meu trabalho. Se eu te contar os casos, você não acredita. Há jornalistas que nem dão bom-dia, vão logo perguntando: "Por que você é tão esquisito?" O que você quer que eu responda?

A garganta profunda e o mestre do "estica-e-puxa"



Chaka Khan

É uma das vozes mais privilegiadas da música negra norte-americana. O trabalho desta cantora pródiga em agudos inclui covers magistrais dos Jackson Five ("Got To Be There") e colaborações em discos de Steve Winwood, David Bowie e Whitney Houston – que a considera sua maior influência. O grande sucesso de Khan é uma canção de Prince, "I Feel For You".

Larry Graham

É o inventor do slap, aquela puxada violenta nas cordas do baixo, que já deu o charme necessário a canções de Sly Stone ("Dance To The Music"), Prince ("If I Was Your Girlfriend") e Red Hot Chili Peppers ("Give It Away"). Como integrante da banda de Stone (o mestre do funk psicodélico), Larry deixou sua marca em álbuns como *Stand!* (1969). Em 1973 ele partiu para a carreira solo e formou a Graham Central Station, que durou cinco anos.

((((Resposta ensurdecedora))))

Sepultura supera a saída de Max Cavalera e critica seu grupo, Soulfly

por Carlos Eduardo Oliveira

Cicatrizar as feridas da traumática saída do ex-líder Max Cavalera, exorcizar os fantasmas que ameaçavam enevoar o futuro da banda, apresentar o novo vocalista, Derrick Greene, realizar o show oficial de retorno, mostrar o repertório de *Against*, o esperado novo disco... Não eram poucas as responsabilidades do Sepultura. Mas, após a apresentação no estacionamento do Anhembi, dia 15 de agosto, as tarefas estavam todas cumpridas.

"Em julho, fizemos três shows não divulgados na Califórnia, sob o pseudônimo Troops Of Doom. Após tanto tempo parados, precisávamos voltar devagar. O Derrick está se soltando aos poucos", avalia o guitarrista Andreas Kisser, para quem a pressa é inimiga da perfeição.

Usando esse raciocínio, ele critica. "O disco do Soulfly *(novo grupo de Max Cavalera)* é confuso e totalmente inspirado nas idéias de *Roots (álbum anterior do Sepultura, que incorporava ritmos brasileiros)*. O Max optou por sair na frente, montar outra banda e gravar depressa. Ele pode alcançar mais do que isso. Nós precisávamos de tempo para nos reencontrarmos como músicos."

O som do Soulfly, uma evolução de idéias mostradas no álbum *Roots* (que o Sepultura lançou em 1996) chegou a ser chamado pejorativamente de "a batucada do Max" nas hostes do rock pesado. Andreas defende e corrige: "É uma idéia distorcida. O lance percussivo vem desde *Arise* e culminou em *Roots*, um disco conceitual. Se não gostam, nós, do Sepultura, também temos culpa no cartório. Mas *Against* é totalmente diferente e faz uma espécie de resumo de todas as nossas fases – o que não quer dizer que abrimos mão do experimentalismo."

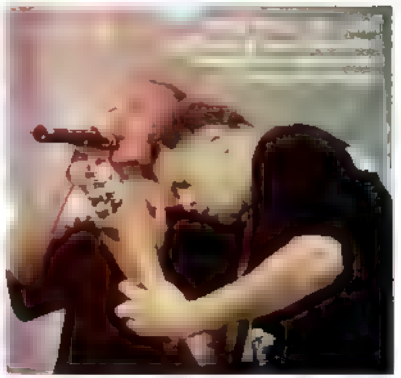
Toninho Coelho, presidente do fã-clube oficial do Sepultura, diz que no público brasileiro predomina uma postura anti-Soulfly. "O Max pregava a união entre fãs e banda, nos ensinou a agir como Sepultribe *(tribo Sepultura)* e foi o primeiro a trair o pacto". Andreas completa: "Ele agiu como político tentando dividir o eleitorado. Usou os fãs e a imprensa para nos atacar e posar de vítima. Preferimos não comprar a briga e trabalhar, mesmo porque os reais motivos da separação muita gente já sabia. A resposta é nosso som, e os fãs sabem disso", explica o guitarrista. "Mas o importante é que agora eles têm duas boas opções", completa.

Andreas diz que a fase difícil só não significou o fim do grupo "por conta do forte poder de concentração no palco. 'Muitas vezes entramos em cena batendo boca e no fim do show ninguém lembrava mais o motivo da briga'".

Quando ficou claro que Andreas não seguraria" os vocais ("ainda não atingi o nível que o Sepultura merece"), foi feita uma seleção para o cargo de cantor. Derrick Greene, um negro americano de 27 anos, bateu outros cinco candidatos. Nascido em Ohio e criado em Nova York, ele passou por obscuros grupos hardcore (Overthin, Outface, Alpha Jerk) e foi porteiro de clubes noturnos. "Gostava do Sepultura e admirava sua posição de não se vender, como fazem várias bandas dos Estados Unidos", revela.

"Ele ficou por ser um cidadão universal, um americano atípico", elogia o baterista Igor Cavalera. Derrick fala vários idiomas e devora livros de ficção científica e de História, demonstrando uma sede de conhecimento pouco usual no meio heavy metal. "Minha namorada é alemã e como viajo muito, gosto de me aprofundar na cultura dos países. Está sendo assim com o Brasil", conta. Quando sua entrada ficou decidida, foi submetido a rituais de iniciação que incluíram peladas a cervejadas. Foi cooptado por Igor para a torcida do Palmeiras e até já comenta com aroma: "Adorei a diversidade cultural e étnica daqui."

Foto: Jorge Bispo/Folha



FÃS APROVAM NOVO VOCALISTA

Derrick Greene não possui o carisma de Max Cavalera. E daí? A julgar pela vibração da platéia de 20 mil pessoas, quem foi ao Anhembi saiu convencido de que o americano é o homem certo no lugar correto.

A partir do início com "Roots", o grupo repassou sua carreira em 2 horas e exatas 24 músicas. Derrick, completamente à vontade, deu conta do antigo repertório (com exceção de "Orgasmatron", cantada por Andreas). As novas composições ("Tribus", "Choke", "Old Earth" e "Against") funcionaram bem.

Jason Newsted, baixista do Metallica, tocou guitarra e comandou os vocais em "Last Cares" e "Green Hell", covers da banda punk Misfits.

No final, nem a patuscada de Carlinhos Brown (que parou o show por 15 minutos por causa da carta de um adolescente que ameaçava se matar após o show) estragou a festa, que ainda contou com a participação de índios xavantes.

Promoção QUATRO RODAS
DÁ O 1º NOVO FUSCA DO BRASIL

Pegue já seu cupom na edição de setembro da QUATRO RODAS.

Patrocínio
PETROBRAS
www.petrobras.com.br

Transição e versatilidade

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ.

Banda mostra que há muito para se fazer de novo no devastado terreno do thrash metal

SEPULTURA
Against
Roadrunner

O novo álbum do Sepultura deve ser avaliado objetivamente, sem comparações entre Max Cavalera (que saiu do grupo em fevereiro de 1997) e o novo vocalista, Derrick Greene. O grupo está afiadíssimo. Há soluções harmônicas e melódicas criativas, mostrando que ainda dá para fazer muita coisa boa sobre a terra devastada do thrash metal.

Canções como as instrumentais "Thrcermillennium" e "Tribus", "Old Earth" (com alguns acordes de forró) e "Floaters In Mud" são belos exemplos dessa diversidade sonora e convivem muito bem com a porradaria da faixa-título, "Boycott" e "Rumours" (autênticos fura-tímpanos). "Reza", com João Gordo no vocal, é um bom exemplo de como a banda mineira trafega entre o heavy metal e o hardcore com a maior desenvoltura. "Kamaitachi", em parceria com os japoneses do Kodo, traz sopros e percussão com acentos orientais interessantes. "Hatred Aside" tem a participação de Jason Newsted, do Metallica, e lembra Motorhead.

Derrick Greene é um bom vocalista. Seu modo de cantar, agressivo *ma non troppo*, chama a atenção para o fato de as novas composições serem mais "melódicas" (se é que se pode usar esse termo, em se tratando do Sepultura).

Against é um álbum de transição e como tal deve ser encarado. O Sepultura padece um pouco de falta de direção, atirando em diversos estilos ao longo do álbum. Mas dá mostras que tem futuro sem Max Cavalera.

Ivan Miziara — Nota 9

Os textos são de responsabilidade de quem os assina, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista.

O trio nova-iorquino incrementa sua receita com samples e sons psicodélicos

Keep Moving

Um novo passo para o rock

BEASTIE BOYS
Hello Nasty!
Grand Royal/EMI Music

Imagine vários tipos de batidas, barulhos psicodélicos, guitarras, sirenes, gritos, arranhões de discos, rap e samples. Você tem Beastie Boys. O novo lançamento do trio, *Hello Nasty!*, possui todos esses elementos e muito mais. O disco resgata as origens do movimento hip hop, recorda os rappers da velha escola e, principalmente, abusa de efeitos dos primórdios do rap – como scratches e colagens que vão do rock a soul, jazz e rap. O resultado é um trabalho autêntico, cheio de grooves e muito ousado na escolha dos samples.

Os Beastie Boys viajam sem se importar com o modismo. "Super Disco Breakin' " é uma canção da hora e "Song For Junior" traz o balanço do jazz latino. Já "Song For The Man", com sua mistura de rock e funk, nos coloca de volta aos anos 60, época de grupos psicodélicos como Sly & The Family Stone. Os méritos de "Three MC's And One DJ" são todos do próprio DJ. Mister Mix Master Mike (que foi campeão mundial das pick ups ao lado do DJ K-Bert) reproduz o som de uma banda inteira apenas na base dos scratches. "The Move" impressiona pela criatividade, com ótimos scratches e variações de batidas.

Hello Nasty! pode não ter o peso do "rap de gueto" que se conhece aqui no Brasil, mas representa uma nova linguagem do rock. É porrada unindo vários estilos – a tecnologia dos anos 90 e a criatividade e ousadia dos anos 70

DJ Hum Nota 8

THE MAVERICKS
Trampoline
MCA/Universal Music

Raízes de América (do Norte) country e latinidade

Roy Orbison (1936-1988) foi um contemporâneo de Elvis Presley que tornou o mundo melhor cantando "Oh Pretty Woman" e outras delícias. Quem não esquece sua voz e seu estilo vai ter uma bela surpresa ao escutar o quinto álbum dos Mavericks. O cantor e guitarrista Raul Malo incorpora o espírito de Orbison em quase todas as faixas, sempre inspirado. Quem não conhece Orbison, vai lembrar de Chris Isaak (autor do hit "Wicked Game") outro artista contemporâneo que bebe na mesma fonte. Mas este disco dispensa referências. É acessível, divertido (tem até incursão pelo *vaudeville*, "Dolores"), sedutor e emocionante. Vale como um resumo dos sons de raiz dos EUA. E acaba numa divertida latinidade tradicional, "La Mucara", afinal, os *muchachos* são da Flórida

Pedro So Nota 8

PRINCE
New Power Soul
NPG/BMG Brasil

Gênio do funk lança CD "norma"

O Prince atual está longe de ser classificado como gênio – o título que caberia melhor no álbum *Sign O' The Times* (1987). Mas ainda supera os companheiros de negritude. Ele compõe como poucos; em *New Power Soul*, seu novo trabalho, há espaço para funks ganchudos (a faixa-título), baladas ("One") e quatro outras faixas que não fazem feio nas festas da cidade. E tal qual Spike Lee (que resgata heróis negros do passado para que a "garotada conheça sua história"), Prince tira da manga três matusaléns do gênero: o rapper Doug E. Fresh ("Funky Music"), o baixista Larry Graham e a cantora Chaka Khan ("Come On"), sustentam a versatilidade do saxofonista Edgar Duvivier. O músico buscou composições pouco conhecidas de Pixinguinha ("Ingênuo" e "Um A Zero") e de Jacob do Bandolim ("Orgulhoso", que traz um belo duelo com o também saxofonista Zé Nogueira). Entre as inéditas há "As Canela Dela, Frevo" do pianista Leandro Braga, que também arranja e toca piano na ótima "Tweety No Brasil". "Queixa Antiga" e "Choro Em Paris" também inéditas, estão entre as melhores do disco. Edgar Duvivier percorre novas composições e velhos conhecidos com coesão, sem amalgamar as diferenças. Seu metal brilha entre belas cordas e bem executada percussão

Sérgio Martins Nota 9

EDGAR DUVIVIER
Sax Brasileiro
Kuarup

Sax recupera choros e frevos

O conjunto de instrumentistas reunidos neste *Sax Brasileiro* esbanja sensibilidade de interpretação. Alternam os compositores e os ritmos, mas o violão de Maurício Carrilho e o cavaquinho de Luciana Rabello sustentam a versatilidade do saxofonista Edgar Duvivier. O músico buscou composições pouco conhecidas de Pixinguinha ("Ingênuo" e "Um A Zero") e de Jacob do Bandolim ("Orgulhoso", que traz um belo duelo com o também saxofonista Zé Nogueira). Entre as inéditas há "As Canela Dela, Frevo" do pianista Leandro Braga, que também arranja e toca piano na ótima "Tweety No Brasil". "Queixa Antiga" e "Choro Em Paris" também inéditas, estão entre as melhores do disco. Edgar Duvivier percorre novas composições e velhos conhecidos com coesão, sem amalgamar as diferenças. Seu metal brilha entre belas cordas e bem executada percussão

Bruno Zeni Nota 9

DEEP PURPLE
Abandon
EMI Music

Veteranos tentam, em vão, manter o prestígio

Fundado em 1968 no auge da era progressiva, o Deep Purple ficou notório como um dos precursores do heavy metal inglês. Após passar por diversas formações, o grupo voltou à formação clássica (com o vocalista Ian Gillan, o guitarrista Ritchie Blackmore, o tecladista Jon Lord, o baixista Roger Glover e o baterista Ian Paice) em 1984 lançando o álbum *Perfect Strangers*. Em *Purpendicular*, de 1996, recrutou Steve Morse para a vaga deixada pela saída de Blackmore. O resultado foi um virtuosismo estéril e desnecessário substituindo os riffs ganchudos e os solos eficientes que eram característicos do ex-guitarrista. Esta desagradável sensação se confirma no mais recente álbum deles, *Abandon*. O cheiro de bolor predomina, culminando numa releitura patética de "Bloodsucker" (do clássico *In Rock*, de 1970, aqui grafada como "Bladsucker")

Celso Pucci Nota 2

Mais perto do pop

ARNALDO ANTUNES
Um Som
BMG Brasil

Arnaldo Antunes está conseguindo soar pop e acessível. No quarto trabalho solo, além de músicas que trazem a sua marca registrada ("Decida", que lembra a época dos Titãs), ele expande seu rock MPBístico adicionando cuícas, sanfonas e levadas de samba. Já as letras buscam cada vez mais a simplicidade. Na maioria das vezes esse esforço dá bons resultados – como na caipira "O Sol", cujas violas e rabecas são capazes de deixar Renato Teixeira com inveja.

Um Som tem apenas duas deficiências: a primeira é que é um disco muito longo, com dezessete músicas comprimidas em quase uma hora – maratona que dilui as qualidades do álbum. E Arnaldo Antunes mal pode ser chamado de cantor. A essa altura, não se justifica que continue com a mesma voz curta, limitada, do começo da carreira. É esse o motivo que o impede de frequentar as rádios, porque músicas para isso não faltam neste CD.

Vitor Paolozzi Nota 7

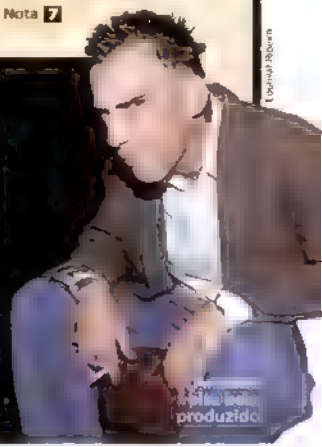
Antenado com a nova MPB

Você se aproximou de uma linguagem mais brasileira?
Arnaldo Antunes - Ela sempre esteve um pouco presente no meu trabalho, mas não quero me definir por um gênero, [é] uma mistura bem resolvida de sons acústicos e eletrônicos, de rock com uma coisa brasileira.

Por que você convidou Chico Neves para produzir o CD?
Adoro a sonoridade do disco do Lenine (*O Dia Em Que Faremos Contato*) que ele produziu. Conhecia também os trabalhos que o Chico fez com a Fernanda Abreu, que eu achava bem realizados.

Como foi a composição do repertório de *Um Som*?
Aconteceram muitas parcerias. Quando já estava no estúdio preparando as músicas, o Jorge Ben Jor me ligou, contando que tinha musicado sete poemas do meu livro *As Coisas*. Entraram "As Árvores" e "Dinheiro". "Fim Do Dia" eu tinha feito com Paulo Miklos ainda na época dos Titãs – o mesmo para "Se No Meio Do Que Você Tá Fazendo", com Nando Reis. Tem três faixas que fiz com o Edgard Scandurra, e "Doce Do Mar", com Carlinhos Brown.

A letra de "Na Ativa" ("Eu explico! Eu respondo! Eu descomplico...") fala de você como compositor?
Foi criada pensando num fleite. Mas pode ser uma conversa minha com o público.



Gabriel Rolim

CABEÇA DE NEGO
Cabeça De Nego
PolyGram
Álbum de estréia investe em reggae e soul cariocas

Apesar do predomínio do reggae, o grupo carioca Cabeça De Nego não se limita a reinterpretar o gênero jamaicano. Seu trabalho é uma retomada moderna do Cassiano, Tim Maia, Banda Black Rio e outros mestres da soul music brasileira dos anos 70.

O Cabeça não se furta às mais diversas influências, como se nota em composições próprias e em regravações interessantes. Bom exemplo entre as inéditas são "Nosso Universo" e o rap-funk-suave "Negro De Natureza". As covers incluem "Flash-Back" (hit de 1972 de Dalto, autor de "Muito Estranho") em ritmo de reggae, "Just My Imagination", do quinteto vocal Temptations (vertida para o português de Paulo Ricardo, aquele do RPM); e "Educação Sentimental", do K.d Abelha. Curiosidade adicional: "O Pequenino", sobre um poema da escritora paulista Carolina Maria de Jesus (1914/1977), a mesma autora de *Quarto De Despejo*, famoso livro sobre a vida nas favelas.

Ayrton Mugnaini Jr. **Nota 7**

MIDNIGHT OIL
Redneck Wonderland
Epic/Sony Music
Guitarras contra o conservadorismo

A se julgar pelo que o baterista Rob Hirst disse numa entrevista recente – que o Midnight Oil é "mais convincente quando está irritado" –, a banda estava prestes a explodir quando entrou no estúdio.

A revolta é grande, como sempre, o Midnight Oil dedica a maior parte das letras a protestos contra a onda conservadora que está tomando conta da Austrália. Eles estão pesados como em poucos momentos da carreira: os guitarristas James Moginie e Martin Rotsey provavelmente andaram ouvindo muitos discos de heavy metal durante as gravações. A soma dos riffs distorcidos com a música eletrônica (baterias computadorizadas e outros ruídos extraídos de teclados) dá ao disco uma força singular, pelo contraste que esses elementos provocam dentro do rock básico produzido pelo quinteto.

Vitor Paolozzi **Nota 8**

TYRANNOSAURUS REX & T. REX
A BBC History
Strange Fruit/Virgin
Metamorfose de uma banda inglesa

Os registros de *A BBC History* contam um dos mais importantes fenômenos do pop britânico da virada dos anos 60/70: a transformação do Tyrannosaurus Rex em T. Rex. Liderado pelo guitarrista Marc Bolan, o Tyrannosaurus Rex reunia a um visual "hippongo" e influências da filosofia oriental, com instrumentos acústicos interpretando as canções lisérgicas de Bolan, povoadas de seres mitológicos.

Mas ao abreviar o nome de seu grupo para T. Rex, Bolan se tornava também um dos criadores do glam rock, junto a David Bowie. Com look andrógino e um boogie elétrico no lugar do violão e dos trajes hippies, ele se projetou como um dos ícones do pop inglês no início dos anos 70 com hits como "Bang A Gong (Get It On)", "Telegram Sam" (covers respectivamente pelo Power Station e pelo Bauhaus) e "Metal Guru".

A segunda parte de *A BBC History* revela os primeiros registros de Bolan à frente do T. Rex, com gravações primitivas de "Ride A White Swan", "Jeepster" e uma cover para "Summertime Blues", de Eddie Cochran. A transformação do Tyrannosaurus Rex em T. Rex é bem descrita no encarte do disco pelo DJ britânico John Peel (que gravou boa parte das músicas desta coletânea de seu programa radiofônico). Foi uma mudança que coincidiu com "a perda de nossa inocência".

Celso Pucci **Nota 8**

Vários Soul Music

O destaque do mês é Let's Ride (Def Jam/PolyGram), terceiro lançamento do cantor americano **MONTELL JORDAN**. Autor do sucesso "This Is How We Do It", de 1995, Jordan se esmerou em produzir baladas com a dose exata de açúcar. "When You Get Home" e "Irresistible" são perfeitos ritos de acasalamento. O americano **USHER** faz de *My Way* (LaFace/ BMG Brasil) um amontoado de canções singelas – como "You Make Me Wanna", "Slow Jam" – com as bênçãos de produtores como o milionário Babyface (leia-se Boyz II Men). O negócio de **JAY-Z** é o rap. In *My Lifetime* (BMG Brasil) tem ladainhas bem sacadas. Finalizando, *Live At Wembley* (Spotlight) traz o derradeiro show do **LEVEL 42**, representante do "soul de branco". Tirando o baixo de Marc King e os hits "Something About You" e "Running In The Family", o resultado é desapontador.

Sérgio Martins

Usher tem baladas ao gosto do freguês

GARY NUMAN
Exile
Roadrunner
Cantor de "Cars", hit de 1978, ressurge do limbo

Nos anos 70, um bando de moleques ingleses e americanos pegou em guitarras e inventou o punk. Outro grupo, porém, achou os teclados eletrônicos para fazer música simples e direta. O cantor britânico Gary Numan fazia parte desse segundo time. Criou hits dançantes ("Cars") e, sem querer, ajudou a formar a atual onda techno. Ouvir seu novo trabalho, *Exile*, é perceber que Numan pouco evoluiu. Nem precisava. O pop evoluiu até ele. As faixas "Dead Heaven" e "Innocence Bleeding" são de fazer os caras do Prodigy morderem os cotovelos de inveja.

Para os antigos fãs do esquisitão, o CD vai soar datado. Para os novos ouvintes, mostra como é possível usar o repertório de póins e hips do techno para fazer música bacana.

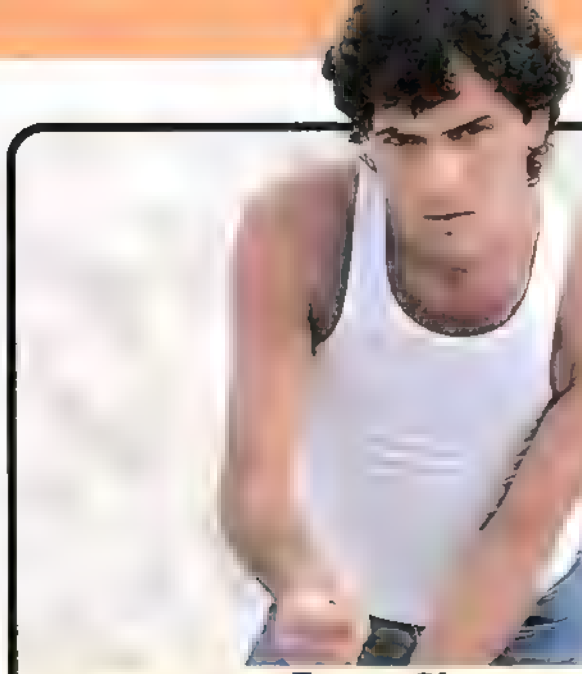
Thales de Menezes **Nota 7**

DEFTONES
Around The Fur
Maverick/WEA
Novo metal americano, com vocal de Max Cavalera

O quarteto californiano Deftones é a cara do metal contemporâneo. Guitarras em afinação baixa, batidas quebradas, letras introspectivas e vocais depressivos predominam em *Around The Fur*. Os Deftones têm dois mexicanos, um chinês e um americano em sua formação. Mas a mistura étnica pouco acrescenta ao gênero. Falta balanço rítmico, essencial a qualquer banda de metal. A suposta agressividade metálica é encoberta por vocais desafinados, efeitos de guitarra irritantes e melodias pobres.

Um dado interessante: Max Cavalera divide alguns berros com o vocalista Chino Moreno na música "Head Up". Mas nem isso salva *Around The Fur*.

Daniel Oliveira **Nota 3**



Recordações de um exagerado

replay

CAZUZA
Codinome Cazuza
PolyGram

Dos profetas do rock brasileiro, Cazuza foi o mais escancarado, o que levou a vida de bardo ao pé da letra e manteve sua escrita automática mesmo de cara com a morte. O imolado da geração X volta numa caixa de sete CDs, gravados entre 1985 e 1991, incluindo o bônus/coletânea *Codinome Cazuza*. Suas composições são relidas na voz de Gal Costa (que navalha "Brasil" com a garganta-lâmina), Rita Lee (num discurso antipolíticos em "Perto Do Fogo"), Luis Melodia (definitivo em "Codinome Beija-Flor"), Marina Lima (supercool na fatídica "Preciso Dizer Que Te Amo"), Cássia Eller (básica em "Malandragem") e até uma Elba Ramalho fora do eixo em "Só Se For A Dois".

Exagerado, o primeiro solo pós-Barão, projeta, além da faixa-título e dos standards "Codinome Beija-Flor" e "Mal Nenhum" (com Lobão), o édipo exorcista "Só As Mães São Felizes".

Gravado antes de descobrir-se com Aids, *Só Se For A Dois* (1987) não decolou. Elaborado, o disco arremessou no mínimo o rock baladaço "O Nosso Amor A Gente Inventa". *Ideologia* (1988), o mais denso de todos, é o álbum da virada, a começar pela porrada do título ("O meu prazer agora é risco de vida/ Meu sexo & drugs/ Não tem nenhum rock'n'roll"); "Boas Novas" ("Eu vi a cara da morte/ E ela estava viva"), além de "Brasil", "Um Trem Para As Estrelas", "Blues Da Piedade" e a new bossa "Faz Parte Do Meu Show", precursora da reavaliação do movimento.

O disco ao vivo *O Tempo Não Para* vale como antologia precoce, eletrizada pela adrenalina da beira do precipício. O duplo *Burguesia* (1989) rascunha com raiva e melancolia o final da festa, enquanto o póstumo *Por Aí*, de 1991 (feito com sobras deste e de *Só Se For A Dois*), ainda monitora os derradeiros (im)pulsos do poeta ("Não Há Perdão Para O Chato", "Hei Rei!"), numa crua autópsia em corpo vivo.

Tárik de Souza **Nota 7**

N'DEA DAVENPORT

N'Dea Davenport

V2 – IMPORTADO

Ex-cantora dos Brand New Heavies em voo solo

N'Dea largou o grupo britânico de soul music em 1996. Participou dos álbuns de Natalie Merchant *(Ophelia)* e dos papas do jazz-funk Headhunters *(Return Of The Headhunters)* antes de investir neste trabalho solo. Talvez seja por isso que *N'Dea Davenport*, primeira investida solo da moça, soe tão diversificado. Há ecos do suingue duro dos Heavies ("Whatever You Want", "Underneath A Red Moon") e uma bela cover de Neil Young ("Old Man"). Tudo temperado pela voz de Davenport, uma das grandes cantoras da nova geração.

Sérgio Martins Nota 7

MISSY "MISDEMEANOR" ELLIOT

Supa Dupa Fly

Elektra/WEA – IMPORTADO

Rap feminino e feminista. Lembra Prince

Missy é um fenômeno: com sua dicção sacana e peculiar, ela tirou o hip hop do gueto gangsta (bandido) e deu a ele uma cara mais melódica, maleável e sensual – ainda que essa sensualidade venha atrelada a uma boa dose de feminismo invocado (várias de suas letras são verdadeiras broncas nos "*fuckin niggas*", que costumam destratar as mulheres em suas composições).

Supa Dupa Fly, seu disco de estréia, é uma aula de música negra. Ela descarnou o R&B de maneira a restar só o essencial – bem longe da pomposidade melosa dos grupos vocais de hoje. Basta ver a faixa título, um primor de arranjo enxuto. Ou "Beep Me 911", com sua levada meio drum'n'bass e refrão irresistível. Missy ainda mostra em "Sock It 2 Me", que sabe cantar bem. Na bela "Friendly Skies", Elliot chega a lembrar o Prince dos bons tempos – e não só pelo vocal. Supa... é um disco irretocável.

Daniel Benevides Nota 8

VÁRIOS

Perdidos No Espaço

TVT/Sony Music

CD mezzo tecno, mezzo orquestral e meia bomba

Ao invés de seguir a tendência do mercado e lançar dois discos separados sob o nome *Perdidos No Espaço* – um com a trilha do filme e outro com interpretações de grupos que frequentam as paradas –, o selo TVT Soundtrax quis inventar e se deu mal: colocou no mesmo CD a peça sinfônica de Bruce Broughton e a coletânea techno "inspirada" no filme – já que ela não toca durante as cenas da fita. A idéia era somar público, mas o efeito é o oposto. Os fãs de techno vão apertar a tecla eject após a oitava faixa, ao passo que os amantes de música erudita só devem começar a audição a partir da segunda metade.

O segmento eletrônico fica a cargo de representantes ingleses: Apollo Four Forty (com uma animada versão para o tema do seriado), Propellerheads, Death In Vegas, Space, The Crystal Method, Juno Reactor & The Creatures e Fatboy Slim. Essa coleção de repetitivos mantras eletrohipnóticos deve interessar a poucas pessoas além de DJs.

Já o trabalho da Sinfonia Of London e de Bruce Broughton (que tem no currículo a trilha de *Silverado*) segue o padrão de trilhas sonoras: composições rebuscadas, grandiosas e excessivamente melosas, que podem cumprir sua função quando embalam cenas numa tela de cinema, mas que não se sustentam por si próprias.

Vitor Paolozzi Nota 5

Oásis de sensibilidade

O Embrace é o novo queridinho da crítica musical inglesa

Daniel Ehrenfeld

EMBRACE

The Good Will Out

Hut/Virgin Records – IMPORTADO

Os integrantes do Embrace são perfeccionistas assumidos, se recusam a fazer algo que não seja "perfeito". Por isso levaram quatro anos para lançar seu álbum de estréia, que corresponde plenamente à imensa expectativa despertada por singles maravilhosos, como "All You Good Good People" e "One Big Family". O quarteto de Huddersfield – a 50 quilômetros de Manchester – faz rocks com pinta de hino de estádio e baladas com violões, pianos e cordas que lembram as melhores coisas do Verve.

O grupo é liderado por dois irmãos (Danny e Richard McNamara), e por isso a imprensa apressou em chamá-los de "o novo Oasis". Mas, ao contrário dos Gallagher, os McNamara não fumam, não bebem, não gostam de futebol e fazem o gênero sensível e inseguro. A letra de "My Weakness Is None Of Your Business" ("Minha Fraqueza Não É Da Sua Conta") fala por si. Não há uma música mais fraca em *The Good Will Out*, o Embrace suou a camisa para escrever boas canções. Ainda assim, não possui estofo ou verve para tirar o pop britânico do marasmo.

Thomas Pappon Nota 8

TOM ZÉ

No Jardim Da Política

Independente

Tropicalista em disco ao vivo de 1984

Este é o segundo álbum ao vivo de Tom Zé (o outro é *Cantando Com A Platéia*, com Gereba, de 1990). Gravado em 1984 no saudoso teatro Lira Paulistana, trata-se de mais um dos delírios – no bom sentido – do tropicalista. O repertório inclui clássicos de autoria dele, como "Dólar" (gravada como "Glória" no primeiro LP), e pérolas inéditas em discos, como "No Jardim Da Política" (em que Tom Zé consegue gozar tanto a esquerda quanto a direita).

A qualidade sonora é apenas aceitável (recuperada de uma fita aparentemente em estado terminal), o que talvez torne o disco ainda mais atraente para os fãs de Tom Zé e de música descompromissada, longe do padrão pasteurizado das FMs e sem apelo comercial para as grandes gravadoras.

Ayrton Mugnaini Jr. Nota 8

JOHNNY WINTER

Live In NYC 97

Pointblank/Virgin

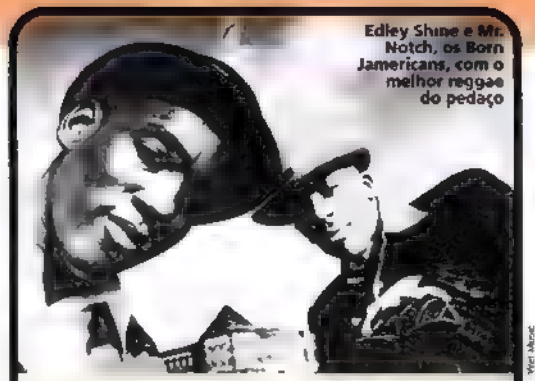
Blues em versões enfeitiçadas

Aos 54 anos, com o corpo esquadrinhado por tatuagens e empunhando uma guitarra Gibson Firebird com rara habilidade, o albino Johnny Winter segue fazendo de sua vida uma história de devoção ao blues. Incorporando ao estilo a energia do rock e reverenciando antigos mestres, como Muddy Waters e Sonny Terry, Winter talvez seja o mais autêntico bluesman branco em atividade. Seu último álbum – *Hey, Where Is Your Brother?* – datava de 1992, o que não significa que o guitarrista tenha se mantido encostado nos últimos seis anos. A agenda de shows que o astro albino cumpre sempre foi extensa, situando-se justamente nas apresentações e no contato com a platéia, os momentos nos quais o velho Johnny se sente mais à vontade para mergulhar na alma do blues.

Gravado em duas noites, *Live In NYC 97* carrega todo o *feeling* e a técnica guitarrística de Winter, cada vez mais apurada. Ele arrasa em clássicos como "The Sky Is Crying" (Elmore James, um dos guitarristas prediletos de Jimi Hendrix), "Black Jack" (do soulman Ray Charles) e "Drop The Bomb" (do veterano de Nova Orleans, Snooks Eaglin), além de uma grande releitura para "Johnny Guitar" (tema do finado Johnny "Guitar" Watson, que Winter celebrizou).

Um trabalho que se insere na linhagem dos melhores registros ao vivo do guitarrista, ao lado de *Johnny Winter And Live* (1971), *Captured Live e Together* (ambos de 1976).

Celso Pucci Nota 8



Edley Shine e Mr. Notch, os Born Jamericans, com o melhor reggae do pedaço

Wet Music

Deliciosa obscuridade

BORN JAMERICANS

Yardcore

Delicious Vynil/Wet Music

Estranho que este disco tenha passado batido no Brasil. Não foi lançado pelas vias normais (no caso, a filial brasileira da BMG) e sim importado pelo minúsculo selo independente paulistano Wet Music. Ainda mais esquisito é que a dupla Born Jamericans, formada por Mr. Notch e Edley Shine, já tenha se apresentado em São Paulo, em dois shows nos cafundós, dos quais pouquíssima gente ouviu falar.

Uma pena. Primeiro, porque esse som tem tudo para acontecer por aqui. Trata-se de uma bem mandada combinação de dancehall e hip hop, com deliciosas incursões por territórios de atmosfera romântica. Caso, entre outras faixas, das versões que a dupla apresenta para sucessos do soulman Junior ("Mama Used To Say") e do grupo juvenil Take That ("Back For Good"), canções que caberiam até na programação das rádios mais chochas. Segundo – e mais intrigante – é que o álbum foi bem lá fora. Não chegou ao topo das paradas, mas fez com que a dupla conquistasse a irmandade atenta ao reggae. A música é mesmo acachapante. Tem ótimos vocais e uma seleção de samples de causar inveja nos DJs que se julgam os mais descolados. Como sugere o título de uma das faixas, "siga esse passo".

Celso Masson Nota 8

Entre Stevie Wonder e covers

Vocês se apresentaram no Brasil? Onde?

Mr. Notch – Nos apresentamos no início de maio, apenas em São Paulo. Foi legal, tocamos em clubes de periferia (em Interlagos e em Parelheiros). Fiquei espantado porque muitos conheciam nossa música, ela tocava nos bailes black da cidade... Mas espero voltar aí para tocar em locais maiores – e com mais tempo.

Edley, como foi sua participação no disco de Stevie Wonder, *Conversation Peace*?

Edley Shine – Trabalhar com Stevie Wonder é o sonho de qualquer artista. No meu caso, achei que foi sonho mesmo – meu empresário me acordou no meio da noite para dar essa boa notícia. Eu bolei um rap para "Tomorrow Robin Will Sing". Bela canção!

Yardcore inclui uma cover para "Back For Good", do Take That. Por quê?

Mr. Notch – Eu estava ouvindo rádio no meu carro e de repente pintou "Back For Good". Gostei da melodia, do refrão e decidi fazer uma versão reggae dela. Você deve estar me perguntando isso porque o Take That é meio baba, não? Mas as boas canções estão acima de qualquer coisa.

Eterno retorno do boêmio

replay

NELSON GONÇALVES
O Rei Do Rádio
BMG Brasil

O boêmio pediu a saideira em abril, aos 78 anos, cantando, na última faixa de seu último disco, *Ainda É Cedo*, "Me Chama". Impossível desobedecer ao vozeirão, visto que a zelosa BMG desova nas lojas vinte álbuns com o dó-de-peito precioso deste gaúcho de Santana do Livramento (1919-1998). Dá para overdosar de emoção. Os lançamentos vão de 1956 a 1992, e incluem uma coletânea, *O Rei Do Rádio*, com fonogramas do período 1953-63.

Essencial, a compilação não abarca "Renúncia" e outras grandes interpretações da primeira fase da carreira de Nelson Gonçalves – um rio cujo divisor de águas não é a cocaína que o carcomeu de 1958 a 1966, mas o encontro com um português radicado em Campo Grande, Zona Oeste do Rio: Adelino Moreira, autor de "A Volta Do Boêmio", sua canção-assinatura. Sendo assim, *O Rei Do Rádio* tem Nelson cantando o letrista mais derramado e exagerado (Cazuza perto de Adelino é João Cabral) da MPB. Inventor dos próprios clichês, seu lirismo é de macho e suas mulheres são "mariposas" ou "bonecas vadias". A dupla Herivelto Martins e David Nasser também ajuda Nelson a se embriagar com os perfumes da alcova brasileira, vide a fetichista "Camisola Do Dia" e o tango "Hoje Quem Paga Sou Eu".

Pedro Só — Nota 10

SUPREME NTM
Supreme NTM
Sony Music IMPORTADO

Quarto trabalho dos Racionais MC's da França

Além de futebol, a França também tem rap de boa qualidade. Faz sentido, afinal se trata do povo mais politizado e próximo do mundo – mesmo que não seja tão popular. Nesse estilo, o Supreme NTM se destaca como uma espécie de Racionais MC's franceses. Eles também são bravos, sérios e fazem letras inteligentes, com boas rimas. Os assuntos são praticamente os mesmos: a vida dura na periferia, o racismo, a arbitrariedade da polícia (recentemente eles foram presos em Toulon por causa da letra de uma música que mandava as autoridades para "aquele lugar") e as drogas. Este é o quarto disco dos caras. Se os três primeiros – *Authentik* (1993), *J'Appuie Sur La Gâchette* e *Paris Sous Les Bombes* – tinham um som mais sujo, urgente, este ganha em produção.

Daniel Benevides — Nota 8

DANIELLA'S DAZE
Slut
Roadrunner

Alanis Morissette holandesa carrega no sexo

Vem da Holanda um dos projetos mais intrigantes do pop. Em seu disco de estréia, Daniella's Daze mostra como é duro ser menina num mundo muito macho. O sexo desfila por todas as faixas de *Slut*. Seja de forma explícita ("Inside (Inside Me)") seja em delírios adolescentes ("100% Jesus", ela canta: "Ande sobre as águas/ Mas venha para a minha cama"). Desde o estouro da superstar canadense Alanis Morissette que um álbum não fala tão diretamente às garotas de espírito rock quanto *Slut*.

Há gente dizendo que Daniella's Daze não passa de mais uma armação de gravadora. Pode até ser, mas não tira o mérito de um dos discos mais sensuais dos últimos tempos.

Thales de Menezes — Nota 8

BANDA DE PÍFANOS DO BENDEGÓ
Toques De Canudos
Biscoito Fino

Ritmos ancestrais de herdeiros de Canudos

Não tão famosa quanto a de Caruaru, a Banda De Pífanos Do Bendegó existe há quatro anos formada por pescadores do açude de que mandou a mitologia a cidade de Canudos, no sertão baiano. Em seu primeiro registro digital, o grupo resgata a bravura e romântica de lindas marchas e benditos, ritmos ancestrais e à beira da extinção.

Boa parte das composições são de domínio público e exaltam o sincretismo religioso das festas populares nordestinas. Quando executa criações próprias ("Sambinha 1 & 2", "Sambambaia"), o quarteto imprime um andamento mais dinâmico. É muito bom ter a riqueza dos ritmos nativos atirada na nossa cara.

C.E.O. — Nota 8

BOI MAMÃO
Compre, Grave Ou Roube
Paradoxx

Ska machista e sem graça do grupo curitibano

O Boi Mamão é uma banda contra o sistema. "Na verdade, são tão retrógrados quanto a Xuxa, o Gugu, o Rodolfo e o E.T. Logo nas duas primeiras faixas, a selvageria se instala. 'Capela E Você' contrapõe religião mercantilista e curtição. "O ska com pauleira vai me salvar (...)/ Minha salvação é o bar lá que é o meu altar".

Os meninos do Boi Mamão também querem escravizar, subjugar, segregar. Em "Não Sou Gringo", se dizem "brasileiros dominando o mundo". Outro assunto que permeia várias das músicas da banda é a velha lengalenga de que mulher é um saco, só serve para fazer sexo.

Enfim, *Compre, Grave Ou Roube* é um tédio. Fa tou falar do som? Como as letras, o ska com pauleira do Boi Mamão também é péssimo.

Bruno Zeni — Nota 1

ALBERT PAVÃO replay
Antologia Do Rock E Jovem Guarda
Bruno Discos

Coletânea com um dos pioneiros do rock brasileiro

Albert Pavão tem se dedicado a resgatar a memória do começo do rock no Brasil, ajudando no lançamento de CDs de outros desbravadores como Tony Campello e Renato E Seus Blue Caps. Mas só agora achou tempo para compilar seu próprio material. Este disco traz os sucessos "Vigésimo Andar" (versão para "Twenty Flight Rock" de Eddie Cochran) e "A Batalha De Waterloo".

Albert também produziu versões competentes para hits de Elvis Presley ("All Shook Up") e Cliff Richard ("Move It") e companhia, músicas bem humoradas, como "Lobo Mau" e "Meu Broto Só Pensa Em Estudar". Mas nada supera "A Casa Da Emu", versão para o clássico "Heartbreak Hotel", de Elvis Presley. Um CD que vai agradar a curiosos e pesquisadores do rock nacional.

Paulo Cavalcanti — Nota 8

LEMONHEADS
The Best Of The Lemonheads
Continental/Atlantic

Quase-hits de Evan Dando, galã da geração X

Em 1992, o Nirvana abriu a porteira para centenas de grupos do chamado rock alternativo. Foi então que os Lemonheads viram sua regravação paulada de "Mrs. Robinson" (da dupla americana de folk Simon & Garfunkel, incluída aqui) se transformar em hit. Como diferencial do rebanho, mostraram sensibilidade pop (fazem cover até do grupo infanto-juvenil New Kids On The Block) e devoção ao pilar sagrado do gênero: a canção.

O tom entediado-chapado das interpretações é puro disfarce – a vida desregrada do líder Evan Dando jamais lhe tirou o apuro formal. Ele formata em estruturas simples versos desconcertantes sobre relacionamentos ("se eu fosse uma inseta, você assoaria o nariz?" (...)/ Só estou tentando me dar uma razão para estar à sua volta"), drogas (sem julgamentos nem apologia) etc. Nesta coletânea agradabilíssima, falta apenas o melhor dos três primeiros discos, independentes.

P.S. — Nota 8

Vários Metal Uma das atrações do festival Monsters Of Rock deste ano, o veterano quarteto **MANOWAR** mostra que rock acéfalo às vezes pode ser divertido. *Hell On Wheels* (Rock Brigade Records), gravado ao vivo durante a turnê mundial de 1997, funciona como boa compilação dos dezesseis anos de estrada da trupe e inclui os sucessos "Gods Made Heavy Metal" e "Battle Hymns". Outro destaque do Monsters, o quinteto alemão **HELLOWEEN** não arreda pé de seu bem elaborado chucrute melódico no lançamento *Better Than Raw* (Paradoxx Music). Já o trio argentino **A.N.I.M.A.L.** enjaula-se por conta própria macaqueando Slayer e Sepultura. Nem as bênçãos de Max Cavalera na produção livram a cara do metal panfletário esquerdista de *Poder Latino* (WEA). Em álbum homônimo, o **THEATRE OF TRAGEDY** (Rock Brigade Records) promove uma estranha – e elogiada – alquimia de som pesado, eletrônica e passagens de música clássica. Na mesma praia, *Swallow* (Rock Brigade Records), do grupo lusitano **HEAVENWOOD**, agrada a qualquer paladar: peso, boas harmonias de guitarra e tempero pop/gótico em dosagens corretas.

Carlos Eduardo Oliveira

O amor o escolheu

MAXWELL
Embrya
Columbia/Sony Music

Stevie Wonder foi o primeiro veterano de respeito a matar a charada sobre os novos artistas de soul music. "Eles apenas falam em fazer amor com uma garota de maneira mais explícita." No caso de Maxwell, essa obsessão pelo sexo foi levada a extremos: ele dedicou um disco inteiro a uma noite de prazer (*Urban Hang Suite*, de 1996), estendeu o assunto em *Unplugged*, lançado no ano seguinte, e o mantém ereto neste *Embrya*.

No melhor estilo sussurrante de Paulo Ricardo, Maxwell se derrama. Propõe à amada outra noite animal ("Till We Become The Sun"); diz que ela é muito mais do que "mulher de uma noite só" ("Matrimony: Maybe You" – mesma conversa cafajeste que ele propôs à musa de Urban...) e recheia o ouvinte com uivos de prazer.

Justiça seja feita, Maxwell tem bela voz. O som de *Embrya* é classudo – repare na guitarra jazzística e nas belas estilingadas do baixo tocado por Reggie Hamilton e Chris Carter – e a equipe de colaboradores inclui o brilhante guitarrista e saxofonista Stuart Matthewman, maestro da banda da diva nigeriana Sade Adu. Mas precisa mudar o disco se quiser sobreviver como astro de soul music.

Sérgio Martins Nota 6

Amante à moda antiga

Embrya, seu novo trabalho, tem algum tema central?
Maxwell - Este segundo álbum é como uma carta de amor a Deus. Ele fala basicamente sobre tudo o que eu sinto e o que eu quero fazer. Eu estava em uma busca pela mulher certa. E eu percebi, depois de um ano e meio, que ela simplesmente não existe. Para encontrar a pessoa certa, você tem de se tornar a pessoa certa.

Neste segundo álbum, você tentou escapar da fórmula bem-sucedida do primeiro?
É realmente difícil quando você faz o primeiro álbum, você não significa nada para as pessoas. E então você começa a significar algo para as pessoas, e você tem que colocar isso em um novo álbum. Eu não poderia fazer isso. Eu me sinto diferente de que eu me sentia há um ano e meio. Até um certo ponto, foi como um novo nascimento.

Você tem agora uma preocupação maior com as letras de suas criações?
Eu tento não ser muito over no meu trabalho. Tira a magia de quem vai usá-lo para algum fim. Quando faço uma música, tento não terminar as sentenças, mas deixá-las em aberto para as pessoas interpretarem.

NEI VAN SORIA
Jardim Inglês
Paradoxx

Veterano do rock gaúcho lança disco de baladas

Redimindo-se de seu disco de estréia, *Avalon*, de 1995, Nei Van Soria, ex-integrante dos grupos TNT e Cascavelletes, acerta o passo ao lançar um trabalho de folk rock. *Jardim Inglês* é extremamente melódico, cheio de bons arranjos e letras contemplativas. Van Soria exibe maturidade como baladeiro agridoce. As espertas e sofisticadas "Jardim Inglês" (com referências sutis à princesa Diana), "O Tempo" (com canja de Thedy Corrêa, do Nenhum De Nós), "Vai Chover" e "Tudo Pode Mudar" revelam um compositor acima da média.

Van Soria só derrapa quando insiste nas tendências blues, calcadas em Rita Lee & Tutti Frutti. São os casos de "Disco Voador" (com participação especial do guitarrista angolano Nuno Mindelis), "Vá Pensando" e a dispensável "Fale De Mim".

Hagamenon Brito Nota 7

TANITA TIKARAM
Capuccino Songs
Polydor/PolyGram

Musa de Zelia Duncan derrapa na parte lírica

O exotismo começa pelo nome, segue pela ascendência familiar – a mãe nasceu em Borneu e o pai era quase uma sucursal ambulante da ONU: nasceu nas Ilhas Fiji, morou na Índia, alistou-se no Exército britânico e serviu na Alemanha. É essa confluência cosmopolita que Tanita Tikaram propõe em *Capuccino Songs*. Ao lado do parceiro Marco Sabiu, Tanita não descuida dos arranjos e se mostra agora mais preocupada harmonicamente do que nos discos anteriores – foi de um deles, *Ancient Heart* (1988), que a cantora Zélia Duncan pinçou seu sucesso "Cathedral". Mas letras óbvias em "The Day Before You Came", "Back In Your Arms" e "I Don't Wanna Lose At Love" ofuscam boas soluções instrumentais.

Tanita não ignora o Brasil na sua geléia musical e faz de "Amore Si" uma bossa nova quase típica, apesar do título em italiano. Nada do que está neste trabalho é musicalmente original, mas a artista sabe dar um charme pessoal e fazer das canções prazeres instantâneos. Como um capuccino.

Márcio Pinheiro Nota 6

VÁRIOS
Reggatta Mondatta Vol. II
Ark 21/EMIMusic

Sucessos do Police em reggae parte dois

O primeiro *Reggatta Mondatta*, que tinha artistas como Sly & Robbie e Ziggy Marley traduzindo músicas do Police para o reggae, foi massacrado pela crítica. Mesmo assim, teve boas vendas, a ponto de a gravadora Ark 21 decidir explorar a fórmula mais uma vez. Nesse caso pelo menos, o descompasso entre crítica e público é facilmente explicável: comparadas com as originais, as releituras perdem de goleada, mas nem por isso deixam de dar conta do recado em pistas de dança.

Com o volume 2 a mesma situação se repete. O elenco de intérpretes – entre outros, Aswad ("So Lonely"), Inner Circle ("King Of Pain"), Bim Sherman ("Bring On The Night") e Toots And The Maytals ("Canary In A Coalmine") –, que não é exatamente do mesmo nível da primeira coletânea, também está longe de fazer feio. O destaque é Bim Sherman, o único que conseguiu colocar a sua versão num patamar igual, ou até superior, à "Bring On The Night", de Sting. Andy Summers e Stewart Copeland.

Vitor Paolozzi Nota 7

As meninas sabiam tudo

replay

THE WALKER BROTHERS
Take It Easy With The Walker Brothers Nota 10
Portrait Nota 10
Images Nota 8
Mercury/PolyGram - IMPORTADO

Febre entre as inglesinhas durante três anos e três álbuns (*Take It Easy With...*, de 1965, *Images*, de 1966, e *Portrait*, de 1967, agora relançados com faixas-bônus), os Walker Brothers não eram irmãos. Alias, nenhum dos três se chamava Walker, e um deles, careca, usava peruca. Americanos e bonitões, Scott Engels, John Maus e Gary Leeds invadiram Londres fugindo da concorrência nos EUA. Vieram e, com a ajuda de arranjos orquestrais empombados e lindíssimos, à semelhança da muralha de som que o produtor Phil Spector erguia no pop americano de então, venceram. O repertório, incrustado de baladas preciosas, era basicamente, de segunda mão. O maior sucesso, "The Sun Ain't Gonna Shine Anymore", tinha sido originalmente gravado por Frankie Valli. "Make It Easy On Yourself", de Burt Bacharach, o tema do filme *Os Guarda-Chuvas De Cherbourg* (composto por Michel Legrand), clássicos soul como "Stand By Me", tudo de bom daquela época levava um banho de violinos.

Mas nada faria sentido sem o vozeirão de Scott, um dos mais belos barítonos da história do pop e ídolo-mor de David Bowie (que confessa: chupou suas melhores interpretações dele).

Pedro Só

John, Scott e Gary: falsos irmãos que brilharam no fim dos anos 60

JUNKIE XL
Saturday Teenage Kick
Roadrunner
Eletrônica a serviço do rock pesado

O universo das possibilidades da mistura entre música eletrônica e o rock ainda está em expansão. Principalmente se o autor da química equilibrar batidas matadoras, guitarras pesadas, vocais e apelo dançante – química que o Prodigy cristalizou em *Fat Of The Land*.

O grupo holandês Junkie XL segue a cartilha e aumenta a cobertura pop na sua fusão. O produtor Tom Holkenborg recrutou Dino Cazares (guitarrista do Fear Factory) e Rude Boy (cantor do grupo de funk metal Urban Dance Squad) para o projeto que não tem overdose de samples. *Saturday...* usa como referencial dançante a aceleração das batidas de hip hop que, unidas a grooves e scratches, já marcavam presença no som do UDS, no início dos anos 80.

Os misseis "Billy Cup", "Underachievers", "War" e "No Remorse" são picos de um trabalho conciso, criativo e incapaz de deixar alguém ficar parado numa pista de dança.

Hagamenon Brito Nota 7

EAGLE-EYE CHERRY
Desireless
Polydor/PolyGram
Estréia do irmão da cantora Neneh Cherry

Filho de um grande jazzista o trompetista americano Don Cherry (a quem este disco é dedicado), e irmão de uma famosa cantora pop, Neneh Cherry, o mulato Eagle-Eye (nome verdadeiro, "olho-de-águia", coisa de quem teve pai "alternativo") nasceu na Suécia e morou quinze anos em Nova York, onde tentou carreira como ator. Com ajuda de músicos suecos (um deles, Mattias Torell, brilhante ao violão), ele descobriu seu maior talento e conquistou o primeiro lugar nas paradas de vários países da Europa.

O som, surpreendentemente, é um folk-rock americano bombado e sustentado em bases semi-acústicas. O CD traz boas composições com apelo radiofônico que ousam lembrar Ben Harper. Acima de "Save Tonight" (hit e clipe famoso) destaca-se "Worried Eyes", dueto com a irmã Titiyo, que tem discos cantando em sueco e uma voz muito melhor do que a de Neneh Cherry.

Pedro Sá Nota 7

Único, essencial

replay

PERE UBU
The Modern Dance
Geffen/Universal IMPORTADO

Para enfrentar a atual carência de boas bandas, algumas gravadoras espertas estão apelando para uma saída inteligente: relançar velhos clássicos. Como os do Pere Ubu. A banda é, basicamente, obra de um sujeito só, David Thomas, um dos grandes iconoclastas e inovadores do rock. Ele fundou o grupo na metade dos anos 70 em Cleveland, no meio-oeste americano. É um lugar caipira e moderno ao mesmo tempo, no meio do caminho entre a urbanóide Nova York e a conservadora Kansas. Isso talvez explique a mistureba sonora do Pere Ubu, em que cabem punk, rock de garagem, música eletrônica, minimalismo e até country. O grupo nunca fez parte de nenhum movimento ou tendência. É uma banda única. A prova está em seu primeiro LP, *The Modern Dance* (1978). O disco contém pelo menos dois clássicos: o rockão de garagem "Non-Alignment Pact" e a faixa-título, "The Modern Dance".

André Barcinski Nota 10

Aerosmith

I Don't Want To Miss A Thing

I could stay awake just to hear you breathing
Watch you smile while you are sleeping
While you're far away dreaming
I could spend my life in this sweet surrender
I could stay lost in this moment forever
Every moment spent with you is a moment I treasure

(Refrão)
Don't want to close my eyes
I don't want to fall asleep
Cause I'd miss you baby
And I don't want to miss a thing
Cause even when I dream of you
The sweetest dream will never do
I'd still miss you baby
And I don't want to miss a thing

Lying close to you feeling your heart beating
And I'm wondering what you're dreaming
Wondering if it's me you're seeing
Then I kiss your eyes
And thank God we're together
I just want to stay with you in this moment forever
Forever and ever

(Refrão)

I don't want to miss one smile
I don't want to miss one kiss
I just want to be with you
Right here with you, just like this
I just want to hold you close
Feel your heart so close to mine
And just stay here in this moment
For all the rest of time

© Realsongs/EMI Music Publishing Limited

Em busca do tempo perdido

Eu Não Quero Perder Nada

Eu poderia ficar acordado só para ouvi-la respirando
Olhar você sorrindo enquanto dorme
Enquanto você está bem distante, sonhando
Eu poderia passar toda minha vida nesta doce entrega
Eu poderia ficar perdido neste momento para sempre
Cada momento a seu lado é um momento precioso

(Refrão)
Não quero fechar meus olhos
Não quero cair no sono
Porque eu sentiria sua falta, baby
E eu não quero perder nada
Porque mesmo quando sonho com você
O mais doce dos sonhos não seria o suficiente
Eu ainda sentiria sua falta, baby
E eu não quero perder nada

Deitado perto de você, sentindo seu coração batendo
Perguntando a mim mesmo o que você está sonhando
Perguntando a mim mesmo se sou eu quem você está vendo
Então eu beijo seus olhos
E agradeço a Deus por estarmos juntos
Eu só quero continuar neste momento para sempre
Para todo o sempre

(Refrão)

Eu não quero perder um sorriso
Eu não quero perder um beijo
Eu só quero ficar com você
Bem aqui com você, desse jeito
Eu só quero segurá-la bem perto
Sentir o seu coração bem perto do meu
E ficar aqui neste momento
Para o resto dos tempos

"I Dont' Want To Miss A Thing" é uma das quatro canções do Aerosmith na trilha do filme *Armageddon*, que traz no elenco Liv, filha de Steven Tyler. Ele gravou a musica depois de assistir a uma cena romântica entre Liv e Ben Affleck. A letra ganhou significado especial em sua voz, já que Steven descobriu que era pai de Liv há apenas dez anos. O Aerosmith voltou à estrada depois de acidentes com Tyler (que acertou o próprio joelho com o pedestal do microfone) e com o baterista Joey Kramer (que sofreu queimaduras de segundo grau quando colocava gasolina em sua Ferrari num posto de gasolina).

Stamp Rock Wear
EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA
RECEBA PELO CORREIO
Tel. 011-2997344
Fax 011-2995456
e-mail: stamp@uol.com.br

PREÇOS PREÇOS PREÇOS
01 a 03 camisetas: R$ 19,50
04 ou mais camisetas: R$ 17,50
(preço de cada camiseta)

COMO COMPRAR
OPÇÃO 1: PAGAR AO RETIRAR
Você receberá um aviso de correio para retirar o pagar seu pedido em agência mais próxima de sua casa. Nesta opção o frete você paga pelo correio.
O valor do frete varia de acordo com o peso da encomenda e o local de entrega.
OPÇÃO 2: PAGAMENTO ANTECIPADO
Enviando junto com o seu pedido cheque nominal a STAMP ROCKWEAR, você recebe a encomenda em sua casa. Nesta opção o frete é GRÁTIS.

MALHA 100% ALGODÃO TAMANHOS P,M,G

Envie o cupom abaixo para STAMP ROCKWEAR Rua Heitodora, 321 02922-051 São Paulo SP
Sim, desejo receber a seguinte encomenda:
OPÇÃO 1 ☐ OPÇÃO 2 ☐ SB-15

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:
BANDA FAVORITA:

Rodrigo, Frejat e Fernando, sem medo da luz do sol

Sem sustos eletrônicos

Barão Vermelho
Sesc Itaquera (SP), 26/07

"Vocês são puro êxtase, galera!", gritou Roberto Frejat, ao se retirar do palco com um sincero sorriso de satisfação. Tinha razão. Em pleno inverno paulistano, os 27 graus centígrados proporcionaram um clima perfeito para 10 300 pessoas se deslocarem até a extrema Zona Leste de São Paulo e vibrar com o primeiro show diurno da turnê.

Novas composições, como "Um Lugar Ao Sol", "Vou Correndo", "O Topo Do Mundo", "O Sono Vem" e "Por Você", nessa ordem, foram aprovadas, mas êxtase mesmo rolou com velhos acordes. Pascoal Samora, 30 anos e produtor de cinema, é da tchurma anos 80. "Admiro o Barão por ser uma das poucas bandas que perdeu o líder (*Cazuza*) e conseguiu se sustentar. Hoje todo mundo virou pop, fazer o quê?"

Visual *easy rider*, com cabelos desgrenhados e pesadas jaquetas de couro, Marli Alvares, Amanda Resende, Luis Antonio Forbis e Edson Pinheiro Lima eram representantes da facção mais rock'n'roll (e trintona) dos fãs do Barão. "Entendo melhor um rock do que esses sons estranhos", resmungou Edson.

Mas curtir músicas antigas não é privilégio de quem tem mais de 30. As irmãs Cristiane e Karina Moreira, 16 e 17 anos, já estiveram em "pelo menos sete shows" do grupo, sempre em busca de "Bete Balanço" e "Pro Dia Nascer Feliz" (que abriram e fecharam a apresentação). "Mas não critico a nova fase, é a opção deles", diz Karina.

A corretora de seguros Patrícia Betâ nia, 25 anos, não engoliu muito bem a transformação: "Comigo essa história de tecno e clubber não pegou. Ainda tenho vinis da época do Cazuza". Para seu amigo Wesley Bassualdo, contato publicitário, de 24 anos, ficou tudo bem. "É só o Barão de cara nova, gente! Continua sendo o máximo!" Cláudio Fonseca, 27 anos, dono de confecção, também respeitou a mudança. "Fugiu da história rock'n'roll, né? Já tenho cinco discos e não pretendo comprar esse. Mas vim conferir e gostei."

Luís Carlos Cerqueira, 23 anos, e Janaina Chicoli, 21, fãs incondicionais, carregaram a filha Giovana (1 mês e 20 dias) para seu enésimo show. O casal, de São Miguel Paulista (SP), não se incomodou com o barulho e o calor para o bebê. "Vamos a todos os shows em São Paulo, temos todos os discos. Com a nenêm, é só não entrar na muvuca. Show do Barão é sempre pacífico", descomplicou Luís Carlos.

Leticia Calmon

Frejat, só na água e no moranguinho

De cara limpa

Você acha que o tecno pode ter assustado parte do público do Barão?
Não fizemos um disco tecno. Nosso disco é pop com elementos eletrônicos. No primeiro momento deve ter havido uma certa expectativa. Mas depois as pessoas perceberam que as mudanças foram positivas e identificaram bem o Barão de sempre nesse novo formato.

É complicado ser compreendido pela mídia nessa nova fase?
Eu acho que dificilmente se consegue ser bem transcrito numa entrevista .. É importante que o público saiba que mudamos por uma necessidade artística.

Este show trouxe 2 mil pessoas a mais ao Sesc Itaquera do que a apresentação no mesmo lugar em maio de 1997...
No ano passado tínhamos virado a noite em outro show. Hoje a vibração foi outra. É maravilhoso tocar de cara limpa, com o sol brilhando! Podia tranquilamente ter virado um disco ao vivo!

Easy riders vieram ouvir rock

Giovana chora por Frejat

Cristiane e Karina [illegible] dades Cazuza

Fotos Marcelo X. Ramos

Billy Corgan comandou a massa histérica em mais de duas horas de celebração

Festa estranha com música esquisita

Smashing Pumpkins

Olympia (São Paulo, 16/08)

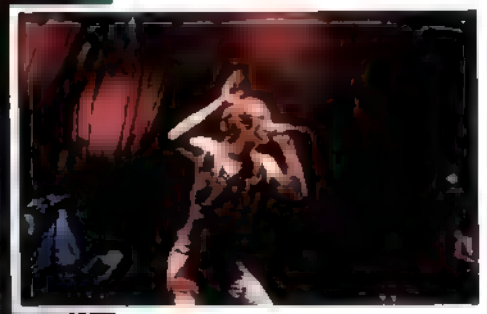
O Smashing Pumpkins apresentou em São Paulo um show radical, sem concessões. Ainda assim, a massa adolescente que lotava o Olympia – garotas em maior número – permaneceu à beira de um ataque de nervos o show inteiro. Sozinho ao violão, o líder/compositor/cantor Billy Corgan surgiu dedilhando "To Sheila", faixa de abertura do novo CD *Adore*. Aí começaram as surpresas. Iluminação propositadamente escassa uma dupla de percussionistas encorpando a pegada eficiente do baterista Kenny Aronoff e a presença personalíssima do piano dissonante de Mike Garson, ex-David Bowie. Imóveis, cabisbaixos, o guitarrista James Iha e a lourissima baixista D'Arcy pareciam ignorar a platéia ensandecida. Subvertendo fórmulas, os Abóboras vestiam as letras deprê de Corgan com surpreendentes roupagens ora heavy metal (com as guitarras de Corgan e Iha desconstruindo os delicados arranjos de *Adore*, ora progressivas, esticando as músicas em longas suítes recheadas de solos individuais. A exceção de "Ava Adore" só após uma hora de show surgiram alguns hits: "Today", "Tonight, Tonight (em versão adulterada), "Bullet With Butterfly Wings".

Sem ligar para o repertório esquisitão, o público cantava o que sabia e o que não sabia. "Quero confessar uma coisa: eu dei um porre no Ronaldinho antes da final com a França na Copa", brincou Corgan, já no bis. O grande sucesso "1979" gerou catarse, anestesiada a seguir com uma releitura de longuíssimos 20 minutos para "Transmission", do lendário grupo pós-punk inglês Joy Division. Com o Smashing Pumpkins é assim: decifra-me ou devoro-te.

Carlos Eduardo Oliveira

Melhor ouvir o disco

Richard Ashcroft, cantor do grupo inglês Verve: parado no palco



The Verve

The Manhattan Center (Nova York, 5/08)

Algumas bandas deveriam fazer apenas shows e desistir de lançar discos novos. Nessa lista entram Rolling Stones, Iron Maiden, Cure e outros, que fazem ótimos shows, mas que não lançam nada de interessante há anos. Esses grupos têm um público fiel, que compareceria mesmo se seus ídolos lançassem um dueto caipira com o Tinrica. Outros grupos, por sua vez, deveriam abdicar de se apresentar ao vivo. E o caso do The Verve.

A formação britânica ganhou todos os prêmios de melhor LP do ano por *Urban Hymns*, ótima coleção de rocks psicodélicos. Mas ao vivo, é preciso carisma, *mise-en-scene* e alguma interação com o público – requisitos que o Verve não possui. Um poste no palco chamaria tanta atenção quanto o vocalista Richard Ashcroft. A banda passa o show inteiro parada, olhando para o espaço e ignorando a galera. Os fãs retribuem com uns olhares de zumbi como não se via desde os filmes de George Romero. Há filas de banco mais animadas que o público do Verve.

Apesar desse tédio, o público, formado por universitários e intelectualóides, parece ter adorado. Ninguém dançou, mas todos prestaram atenção e cantaram as letras com o fervor de discípulos de algum grande filósofo. Há quem goste de pagar 30 pratas para se entediar.

André Barcinski

Agito ska

Millencolin

ONU (São Paulo, 2/08)

O híbrido ska/punk de um semi-desconhecido quinteto sueco levou ao delírio os 500 fãs que lotavam a casa noturna ONU. Antes, a noite havia sido competentemente aberta pelo grupo paulistano Skamoondongos, sempre sinônimo de diversão. Em cena, o Millencolin causou frenesi ao socar seus curtíssimos ska-punks em sequências de tirar o fôlego. O *crowd surfing* (surfar em cima da multidão) e o *stage diving* (mergulho do palco em direção à platéia) foram os esportes favoritos da noite. Um dos pontos altos foi a versão de "Every Breath You Take", do The Police. Em uma hora e meia, os escandinavos provaram que a Califórnia não é a única meca de grupos do gênero.

C.E.O.

Energizados e desencapados

Close Up Planet

Metropolitan (Rio), 20 e 21/8

O Rio tremeu: a passagem do grupo inglês Prodigy pelo palco do Metropolitan encheu de adrenalina as 10 mil pessoas presentes. Pancadaria comendo solta entre a geração jiu-jitsu e, no palco, uma turbina sonora que misturou big beats, hip hop e punk rock num som que transcende rótulos. Com o repertório calcado no último CD, *The Fat Of The Land* –, o repertório do primeiro, *The Prodigy Experience*, mais eletrônico, parece ter sido totalmente esquecido – Maxim Reality (o mais magnético no palco), Keith Flint (a "cara" do grupo) e cia. honraram o aniversariante do dia, o líder Liam Howlett (tecladista e programador), com um showzaço. Foi inesquecível: pela empolgação dos presentes, pelo calor e pela confusão.

Patricinhas fantasiadas de *clubber*, roqueiros deslumbrados com o que supõem ser tecno, e até impúberes fãs de Keith Flint, o Bozo dos Infernos, devem ter saído energizados.

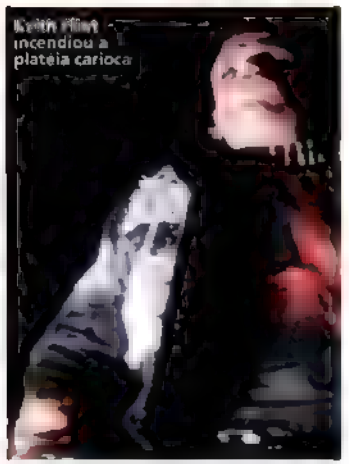
Ainda assim, o tempo de show foi pouco para consumir todo o gás do Prodigy. Howlett ainda participou de uma festa na boate The Case, em Ipanema, onde bebeu sua terceira garrafa de champanhe da noite, acompanhado dos performers Keith, Maxim Reality, Leeroy Thornhill e os músicos contratados Kieran Pepper (bateria) e Gizz Butt (guitarra). "Adorei a *vibe* (vibração) dos brasileiros", comentou o rapper Maxim entre um gole e outro. Keith Flint durou pouco na festa, talvez assustado por ver figuras mais esquisitas que ele próprio no ambiente. Mal se sentou e saiu. Gizz Butt (guitarrista da banda punk English Dogs) preferiu a tietagem animada da cantora carioca e *clubber* de carteirinha Clara Moreno.

Maxim Reality foi o vocalista de maior destaque no Prodigy

Gizz Butt, uma guitarra a serviço da zoeira eletrônica

Sorriso amarelo em São Paulo

Um parafuso de 2 centímetros privou São Paulo de assistir a um show histórico do Prodigy. Ao menos foi essa a explicação oficial da promotora Joker Entertainment, organizadora do Close Up Planet, para o cancelamento da noite paulistana do evento. A tal pecinha se rompeu e, em efeito dom nó, fez a estrutura de ilum nação sobre o palco se vergar, estragando tudo. Apenas um terço dos 30 mil ingressos havia sido vendido.



Keith Flint incendiou a platéia carioca

Nas pick ups da The Case, o DJ Markinhos Mesquita detonou tudo o que não pôde mostrar no palco: no Metropolitan, foi obrigado a tocar fora de cena.

A Nação Zumbi, que abriu para o Prodigy, ainda se ressente da presença de um elemento aglutinador das atenções no palco, mas exibiu tamanha força na percussão que mais parecia uma versão analógica – ou melhor, orgânica – do grupo inglês.

No dia anterior, o DJ Mike Paradinas, que tocou antes da cantora islandesa Björk, havia comandado do palco o drum'n bass experimental de seu projeto p. Ziq. Marcelo D2, atração de abertura, mostrou seus raps diante de uma platéia pequena e teve seu som mal equalizado. Mas compensou em vibração, circulando no meio da platéia e dividindo os vocais com BNegão, do grupo Funk Fuckers.

Intimista demais para o gigantismo do local, o show de Björk com DJ e octeto de cordas foi apreciado, mas só engrenou no final, com os hits dançantes "Pluto" e "Violently Happy".

Houve quem achasse um porre. Aliás, a passagem da cantora pelo Rio incluiu uma carraspana num bar da orla de Copacabana – ela acabou cantando "Travessia", de Milton Nascimento – um encontro com o cantor mineiro e circuladas por Santa Tereza com uma "amiga de infância".

André Gordirro

Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo.
Redação e Correspondência: [illegible]

[illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
PERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
[illegible]
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
[illegible]
Esportes
[illegible]
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
[illegible]
Decoração e Arquitetura
[illegible]
Entretenimento
[illegible]

Revista Showbizz, Edição 157, Agosto de 1998 [illegible]

ANER [illegible] IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Mande suas demos e CDemos para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Espeto Corrido

Bom minuano sopra no prolífico rock gaúcho. O novo som dos pampas tem country, samba, surf music, funk...

Ultramen

Musica negra made in Porto Alegre. Balança desde 1991 um sungue regado a guitarraços roqueiros, rap, funk, empréstimos do síndico Tim Maia e flertes com musica eletrônica. O vocalista Tonho Crocco foi da penúltima formação do DeFalla (com o nome D.Falla). Contratado pela gravadora carioca Rock It!, o quinteto estréia em CD com produção de Gustavo Dreher e o tempero carioca de Pedro Luis E A Parede no single "Voa A Mais De Cem"
Contatos: (051) 222-3977 e ultramen@portoweb.com.br

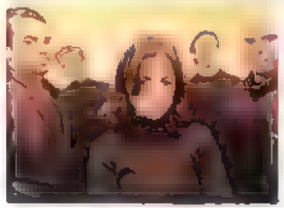
Cowboys espirituais

Se Lou Reed e Roberto Carlos (o antigo, dos tempos de Jovem Guarda) integrassem a mesma banda e dedilhassem baladas nas frias noites de inverno sulista, seriam os Cowboys Espirituais. Velho mito do rock gaúcho (tem como semente o finado Expresso Oriente, do hit "Uma Mulher"), o trio agrega country a harmonias britpop (o rock inglês dos anos 90) e unge a mistureba com citações setentistas, folk music e a já mencionada Jovem Guarda, num dos melhores e mais originais combos sonoros abaixo do Paraná. Já assinou com a gravadora Trama e solta o primeiro CD ainda no segundo semestre.

Walverdes

A verdadeira tradução de uma banda de garagem sulista. Urgência roqueira microfonia segundo a cartilha dos reis do noise, Sonic Youth e total despretensão. O quarteto já tem um CD independente lançado e se prepara para uma segunda incursão "mais trabalhada" como eles dizem.
Contatos: mm @opensite.com.br

Argonautas



Tramandaí (a mais popular praia gaúcha) não é nenhuma Califórnia, mas a surf music dos Argonautas merece surfar mares mais radicais. O grupo é instrumental e honra o passado dos inspiradores Dick Dale e Beach Boys (os cânones do gênero), agregando à sua proposta um leve tempero latino por meio de MPB e violas caipiras típicas do interior paulista. De quebra, o baixista Regis Sam é um dos melhores músicos da cena gaúcha.
Contatos: (051) 228-8132 e regis.d@compujob.com.br

MUDE SEU ESTADO!

" O TURCO LOCO é um ótimo representante para o surf e tem peito de colocar seu nome pra representar a galera" Otaviano "Taiu" Bueno - surfista profissional e colunista de surf

TURCO LOCO
DEPES ADCAL
45288

ADIVINHA QUE REVISTA O RICHARD GERE NÃO VAI COMPRAR EM SETEMBRO?

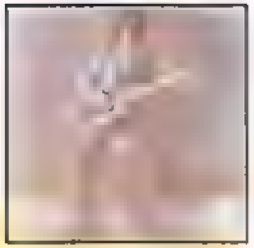
Cindy Crawford em fotos inéditas. Já nos bancos.

PLAYBOY
As melhores coisas da vida.
www.playboy.com.br

Técnica sem tédio

Jeff Beck, o guitarrista dos guitarristas, faz obra-prima do jazz rock

Jeff Beck dá uma aula movimentada



Performance

Ano de lançamento:
1975
Produção:
George Martin
Musicas.
"It Really Doesn't Matter" • "She's A Woman' • "Constipated Duck" • "AIR Blower" • "Scatterbrain" • "Cause We've Ended As Lovers" • "Thelonius" • "Freeway Jam" • "Diamond Dust"

O álbum alcançou o quarto lugar na parada americana, proporcionando a Beck o seu primeiro – e único – disco de ouro. A "fase instrumental" de Jeff se estendeu até 1980. Depois, ele se afastou do meio musical durante mais de meia década, para retornar com o disco Flash (1985), puxado por "People Get Ready", com Rod Stewart no vocal • Jeff Beck se apresenta em outubro no Brasil, no Free Jazz Festival.

Blow By Blow
Jeff Beck

Até então, 1975, Jeff Beck já havia emplacado uma obra-prima: *Truth*, álbum de estréia do Jeff Beck Group, de 1968, clássico do rock pesado, com tonalidades psicodélicas. Na segunda metade dos anos 70, o "guitarrista dos guitarristas" (epíteto criado para designar a tremenda influência exercida por Beck entre aqueles que se dedicam ao instrumento) passou por uma tediosa fase jazz-rock ao se associar ao tecladista Jan Hammer e ao baterista Narada Michael Walden. Mas antes disso ele compôs outra obra-prima: *Blow By Blow*, disco que inaugurou seu "período instrumental".

Trata-se de um verdadeiro monumento à música bem tocada, em que se fundem idéias geniais de rock, jazz, soul e funk, perfeitamente combinadas pelo som único da guitarra de Jeff. Ele convocou para produzir o álbum George Martin, artífice das maravilhas beatles. Talvez por isso, a versão para "She's A Woman", de Lennon e McCartney, seja um dos momentos mais cativantes do disco. Sobre uma base puxada para o reggae, a guitarra "canta" o refrão articulado pela voz de Jeff por meio de uma *talk box* (pedal com um tubo que conduz o som até a boca do instrumentista, onde é alterado pelos movimentos labiais).

Outros pontos se destacam, da abertura, com o funk rasgado de "It Doesn't Really Matter", até a faixa de encerramento – "Diamond Dust", com solos incríveis pontuados pelo arranjo de cordas feito por Martin –, Beck se entrega com fervor ora ao fraseado de jazz rock ("AIR Blower", "Scatterbrain"), ora ao espírito da soul music – em duas canções de Stevie Wonder: "Cause We've Ended As Lovers" e "Thelonius". Sem contar o ritmo frenético imposto por "Freeway Jam", tema perfeito para ouvir no toca-discos de um carro, pegando uma auto-estrada.

Beck criou uma maneira de tocar inconfundível, expandindo os recursos da guitarra elétrica com solos precisos que aliam técnica e emoção, além de se utilizar como poucos dos efeitos e dos pedais para dar novas cores ao som do instrumento. E *Blow By Blow* ainda é uma prova cabal das peripécias que o cara é capaz de fazer com uma Gibson Les Paul nas mãos.

Celso Pucci

"Este disco é mag co. Tem produçao de George Martin, musicas de Stevie Wonder e a guitarra poderosa de Jeff Beck. Acho que ele foi o único artista para quem eu pedi autografo em toda a minha vida!"
(Dave Murray, Iron Maiden)

GENTE CAÍ FORA.

STRADERO

JUNHO 1985

BIZZ

ALL THAT JAGGER!

O NOVO ROCK ALEMÃO

AO VIVO

DI.ET RIOT SP

THE FIRM NY

DUNA, O FILME

ENTREVISTA EXCLUSIVA

RITA LEE

PROMOÇÃO

VÁ VER OS STONES EM NY

DAVE LEE ROTH

POSTER

GRÁTIS

TRAILER-DISC

TRECHOS DAS NOVISSIMAS GRAVAÇÕES

PRINCE

TITÃS

POWER STATION

E OUTROS MAIS

SHOWBIZZ

BIZZ

HEAVY

EXCLUSIVO:

Biff fala sobre o

METALLICA

A VITÓRIA DA NOVA GERAÇÃO

DEEP PURPLE
A FICHA COMPLETA

HEAVY BRASILEIRO:
SEPULTURA • MÁSCARA DE FERRO
VULCANO • DORSAL ATLÂNTICA

POSTER DUPLO:
YNGWIE MALMSTEEM
IRON MAIDEN

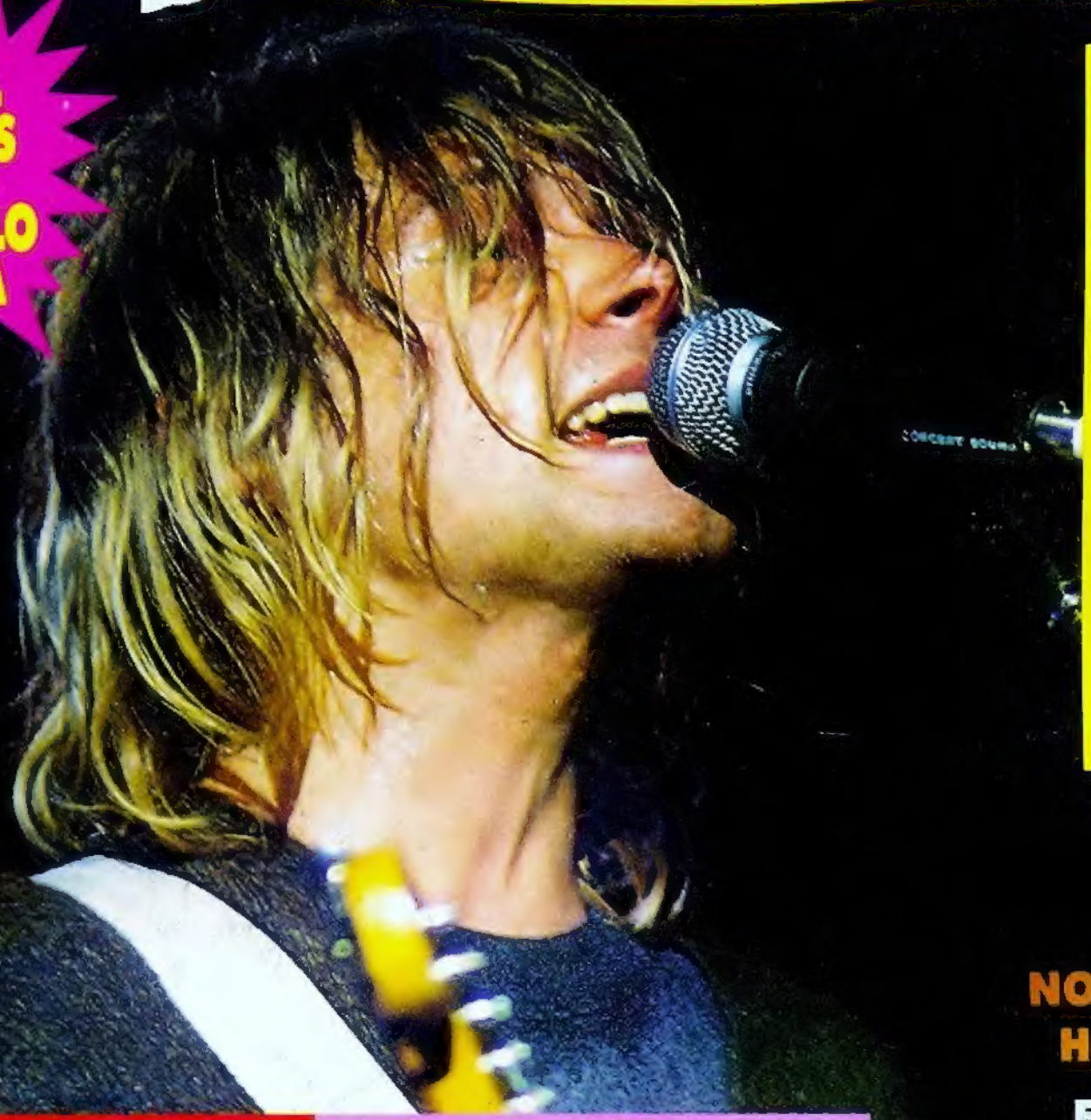
Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea)

OS INDICADOS PARA OS "MELHORES DO ANO"!

EDITORA AZUL

BIZZ

RAUL SEIXAS POR MARCELO NOVA



RED HOT CHILI PEPPERS

magia sexual para iniciantes

NOS BASTIDORES DO HOLLYWOOD ROCK

ENTREVISTAS COM
SEBASTIAN BACH
JESUS JONES
SEAL EMF
EXTREME

SEATTLE EXCLUSIVO

NIRVANA

OS GUERRILHEIROS OCUPAM O PALÁCIO

Uma visita ao camarim da banda que destronou Guns Michael Jackson e U2

5561 • MARÇO, 1992 • ANO 08 • N.º 3 • EDIÇÃO 80 • Cr$ 5.800,00

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM BOY GEORGE

Nº 2
SETEMBRO 1985
Cr$ 2.500

BIZZ

PROMOÇÕES:
1000 LPs e
15 MICROS!

MADONNA
NO ESCURINHO
DO CINEMA

JOPLIN e HENDRIX
15 ANOS DEPOIS

OS BASTIDORES DO
LIVE AID

CAZUZA X LOBÃO

E MAIS: TEARS FOR FEARS, TALKING HEADS, RPM, LETRAS, VIDEO, CINEMA!

STING
POSTER

Manaus, Santarém, Rio Branco, Ahamire, Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Ji-Paraná, Sinop, Alta Floresta (via aérea) Cr$ 12.400 - 5581

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM NINA HAGEN

EDITORA ABRIL

N.º 3
OUTUBRO 1985
Cr$ 12 500

BIZZ

PROMOÇÃO:
GANHE 1000 LPs

JAGGER & BOWIE
O duelo do século

LED ZEPPELIN
A verdadeira história

ULTRAJE A RIGOR
Agora falando sério

DURAN DURAN
Acabou?

JAMES DEAN
30 anos sem ele

POSTER
TINA TURNER

E MAIS: PAT METHENY, CAMISA DE VÊNUS, TIM MAIA, MILES DAVIS, LETRAS, VÍDEO, EQUIPAMENTO

STEVIE WONDER NO ENTREVISTÃO

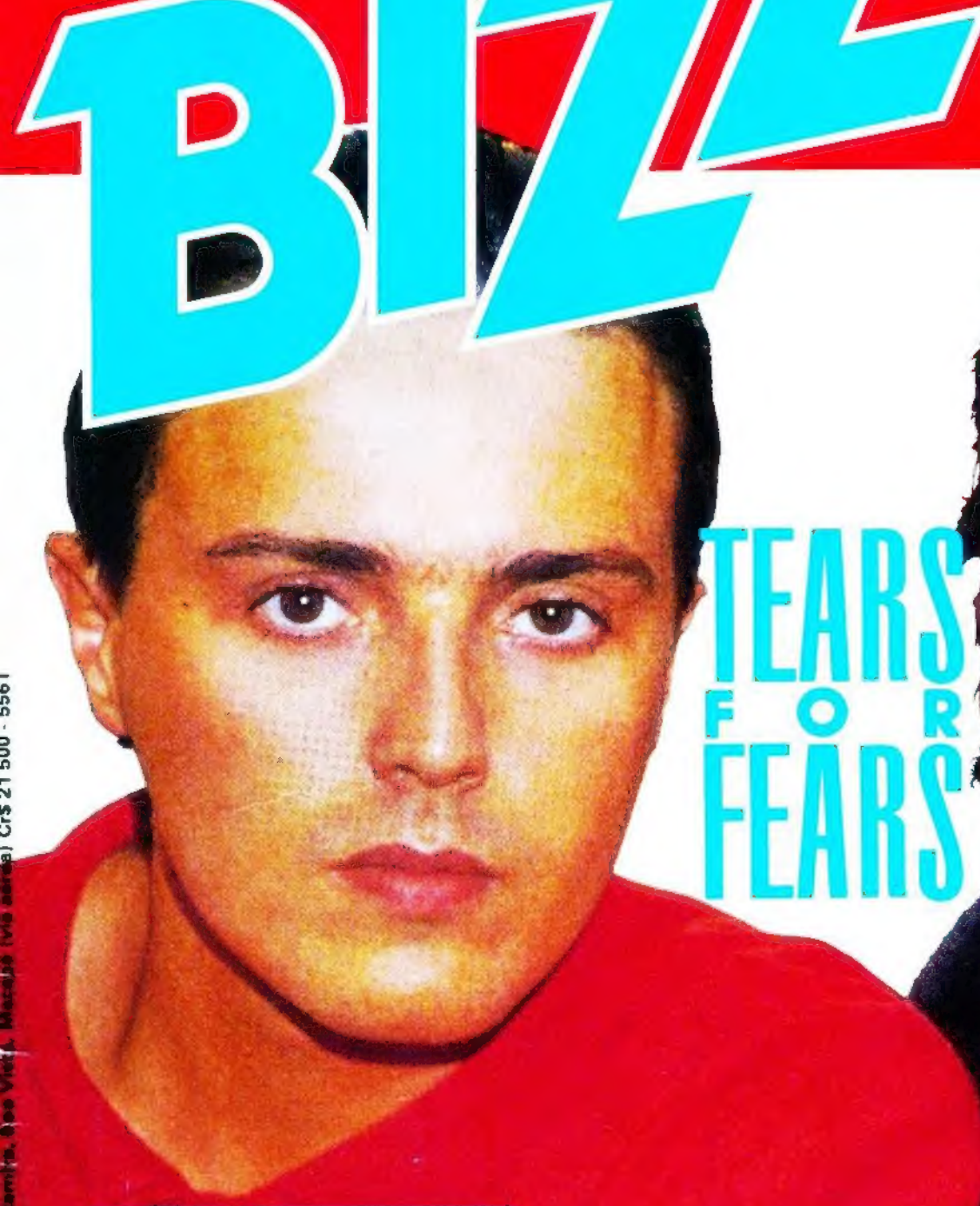
EDITORA ABRIL

Nº 6
JANEIRO 1986
Cr$ 18 500

BIZZ

GRÁTIS

CALENDÁRIO DO ROCK



TEARS FOR FEARS

CHOQUE!!
O PLÁGIO DO ULTRAJE (PLÁGIO?)

RITA LEE
DISCO NOVO, VIDA NOVA

RAUL SEIXAS
"FUI TORTURADO NO GOVERNO GEISEL"

MADONNA ■ LULU SANTOS ■ SMITHS ▶ VOTE NOS MELHORES DE 85

Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira, Boa Vista, Macapá (via aérea) Cr$ 21 500 - 5561

Rock & Quadrinhos Scans